

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

TATIANA CARILLY OLIVEIRA ANDRADE

**ENSINO DO TELEJORNALISMO EM GOIÁS:**

FORMAÇÃO ACADÊMICA COMO GARANTIA DA QUALIDADE DA INFORMAÇÃO  
TELEJORNALÍSTICA COMPROMETIDA COM O EXERCÍCIO DA CIDADANIA?

GOIÂNIA, 2011



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação na (CIP)  
GPT/BC/UFG**

A553e Andrade, Tatiana Carilly Oliveira.  
Ensino do Telejornalismo em Goiás [manuscrito]:  
formação acadêmica como garantia da informação  
telejornalística comprometida com o exercício da cidadania?  
/ Tatiana Carilly Oliveira Andrade. - 2011.  
141 f.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Carolina R. P. Temer.  
Dissertação (Mestrado) ± Universidade Federal de Goiás,  
Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia, 2011.  
Bibliografia.  
Anexos.

1. Telejornalismo ± Goiás (Estado). 2. Telejornalismo ±  
Ensino. 3. Cidadania. I. Título.

CDU: 070(817.3)



Universidade Federal de Goiás  
Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação

Dissertação intitulada “*Ensino do Telejornalismo em Goiás: formação acadêmica como garantia da qualidade da informação telejornalística comprometida com o exercício da cidadania?*”, de autoria da mestranda Tatiana Carilly Oliveira Andrade, apresentada ao curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do grau de mestre, aprovada em 05 de maio de 2011 pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Profa. Dr<sup>a</sup>. Ana Carolina R. P. Temer – FACOMB/UFG – Orientadora

---

Prof. Dr. Magno Luiz Medeiros da Silva

---

Profa. Dr<sup>a</sup>. Mônica Aparecida

Goiânia, maio de 2011

A essa força desconhecida -"DEUS"-, que invade o nosso ser e nos leva a buscar o conhecimento, dando-nos a oportunidade de percorrermos o caminho do processo do ensino-aprendizado, de forma a nos tornarmos seres melhores colocando isso a favor de uma sociedade mais humana e democrática.

Aos meus pais Walter Queiroz de Andrade e Jaziva Aparecida de Oliveira Andrade, que sempre contribuíram para que eu me tornasse uma pessoa melhor, me embalando quando ainda não existiam passos próprios e incentivando desde que esses se iniciaram.

Ao meu irmão Adriano de Oliveira Andrade, que sempre torceu infinitamente pelo meu sucesso.

Ao Pequeno, que acompanhou minhas noites e madrugadas de estudos para conseguir me tornar aluna do curso de Mestrado da FACOMB-UFG.

Ao meu marido Arnaldo Cardoso Freire, que sempre me estimulou a buscar o conhecimento, dando todo o apoio para que eu conseguisse concluir essa etapa tão importante da minha vida acadêmica.

À minha pequena Nice, cuja existência traz o puro sabor de aprendizado.

Aos professores que ministraram as disciplinas do curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da UFG (FACOMB-UFG), contribuindo significativamente para o desenvolvimento desse trabalho e para o meu aprofundamento de conhecimentos na área da comunicação social: em especial, à prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Carolina Rocha Pessoa Temer, minha orientadora, que levarei por toda a vida como referência de pessoa, profissional e pesquisadora; prof. dr. Luiz Antônio Signates Freitas; prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria de Fátima Garbelini; prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Luiza Martins de Mendonça.

Aos professores Dr. Magno Luiz Medeiros da Silva e Dr<sup>a</sup>. Cleide Aparecida Carvalho Rodrigues que participaram da banca de qualificação desse trabalho, apontando minhas inúmeras falhas, elogiando os acertos e orientando os caminhos possíveis a serem percorridos nesse processo de ensino-aprendizado tão específico e presente nos cursos de mestrado.

Em especial, ao professor aposentado da FACOMB-UFG Dr. Joãomar Carvalho, pela amizade, pelo incentivo, pelas orientações, pela luz que norteou todo esse processo do curso de Mestrado.

Ao Secretário do curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação da FACOMB-UFG Thomaz Santana, profissional extremamente dedicado e grande incentivador do aprimoramento intelectual dos alunos do curso.

## RESUMO

ANDRADE, Tatiana Carilly Oliveira. **Ensino do telejornalismo em Goiás: formação acadêmica como garantia da qualidade da informação telejornalística comprometida com o exercício da cidadania?** Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

Esta dissertação analisa o ensino do telejornalismo em Goiás, a partir da estrutura dos cursos de jornalismo de quatro instituições privadas e da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia, da UFG, todas em Goiânia-GO. Trata-se de um trabalho pioneiro nessa área, visto que não há estudos referentes ao tema no Estado. A idéia deste estudo partiu das premissas de que o jornalismo de TV é considerado na sociedade do conhecimento e da informação como uma mídia extremamente poderosa, que atua juntamente com outros subsistemas na “construção da realidade social”, podendo ser usada como aliada na busca pelo exercício da cidadania e de uma sociedade democrática. Ele se inspira ainda na idéia de que o ensino acadêmico do telejornalismo pode contribuir para que isso ocorra.

Procuramos verificar se estas instituições de ensino estão formando jornalistas para atuarem em TV, capazes de produzir informação de qualidade, que possibilite ao telespectador exercer sua cidadania. Isto foi feito por meio da análise dos seus projetos pedagógicos de cursos (PPCs) - matrizes curriculares, planos de curso e ementas de telejornalismo – verificando sua consistência, seu alcance e sua eficácia no processo de formação destes profissionais.

Esta metodologia adotada abriu caminho para discussões relevantes sobre qualidade da informação produzida pelo jornalista de TV ligada à questão da cidadania, sobre a prática e a reflexão acerca do processo de produção de notícias na TV e, por fim, sobre a própria formação do profissional que vai atuar em telejornalismo. Para isso, o trabalho se apoiou em autores da área da Comunicação Social e da Educação, especialmente, em Paulo Freire.

Palavras chaves: Ensino. Telejornalismo. Qualidade. Cidadania.

## ABSTRACT

ANDRADE, Tatiana Carilly Oliveira. **Teaching in tv journalism Goiás: academic education as a guarantee of the quality of information in tv journalism committed to the exercise of citizenship?** Thesis (Master's degree) – Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

This work investigates the teaching of television (TV) journalism in the state of Goiás, from the analysis of the course structure in four private faculties and also in that employed in the Faculty of Communication and Library at the Federal University of Goiás (UFG, Goiânia – GO). This is a pioneering research work because there is no published related work focusing upon the context of the state of Goiás. The motivation for this work is based on the fact that TV journalism is considered to be an extreme powerful means of communication in the information society. TV journalism acts in harmony with other subsystems in the “development of a social reality”, hence it can be seen as an ally in the search for citizenship and a democratic society.

In our study we verified whether these educational institutions are educating TV journalists capable of producing high quality information, which enables viewers to exercise their citizenship. In order to do this, the teaching course projects (i.e., the curriculum and course plans of TV journalism courses) were analyzed through their consistency, scope and effectiveness in the educational process of these professionals.

The adopted methodology allowed for relevant discussions and conclusions regarding the quality of information produced by the TV journalist with regard to the citizenship issue, about the production process of news on TV, and also about the education of the future professional who will work on TV journalism. The main basis for the development of the study was related work of relevant authors in the area of Social Communication and Education, such as Paulo Freire.

Keywords: Education. TV journalism. Quality. Citizenship.

# SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
1.1 HISTÓRIA DA TV NO BRASIL .....	20
1.2 HISTÓRIA DO TELEJORNALISMO NO BRASIL .....	24
1.3 HISTÓRIA DA TV E DO TELEJORNALISMO EM GOIÁS .....	33
<b>2 REFLETINDO SOBRE O TELEJORNALISMO E O SEU ENSINO</b> .....	<b>37</b>
2.1 TELEVISÃO E TELEJORNALISMO – MCM? .....	37
2.2 TELEVISÃO E O SEU PRODUTO TELEJORNALÍSTICO: A FORÇA DA IMAGEM A SERVIÇO DA CIDADANIA .....	42
2.3 TELEJORNALISMO E INFORMAÇÃO DE QUALIDADE .....	51
2.4 ENSINO DO TELEJORNALISMO .....	60
<b>3 UM RAIOS DO ENSINO DO TELEJORNALISMO GOIANO</b> .....	<b>74</b>
3.1 ENSINO DO TELEJORNALISMO EM GOIÁS .....	74
3.2 PROJETO PEDAGÓGICO E MATRIZ CURRICULAR DO CURSO DE JORNALISMO DA UFG.....	75
3.2.1 <i>A disciplina de telejornalismo na UFG</i> .....	79
3.3 PROJETO PEDAGÓGICO E MATRIZ CURRICULAR DO CURSO DE JORNALISMO DA PUC-GOIÁS .....	81
3.3.1 <i>A disciplina de telejornalismo na PUC-GO</i> .....	84
3.4 PROJETO PEDAGÓGICO E MATRIZ CURRICULAR DO CURSO DE JORNALISMO DA FACULDADE ARAGUAIA (FARA).....	86
3.4.1 <i>A disciplina de telejornalismo na FARA</i> .....	89
3.5 PROJETO PEDAGÓGICO E MATRIZ CURRICULAR DO CURSO DE JORNALISMO DA FACULDADE SUL AMERICANA (FASAM) .....	91
3.5.1 <i>A disciplina de telejornalismo na FASAM</i> .....	94
3.6 PROJETO PEDAGÓGICO E MATRIZ CURRICULAR DO CURSO DE JORNALISMO DA FACULDADE ALVES FARIA (ALFA).....	96
3.6.1 <i>A disciplina de telejornalismo na ALFA</i> .....	97
3.7 ANÁLISE COMPARATIVA .....	99
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>113</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>122</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>129</b>



## 1. INTRODUÇÃO

“Faculdade é importante, mas telejornalismo só se aprende fazendo”. Quantos estudantes de jornalismo já não ouviram essa frase quando se depararam com as exigências do mercado de trabalho? O jornalismo de TV encanta muitas pessoas que vão à busca do aprendizado desse ofício de grande relevância social. Porém, alguns profissionais da área se consagraram no próprio mercado, sem freqüentarem um curso superior de Jornalismo, o que, de certa forma, ajuda a corroborar a idéia de que o jornalismo, e mais especificamente, o telejornalismo se aprende, de fato, no mercado, descartando a necessidade de uma formação acadêmica. Porém, vários estudos apontam para a importância da atividade da mídia jornalística e do veículo televisivo na sociedade da informação<sup>1</sup>, indicando a necessidade de uma formação acadêmica que atenda tanto as questões teóricas, quanto à prática do exercício da profissão. Além disso, nos últimos anos, o número de curso de graduação em jornalismo cresceu. Em Goiás, por exemplo, até o ano 2000 somente a Universidade Federal de Goiás se dedicava ao ensino do jornalismo. Hoje, já são cinco faculdades que oferecem o curso de graduação nessa área.

Em se tratando do jornalismo de TV, especificamente, o campo de atuação para profissionais nessa área também se abriu no estado de Goiás, com a implantação de novas emissoras, como a TV UCG, TV UFG, Rede Vida, além de possibilidades alternativas como WebTV do jornal Diário da Manhã, o canal regional da TV por assinatura NET. Foi nesse contexto que estudantes de graduação e profissionais do Jornalismo, em Goiás, receberam a decisão do Supremo Tribunal Federal, em 2009, de suspender a exigência do diploma de jornalismo para o exercício da profissão. Esse fato não é objeto desse estudo, mas acaba trazendo à luz questões e discussões pertinentes ao tema dessa

---

<sup>1</sup> Sociedade da informação: sociedade que recorre predominantemente às tecnologias da informação e comunicação para a troca de informação em formato digital, suportando a interação entre indivíduos e entre estes e instituições, recorrendo a práticas e métodos em construção permanente. (GOUVEIA e GAIO, 2004).

pesquisa que é a formação acadêmica do telejornalista e sua relação com a qualidade da informação comprometida com o exercício da cidadania.

Sabe-se que o telejornalismo tem características próprias que devem ser levadas em conta no processo de ensino-aprendizado. É um produto televisivo que nos últimos anos vem sofrendo alterações devido a pressão pela busca de audiência e aos avanços tecnológicos, que possibilitam formatos cada vez mais criativos com utilização de animações, edições com formatos mais leves, cenários virtuais, simulações da realidade. Enfim, o que se percebe é que o telejornalismo “sisudo” de antigamente, aquele da era do rádio, vem sofrendo mudanças e ganhando novos traços. A fonte maior de informações sobre os acontecimentos diários mistura, atualmente, o gênero jornalístico ao entretenimento. Eugênio Bucci analisa o fenômeno da seguinte forma:

Em muitas ocasiões o que ele (jornalismo de televisão) exhibe como informação é pura promoção de espetáculo em assuntos tão diversos quanto saúde, política, meio ambiente ou ciência. O que determina que assim seja não é apenas a troca de favores (de influência, de servidão) entre as empresas de televisão e outros núcleos de poder, mas é principalmente a necessidade do telejornalismo de proporcionar gozo. Cada dia mais, acima da tarefa de buscar e difundir a informação, o telejornalismo se vê forçado a produzir e montar o circo. (BUCCI, 1998, p.23)

Outra peculiaridade é que devido ao jornalismo de TV ser um produto audiovisual que se insere em uma grade de programação de uma emissora televisiva, cuja concessão de canal é dada pelo governo, ele pode, muitas vezes, ser usado para atender a interesses políticos e econômicos diferentes dos anseios de grande parte da população, de forma a até impedir o exercício da cidadania e o seu ápice que é a conquista da democracia. Isso pode ocorrer, também, porque os interesses e a atividade central das emissoras de TV não são o jornalismo. Além disso, no veículo televisivo, no Brasil, o jornalismo é um produto que encontrou espaço, inclusive, mas não somente, por força de lei.

O artigo nº 221 da Constituição Federal de 1988, por exemplo, diz que a produção e programação das emissoras de rádio e TV devem atender preferencialmente a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas.

De acordo com a legislação brasileira, a escolha dos concessionários deve ser feita por meio de licitação, sendo que o decreto nº 2.108 de 1996,

Estabeleceu para o critério de pontuação que 40% dos pontos da licitação vêm do prazo para iniciar a execução do serviço em caráter definitivo – enquanto 30% vêm do tempo destinado a programas culturais, artísticos e jornalísticos gerados na localidade; 15% do tempo destinado a programas jornalísticos, educativos e informativos e 15% do tempo destinado a serviço noticioso. (BARBOSA, 2007).

Porém, a legislação brasileira, no que diz respeito à comunicação, está longe de ser cumprida devidamente. Historicamente o que se vê é que as concessões de canais nem sempre atendem aos processos de licitação, mas sim a interesses políticos e econômicos e, também, que muitas vezes o tempo mínimo obrigatório para a veiculação de produtos jornalísticos não é seguido. Isso fere a Constituição de 1988 e conseqüentemente está no caminho inverso ao da democracia.

Nesse contexto, surgem as seguintes questões: se o telejornalismo se sujeita ao veículo em que se insere, no caso à televisão, e se essa por sua vez atende à indústria do espetáculo, a interesses políticos e econômicos, que nem sempre são os mesmos da maioria da população, como produzir um jornalismo de TV comprometido com a ética jornalística, com informação de qualidade que contribua para o exercício da cidadania? Dentro dessa perspectiva, como deve ser a formação do profissional que vai atuar em telejornalismo? Como deve ser sua formação considerando ainda que sejam grandes os seus desafios, visto que o jornalismo na TV tem características próprias, que muitas vezes não se coadunam com as características do próprio jornalismo, ferindo preceitos éticos fundamentais à garantia do exercício da cidadania por parte da população que tem acesso às informações prestadas por esse apenas por esta mídia?

Diante da relevância desse produto audiovisual para a sociedade atual torna-se extremamente importante e necessário um estudo aprofundado do ensino do telejornalismo. Por isso, a proposta foi trabalhar nessa pesquisa o seguinte tema: o ensino do telejornalismo em Goiás e sua relação com a qualidade da informação comprometida com o exercício da cidadania. Seu objeto de estudo foi o ensino do telejornalismo pelas instituições de ensino superior goianas e o objetivo principal foi analisar o ensino do telejornalismo

oferecido pelos cursos de graduação das faculdades de jornalismo goianas, verificando sua relação com a qualidade da informação comprometida com o exercício da cidadania. Secundariamente, a pesquisa contemplou outros objetivos, como o de verificar se o meio acadêmico está priorizando a técnica em detrimento da teoria, se rendendo a pressão do mercado de trabalho; verificar se os cursos de graduação em Jornalismo, oferecidos pelas IES goianas, estão preocupados com a formação para o mercado e/ou para a cidadania; investigar se a suspensão da exigência do diploma para o exercício da profissão do jornalismo pode afetar a qualidade do jornalismo e da informação prestada por meio desse ofício; analisar as convergências e diferenças entre os cursos de jornalismo oferecidos pelas distintas instituições de ensino superior em jornalismo, no estado de Goiás.

A partir disso, buscou-se responder esta questão-problema:

**O ensino do telejornalismo pelas instituições de ensino superior goianas contribui para que a informação prestada por telejornais locais tenha, além de qualidade, o compromisso com o exercício da cidadania?**

Assim, o intuito dessa pesquisa foi realizar uma análise aprofundada do ensino do telejornalismo nas instituições de ensino superior goianas, tanto públicas, quanto privadas. Isso levantou discussões importantes sobre questões pertinentes, que buscaram verificar até que ponto o conhecimento adquirido nas IES goianas garantem a qualidade necessária da informação para que o telespectador possa exercer sua cidadania; analisar como o mercado de trabalho telejornalístico interfere nas instituições de ensino e vice-versa; observar até que ponto uma formação sólida, que une teoria à prática, pode ajudar o profissional de telejornalismo a sair das amarras impostas pela própria rotina do processo de produção de notícias e pelo sistema organizacional ditado por subsistemas econômicos e políticos aos quais as empresas de comunicação se sujeitam.

Dessa forma, a hipótese principal deste trabalho é:

**As faculdades de comunicação que ensinam jornalismo, em Goiânia, estão instrumentalizando os alunos para preservar os compromissos do telejornalismo com o exercício da cidadania.**

Sendo que as hipóteses secundárias são:

- As faculdades de comunicação que ensinam jornalismo, em Goiânia, estão dando a formação necessária para os alunos atuarem de forma prática no telejornalismo.

- As faculdades de comunicação que ensinam jornalismo, em Goiânia, estão dando a formação teórica necessária sobre telejornalismo, ética e compromissos sociais.

- As faculdades de comunicação que ensinam jornalismo, em Goiânia, estão dando a formação adequada às necessidades do mercado de trabalho local.

Levando em conta, também, hipóteses como essas é que se justifica esse estudo, que na tentativa de buscar respostas abre discussão inédita, visto que não há registro de pesquisa sobre esse tema no estado de Goiás. A graduação em jornalismo era oferecida, desde 1968, apenas pela Universidade Federal de Goiás. Esta realidade perdurou até o início do novo milênio, quando instituições privadas começaram a oferecê-lo. Hoje, na capital goiana, há mais quatro Instituições privadas de Ensino Superior (IES) que se dedicam ao ensino de jornalismo: Faculdade Araguaia (FARA), Faculdades Alves Faria (ALFA), Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO) e Faculdade Sul-Americana (FASAM). Essas cinco instituições apresentam na grade curricular a disciplina Telejornalismo, sendo que algumas delas oferecem também disciplinas relacionadas à área de áudio e vídeo que complementam a formação do futuro profissional da área telejornalística.

Procuramos fazer a análise deste processo de formação dentro da visão e da compreensão da sociedade da informação e do conhecimento, em que as questões da cidadania e do poder da mídia são percebidas como interfaces de uma grande batalha social e política. Sabemos que a mídia, como subsistema que ajuda a construir realidades sociais, interfere e, ao mesmo tempo, sofre a influência dos outros subsistemas – políticos, econômicos, sociais, culturais –, sendo ferramenta que contribui para a exibição, a busca e até o alcance do exercício da cidadania e da democracia, embora sujeita aos ditames de sua própria complexidade.

Sabe-se que a formação do telejornalista está associada à teoria e prática do “fazer telejornalístico” e de suas interferências e conseqüências no meio social. Dessa forma, o ensino do telejornalismo deve ser repensado,

levando em conta o novo contexto sócio-cultural, que apresenta constante avanço tecnológico e o fortalecimento da democracia, no qual o próprio jornalismo tem papel importante. O jornalismo tem o compromisso de informar/formar os cidadãos, através de um meio extremamente hegemônico e, por isso mesmo, com grande capacidade de influência social e política, sendo responsável pela formação da opinião pública nacional. Para AZEVEDO (2004, p. 58), “os meios de comunicação converteram-se em protagonistas ativos de um sistema social que logo os equiparou aos sistemas de governo, executivo, legislativo e judiciário, passando a ser designado como o ‘quarto poder’”.

O jornalismo de TV tem um papel relevante também na construção social da realidade. Gaye Tuchman (1980) afirma que as notícias organizam a realidade cotidiana, definindo, redefinindo, constituindo e reconstituindo os significados sociais e também as maneiras de agir. Alfredo Vizeu (2005) define o telejornalismo como sendo a nova praça pública, numa referência à *ágora* da Grécia antiga, onde as pessoas debatiam os assuntos de interesse público. O pensador francês Dominique Wolton (2004) alerta para a função de laço social desempenhada pelos noticiários televisivos. Segundo ele, os laços primários, que se relacionam à família, à religião, à solidariedade de classe estão cada vez mais distantes. Isso vem tornando as relações frágeis e, nesse contexto, o telejornalismo funcionaria como laço estruturante. Ratificando esse pensamento, Nestor Garcia Canclini (1995) acrescenta a hipótese de que o jornalismo de TV representaria um lugar de referência para os brasileiros que se aproximaria ao da família, dos amigos, da escola e até do consumo.

Além disso, o telejornal é um produto de prestação de serviço inserido obrigatoriamente pela legislação brasileira numa grade de programação de um canal de televisão, cuja concessão é pública. No século atual, é visto como o mais importante meio de informação da população brasileira. Porém, há poucos estudos sobre telejornalismo. O número de pesquisas e publicações na área é pequeno, embora apresentem qualidade.

Diante disso, realizar uma pesquisa sobre o ensino do telejornalismo é antes de tudo analisar a formação dos profissionais que irão atuar nessa área, a partir da análise dos projetos pedagógicos das instituições de ensino e de suas matrizes curriculares e planos de aula. Essa perspectiva

analítica permite, seguramente, a verificação da qualidade do ensino de telejornalismo em Goiás e até que ponto isso interfere na qualidade da informação comprometida com o exercício da cidadania. A partir daí, parte-se para a verificação da hipótese, segundo a qual este tipo de formação garantiria, no mercado de trabalho, a apresentação de um produto jornalístico de qualidade na televisão.

Entende-se aqui como qualidade telejornalística não só o que se relaciona aos aspectos técnicos, como também ao jornalismo de TV praticado, levando em conta a sua utilidade pública, o seu relevante papel na construção da realidade social, que cria laços sociais. Ele é considerado como lugar de referência, visto como o meio pelo qual a maioria da população tem acesso a informações indispensáveis para o exercício de sua cidadania, o que pode levar a uma sociedade mais democrática.

Esse estudo também traz uma discussão e reflexão sobre um tema polêmico e atual, que coloca em cheque a educação formal. Assim como o jornalismo, a educação também vive uma grande crise, cujos contornos ainda não estão completamente claros, a não ser os seus maus resultados. Segundo Antônio Cláudio Brasil,

O jornalismo está em crise de valores e de identidade, e, pelo jeito, o seu ensino também está sendo questionado e menosprezado (...). Assim como o jornalismo, as escolas de jornalismo também estão em crise de identidade e objetivos. Existem, mas não sabem muito bem para que servem ou como ensinar um ofício em constante evolução (BRASIL, 2007, p. 184).

O ensino do telejornalismo pelas instituições de ensino superior goianas deveria ser segundo seus planos de curso, essencial para a formação de um profissional mais capacitado a produzir informação de qualidade. No entanto, os profissionais dessa área muitas vezes destacam a distância entre a formação acadêmica e as necessidades reais da atividade profissional do jornalismo. Aqui se entende por uma boa formação profissional o ensino que une teoria à prática proporcionando ao discente tanto os elementos necessários para exercer o ofício de telejornalismo de forma consciente e crítica quanto torná-lo apto tecnicamente para exercer as diversas funções que competem ao telejornalista.

O profissional telejornalista de hoje, além de travar uma luta contra as amarras organizacionais, contra o próprio processo de produção da notícia que muitas vezes impedem com que a população tenha acesso a informações essenciais que garantiriam o exercício de sua cidadania, também deve se tornar hábil tecnicamente não só no que se refere às técnicas de reportagem, entrevista, apresentação, como também ao domínio básico de equipamentos de captação e edição.

Dessa forma, o tratamento dado à informação de qualidade passa não só pelo domínio da técnica como pelo conteúdo, onde a falta de qualquer um deles interfere no produto final e quaisquer boas intenções se perdem. A informação de qualidade é aquela produzida, levando em conta princípios fundamentais do jornalismo: objetividade, verdade, imparcialidade. Ela é aquela que igualmente tem como base o interesse do público, ou seja, a informação que o telespectador utiliza para garantir os seus direitos e deveres, exercendo, dessa forma, sua cidadania.

Dentro do referencial teórico adotado, o trabalho se apóia em autores tanto da área da educação, quanto da comunicação. A abordagem teórica de base adotada se alimenta da reflexão do educador Paulo Freire, uma vez que esse trabalho se propôs a discutir a educação como formação libertadora. Isso porque o ensino do telejornalismo pode contribuir para formar profissionais críticos, capazes de se libertarem das amarras das rotinas produtivas e dos esquemas organizacionais, de forma a atuarem na sociedade por meio de suas informações prestadas, transformando-a, e também contribuindo para que os telespectadores possam exercer plenamente sua cidadania.

Além disso, são várias as idéias de Paulo Freire que puderam ser aplicadas nos estudos da comunicação. O pedagogo construiu reflexões sobre várias questões tratadas pelo jornalismo, tais como a liberdade de imprensa, a neutralidade e o controle das informações sugeridas pelos meios de comunicação. O próprio autor admite que,

Mesmo quando não venho tratando desses chamados meios de comunicação em trabalhos meus anteriores, mesmo quando não falo diretamente sobre eles, eu os considero, por exemplo, dentro do horizonte geral da teoria do conhecimento que venho desenvolvendo nos meus trabalhos sobre educação (FREIRE e GUIMARÃES, 1984, p. 14).



Como a proposta desse estudo foi analisar o ensino do telejornalismo nas instituições goianas tanto particulares – Faculdades Alves Faria (Alfa), Faculdade Araguaia (FARA), Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), Faculdade Sul Americana (Fasam) – quanto pública – Universidade Federal de Goiás (UFG), optamos pelo estudo de caso, dentro da perspectiva qualitativa, como recurso metodológico mais adequado para tratar do tema. Yin define o estudo de caso como sendo

Uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente e onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas. (YIN, 2001, p. 32)

Segundo DENCKER e DA VIÁ (2001), a metodologia qualitativa tem como seu caráter mais importante a descrição, sendo que a preocupação com o processo é maior do que com o produto. Esta abordagem metodológica permitiu uma interpretação do contexto da área de ensino do telejornalismo em Goiás, usando muitas fontes de informação, analisando diferentes pontos de vista sobre este objeto de estudo. Ela possibilitou um estudo completo e profundo deste tema, tão importante para a sociedade contemporânea.

Outros procedimentos técnicos de pesquisa, que contribuíram para a realização deste trabalho, foram a pesquisa bibliográfica e a análise documental. Segundo Sonia Virgínia Moreira,

Na educação, a análise documental é ao mesmo tempo fonte de informação e indicador de metas ou dificuldades encontradas no âmbito do ensino, nas áreas da docência, da aprendizagem e da didática (MOREIRA, 2005, p. 269).

Ainda segundo a autora, no caso da pesquisa científica a análise documental é considerada ao mesmo tempo método, “porque pressupõe o ângulo escolhido como base de uma investigação” (MOREIRA, 2005, p. 272) e técnica, uma vez que é “um recurso que complementa outras formas de obtenção de dados, como a entrevista e o questionário” (MOREIRA, 2005, p. 272).

Logo, nessa pesquisa esse método, que “compreende a identificação, a verificação e a apreciação de documentos para determinado fim” (MOREIRA, 2005, p. 271), foi necessário a fim de que pudessem ser traçados os perfis do ensino de telejornalismo oferecidos nas instituições de

ensino superior em Goiás. Dentre os documentos que foram verificados estão: projetos de curso de jornalismo e suas respectivas grades curriculares; planos de curso com conteúdo programático e bibliografia básica da disciplina de telejornalismo e outras ligadas à área audiovisual que contribuem para a formação do telejornalista; e projetos de programas audiovisuais produzidos por alunos. Para Sonia Virgínia Moreira,

A análise documental, muito mais que localizar, identificar, organizar e avaliar textos, som e imagem, funciona como expediente eficaz para contextualizar fatos, situações, momentos. Consegue dessa maneira introduzir novas perspectivas em outros ambientes, sem deixar de respeitar a substância original dos documentos (MOREIRA, 2005, p. 276).

Outro procedimento técnico indispensável para desenvolver esse estudo foi a pesquisa bibliográfica que “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p. 44).

Como o objeto de estudo dessa pesquisa é o ensino do telejornalismo em Goiás, faz-se necessário, antes de tudo, contextualizá-lo historicamente. Para tanto, foram contemplados na primeira parte desse trabalho as histórias da TV e do telejornalismo no Brasil e em Goiás. A seção **História da TV no Brasil** remonta desde o processo da implantação da TV no país, seu crescimento nas décadas seguintes, até os dias atuais, quando a sociedade se encontra permeada pelas imagens em alta resolução possibilitada pelas TVs digitais. Já a seção **História do telejornalismo no Brasil**, apresenta a evolução dos jornais televisivos no país, desde o primeiro telejornal **Imagens do Dia**, quando as grades de programação das televisões não ofereciam tantos noticiários, até o surgimento dos canais de notícias 24 horas, inicialmente veiculados em rede fechada, e agora também em TV aberta. Por fim, a seção **História da TV e do Telejornalismo em Goiás**, traz desde a instalação da primeira TV goiana, à exibição do primeiro telejornal do Estado, passando pela fase de experimentação de produção de produtos variados, dentre eles, novelas, programas infantis e de auditório, até a chegada das emissoras mais recentes, que são a **Fonte TV** e as televisões universitárias **UCG TV e a TV UFG**.

Nessas seções que formam o primeiro capítulo desse trabalho

revelam-se além dos aspectos históricos, outros vários elementos essenciais que devem ser conhecidos, discutidos e refletidos pelos profissionais, que se dedicam à formação do telejornalista, e pelos jornalistas que atuam nas diversas funções da área televisiva, dentre eles: o predomínio do modelo norte americano de TV seguido pelas televisões brasileiras; a influência dos ensinamentos das escolas norte-americanas de jornalismo no processo de produção de notícia aqui no Brasil, e em específico, em Goiás; a evolução tecnológica alterando a forma de produzir informações, as interferências dos subsistemas políticos e econômicos na mídia televisiva e em seu produto jornalístico.

A segunda parte desse trabalho se dedica a realizar uma revisão da literatura, trazendo discussões teóricas referentes ao tema proposto nesse trabalho. Buscando demonstrar que teoria e prática caminham juntas no processo do ensino-aprendizado do telejornalismo, a seção **Televisão e telejornalismo – MCM?** Parte da idéia de decomposição do termo “meio de comunicação de massa”, a fim de refletir conceitos relacionados a “meio”, “massa” e “comunicação” aplicados à TV e ao telejornalismo, abrindo discussão do campo teórico da comunicação imbricado à área telejornalística.

Em **Televisão e o seu produto telejornalístico: a força da imagem a serviço da cidadania** busca-se analisar a cobertura da morte do cantor Michael Jackson, realizada pelo Jornal Nacional, no intuito de demonstrar que a prática do telejornalismo deve ocorrer de forma consciente e crítica, principalmente, quando o objetivo é produzir informação comprometida com a cidadania. Já **Telejornalismo e informação de qualidade** traz a reflexão sobre o exercício do jornalismo, que leva à discussão sobre a tentativa do telejornalista em oferecer informação de qualidade não só técnica, mas aquela que contribua para que o telespectador alcance sua cidadania. E por fim, **Ensino do Telejornalismo** tem como proposta situar historicamente o ensino superior de Jornalismo no Brasil, apresentando a constante busca por uma organização adequada do currículo mínimo, em momentos pontuais como em 1960, 1970, 2002 e mais recentemente, em 2009 quando se criou uma comissão para reformar as diretrizes curriculares dos cursos de jornalismo. Essa seção expõe discussões acerca dos desafios do campo da educação e do jornalismo trazendo, principalmente, idéias de Paulo Freire e José Marques

de Melo.

A terceira parte desse trabalho se dedica à descrição e análise crítica e comparativa do ensino do telejornalismo oferecido pelas Instituições de Ensino Superior goianas. Para isso, buscou-se descrever os principais elementos de cada projeto pedagógico dos cursos de graduação em jornalismo, suas matrizes curriculares, os planos de curso das disciplinas de telejornalismo e outras relativas à área televisiva, apontando aproximações e diferenças existentes, características positivas e aspectos negativos, que de uma forma ou de outra podem trazer prejuízos ou benefícios à formação do futuro jornalista, contribuindo para que seus serviços prestados à sociedade possibilitem que o telespectador munidos de informação de qualidade exerçam sua cidadania e busquem o seu ápice, que seria a democracia.

### 1.1. HISTÓRIA DA TV NO BRASIL

A TV no Brasil completou 60 anos, em 2010. Sua implantação no país se deu por meio do empreendedorismo de Assis Chateaubriand, proprietário da **Diários e Emissoras Associadas**. Assim, no dia 18 de setembro de 1950, foi inaugurada oficialmente “a PRF-3 TV Difusora, depois TV Tupi de São Paulo. Primeiro canal 3, mais tarde canal 4 – a pioneira da América Latina” (PATERNOSTRO, 1999, p. 28).

O primeiro programa já trazia a proposta de um meio de comunicação que serviria não só para informar, mas também e, principalmente, para entreter. O **TV na Taba** foi o espetáculo de estréia, que teve duração de duas horas.

Quatro meses depois, em janeiro de 1951, entrou no ar a **TV Tupi do Rio**, sendo que até o final dessa década abriram também a **TV Paulista** (1952) e **TV Record** (1953), em São Paulo; **TV Excelsior** (1959), no Rio de Janeiro; e **TV Itacolomi** (1956), em Belo Horizonte. Nesses primeiros dez anos de TV brasileira, “o aparelho de televisor ainda era um artigo de luxo. Em 1954, existiam 12 mil aparelhos no Rio e em São Paulo; em 1958, eram 78 mil em todo o país” (PATERNOSTRO, 1999, p. 29).

Inicialmente, a programação das emissoras televisivas era bem parecida com a de rádio e o teatro, uma vez que grande parte de artistas e técnicos dessas áreas foram atuar também em TV. Assim, o conteúdo televisivo era formado por entrevistas, esquetes, shows, música erudita, noticiários, filmes, peças teatrais e programas de auditório.

O crescimento e sucesso das produções televisivas, a queda dos preços dos televisores e novas instalações de emissoras em outros estados brasileiros, foram fatores essenciais para que a TV se consolidasse, atraindo não só as agências de propagandas como os anunciantes. Foi nessa época que inúmeros programas tiveram seus nomes associados ao do patrocinador, tais como: **Boliche Royal**, **Divertimentos Ducal**, **Grande Gincana Kibon**, **Teatro Walita**, **Sabatinas Mayzena**, entre outros.

Também foi na década de 1960, que chegou ao Brasil o videotape ou VT, equipamento que revolucionou o modo de fazer televisão, tornando as produções mais rápidas, com um custo menor e com mais qualidade. O VT também permitiu montagens inovadoras que beneficiaram a inúmeros programas e principalmente às telenovelas.

O início da década de 1960 é marcado por muito improvisado, experimentos e criatividade na produção dos programas televisivos. A **TV Tupi** de São Paulo aproveitou da chegada do VT e gravou a festa de inauguração de Brasília, em 21 de abril de 1960, o que permitiu à emissora exibir a gravação em várias cidades. A **TV Excelsior** trouxe o grande sucesso da TV brasileira, o **Chico Anísio Show**, e também a primeira novela diária **2-5499 Ocupado**; a **TV Tupi de São Paulo** produziu a novela **Direito de Nascer**, que foi retransmitida pela **Tupi do Rio**, tão grande fora o seu sucesso. A **TV Record** investiu nos musicais **O Fino da Bossa** e **Jovem Guarda**; e a **TV Paulista**, de Sílvio Santos, já se dedicava aos shows populares. A **TV Rio** produzia shows e programas humorísticos, dentre eles: **Noite Cariocas**, **O Riso é o Limite**, e **Praça da Alegria**, que é considerado um dos maiores sucessos da TV brasileira, “cuja fórmula permanece até hoje” (PATERNOSTRO, 1999, p. 31).

Em 26 de abril de 1965, surge a emissora das Organizações Globo, do Rio de Janeiro – a **TV Globo** – criada pelo jornalista Roberto Marinho. A partir de 1966, aproveitando de sua associação com o grupo norte-americano **Time Life**, e da constituição da **Empresa Brasileira de**

**telecomunicações (Embratel)**, que possibilitou a estrutura de redes nacionais de televisão, a **TV Globo** iniciou a compra ou contratação de emissoras por todo o país, a fim de expandir o seu sinal.

Se de um lado a **Rede Globo** experimentava uma fase de progresso, por outro, grande parte das emissoras de TV enfrentava dificuldades. A **Record** e **Bandeirantes**, em São Paulo, sofreram incêndio e tiveram suas produções prejudicadas. Na tentativa pela sobrevivência e lutando por audiência, a **Record** passou a exibir filmes americanos e a **Bandeirantes**, produções de música popular brasileira. A **TV Tupi** encontrava-se endividada e a **TV Excelsior** teve a concessão de canal cassada pelo governo militar.

Na década de 1970, a TV já consolidada, enfrenta a censura prévia, imposta pelo governo, ao conteúdo dos programas. Essa fase é marcada por certo retrocesso na qualidade do conteúdo televisivo, porém em termos de tecnologia a TV tem um grande avanço, o que permite com que as emissoras exibam suas programações em rede nacional, estabelecendo faixas de horários para as emissoras-sede e suas afiliadas e conseqüentemente aumentando a veiculação de padrões do eixo Rio-São Paulo por todo o país.

No final da década de 1970, o empresário Sílvio Santos consegue a concessão de canal de uma emissora de TV no Rio de Janeiro. Em 1976, sai da **Rede Globo** e passa a produzir seu programa dos domingos na **TV Tupi de São Paulo**, com retransmissão pela **TVS do Rio de Janeiro**.

No início da década de 1980, a primeira rede de TV do país chega ao fim. A **Rede Tupi de Televisão** é cassada pelo governo devido a problemas financeiros. Suas emissoras são repartidas entre os grupos empresariais Sílvio Santos e Adolfo Bloch. Assim, a **TVS** passou a integrar o **Sistema Brasileiro de Televisão (SBT)**, no ano de 1981, com uma programação que valoriza o popular; e em 1983, o **Grupo Bloch** inaugura a **Rede Manchete**, que se dedica a exibir documentários e programas produzidos por produtoras independentes, como: **Conexão Internacional**, **Pantanal**, **Xingu** e **Antártida**, todos da **Intervídeo**; e **Conexão Nacional**, da **Metavídeo**. É também nessa época, que a **TV Globo** começa a produzir grandes minisséries e seriados adaptados da literatura nacional, dentre elas: **Lampião e Maria Bonita**, **Grande Sertão: Veredas**, **O Tempo e o Vento**.

Com o término do regime militar e a promulgação da Constituição de 1988, a censura plena à imprensa e aos programas de televisão chegou ao fim. A novela **Roque Santeiro**, cuja exibição fora vetada pelo governo militar na década de 1970, tornou-se fenômeno de audiência, ao ser exibida pela **Rede Globo** no ano de 1985.

Entre 1985 e 1990, durante o governo de José Sarney, mais de mil concessões de emissoras de rádio e TV foram distribuídas, beneficiando, inclusive, parlamentares que, em troca dessa gentileza, deveriam dar apoio para que o mandato presidencial passasse de quatro para cinco anos. Segundo Moreira, “o governo Sarney bateu todos os recordes ao distribuir 1028 concessões, quase a metade dos canais outorgados durante toda a história da radiodifusão no Brasil” (MOREIRA, 1995, p. 46).

Em 1989, a **TV Record de São Paulo**, cujas ações pertenciam ao Grupo Silvio Santos e ao Grupo Paulo Machado de Carvalho, foi vendida ao empresário-bispo Edir Macedo.

O início da década de 1990 foi marcado pelo surgimento das primeiras emissoras de TV por assinatura. Os grupos brasileiros **Abril** e **Globo** e o conglomerado norte-americano **News Corporation** dominavam o setor, que não cresceu muito em seus primeiros quinze anos. A venda de TV por assinatura no Brasil foi impulsionada pela venda associada de serviços de banda larga de internet.

Foi também nessa década, com o aquecimento da economia devido a implantação do Plano Real, que as camadas populares passaram a ter mais facilidade em adquirir aparelhos televisivos. Para atender ao perfil desse público crescente, a programação das emissoras de TV aberta abriram espaço maior para programas de conteúdo erótico, sensacionalista e de apologia à violência, fato que recebeu severas críticas por parte de educadores, autoridades públicas e intelectuais.

Em 1999, a **Rede Manchete** foi substituída pela Rede TV, que aptou por apresnetar em sua grade de programação um conteúdo mais popular, voltado para o público jovem.

A partir do ano 2000, a televisão brasileira apresentou os reality-shows, dentre eles, destacaram-se: **Casa dos Artistas**, no **SBT**; **No Limite** e **Big Brother Brasil**, da **Rede Globo**; e **O Aprendiz** e **A Fazenda**, da **Rede**

**Record.** Enquanto programas desse gênero foram campeões de audiência, as telenovelas, principalmente, as da **Rede Globo**, perderam público para TV paga e internet residencial.

O desenvolvimento da internet possibilitou a interatividade e a exibição de fatos em tempo real. Isso contribuiu para a queda da audiência televisiva. Na tentativa de reverter esse quadro, aproveitando a convergência das mídias possibilitada pela rede mundial de computadores, as emissoras televisivas lançaram canais na Internet. Nessa mesma época surgiram os programas, voltados para o público jovem, **Pânico na TV**, **CQC** e **Legendários**, que levaram a proposta de interatividade da internet para a televisão.

Em 2007, a vice-liderança de audiência da TV aberta alcançada pelo **SBT**, no fim da década de 1980, passou para a **Rede Record**. Nesse mesmo ano, no dia 02 de dezembro, a televisão digital estreou, oficialmente, na cidade de São Paulo. Na mesma época, surgiu a **TV Brasil**, primeira emissora pública lançada por iniciativa do governo federal.

## 1.2. HISTÓRIA DO TELEJORNALISMO NO BRASIL

A primeira emissora de TV do Brasil, a **TV Tupi**, canal 06 de São Paulo, teve início no dia 20 de setembro de 1950, sendo que dois dias depois foi ao ar seu primeiro telejornal, o **Imagens do Dia**. A primeira reportagem filmada exibida foi um desfile cívico-militar pelas ruas de São Paulo. O noticiário era produzido por uma equipe pequena e veiculado todas as noites. Em janeiro de 1952, a **TV Tupi** criou outro noticiário, o **Telenotícias Panair**, que era transmitido diariamente às 21 horas. Porém, o telejornal de grande repercussão da TV brasileira foi ao ar pela **TV Tupi do Rio**, em 1952. Tratava-se do **Repórter Esso**, apresentado por Gontijo Teodoro, que passou a ser exibido no ano seguinte, em 1953, pela **TV Tupi de São Paulo**. “Seu conteúdo abrangia o noticiário nacional e internacional veiculado inclusive por meio de filmes” (REZENDE, 2000, p. 106).



Os primeiros telejornais exibidos no Brasil eram bem simplórios. Isso porque a TV ainda carecia de desenvolvimento tecnológico para produções mais trabalhadas. Além disso, os profissionais da área eram inexperientes em relação ao novo meio e a maioria procedia das emissoras radiofônicas. Assim, era comum assistir a programas telejornalísticos, redigidos de acordo com as normas textuais utilizadas no rádio, e apresentados com o estilo ritmado, forte e vibrante, conforme as locuções ouvidas em rádio. “Em termos visuais todos os telejornais eram parecidos: uma cortina de fundo, uma mesa e uma cartela com o nome do patrocinador” (REZENDE, 2000, p. 106 *apud* BARBOSA, 1985, p. 9)

Inicialmente, a programação televisiva não apresentava muitos noticiários. O novo meio ainda tinha como grande concorrente o rádio, que ganhava em instantaneidade, muitas vezes, informando bem antes que os telejornais, que dependiam da revelação e montagem dos filmes. Era comum, inclusive, a divulgação de um fato sofrer um atraso de até doze horas entre o acontecimento e sua exibição nos telejornais.

A situação só mudou quando o **Repórter Esso** obteve apoio da revendedora de combustíveis **Esso**, que passou a anunciar no programa. E também quando esse noticiário fez acordo com a agência de notícias norte-americana **United Press Internacional (UPI)**, fato que possibilitou o uso mais frequente de matérias ilustradas e a libertação da narração exclusivamente oral. No início da década de 1960, a chegada do videoteipe, encomendado, especialmente, para o registro da inauguração da nova capital do país, Brasília, também deu ao telejornalismo mais dinamismo e um novo formato.

A partir de 1962, passou a ser exibido pela **TV Excelsior**, o **Jornal de Vanguarda**, que contou com muita criatividade e intelectualidade de profissionais oriundos, principalmente, do jornal impresso, como: Villas-Bôas Correia, Millor Fernandes, Gilda Müller, Satnislaw Ponte Preta, entre outros. A qualidade jornalística desse noticiário aumentava ainda mais com as locuções de Luís Jatobá e Cid Moreira e com o visual dinâmico proporcionado pelas caricaturas de Appe e os bonecos falantes de Borjalo. O **Jornal de Vanguarda** obteve prestígio no Brasil e no exterior. “Recebeu na Espanha, em 1963, o prêmio Ondas, como o melhor telejornal do mundo e foi utilizado por McLuhan – um dos teóricos da comunicação de maior projeção – em suas aulas sobre

comunicação.” (REZENDE, 2000, p. 107). Apesar de todo esse sucesso, a própria equipe do **Jornal de Vanguarda** optou por extingui-lo, a fim de evitar que ele morresse aos poucos, devido a censura instaurada no golpe de 1964.

Em setembro de 1969, foi lançado o **Jornal Nacional da TV Globo**, canal 04, que utilizou dos avanços tecnológicos na área da telecomunicação espacial. Foi assim que milhões de brasileiros puderam assistir ao noticiário transmitido simultaneamente ao vivo para o Rio de Janeiro, Brasília, Porto Alegre, São Paulo, Belo Horizonte e Curitiba. Mesmo com o uso da mais alta tecnologia disponível na época, o conteúdo do noticiário ficou a desejar, já que havia forte interferência da censura pelo governo.

Mesmo com a censura, o **Jornal Nacional** passou a dominar a audiência do horário nobre da grade de programação televisiva. Foi então o fim da tradição de mais de 17 anos do **Repórter Esso**, da **TV Tupi**, que acabou no dia 31 de dezembro de 1970. O noticiário que foi modelo no telejornalismo brasileiro e que até hoje é lembrado pelos slogans “O primeiro a dar as últimas” e “testemunha ocular da história”, narrados pelo apresentador Gontijo Teodoro, chegou a receber duras críticas do jornal **O Estado de São Paulo**.

O Repórter Esso (...) pouco evoluiu nos últimos 20 anos de TV no Brasil: 15 a 20 minutos de programa em que o locutor – lendo notícias já divulgadas pelo rádio e até mesmo por jornais – ocupa mais o vídeo do que os curtos filmes de assuntos locais, sem muita importância, ou os velhos filmes de arquivo. (REZENDE, 2000, p. 111 *apud* O Estado de São Paulo, 8 de novembro de 1970).

Para superar a crise de seu telejornalismo, a **TV Tupi** colocou no ar o **Rede Nacional de Notícias**, transmitido ao vivo para várias capitais do país. No ano em que se extinguia o **Repórter Esso**, nascia na **TV Bandeirantes** de São Paulo o **Titulares da Notícia**, cuja principal atração ficava a cargo da dupla sertaneja Tônico e Tinoco, que apresentava as notícias do interior do estado de São Paulo. Esse telejornal ganhou credibilidade ao dar voz ao povo e permitir que repórteres participassem diretamente da cobertura do fato, independente de boa locução ou aparência. Além desse noticiário, em 1970, foi lançado também o **A Hora da Notícia**, pela **TV Cultura**. Esse por sua vez, trouxe uma proposta nova ao priorizar o depoimento popular acerca dos problemas da comunidade, fato que colocou o programa como líder de audiência da **TV Cultura**.

Em 1973, a **Rede Globo** lançou o **Fantástico – O Show da Vida**, que até hoje faz parte da grade de programação da emissora, sendo veiculado aos domingos, à noite. O programa combina telejornalismo e entretenimento, seguindo uma linha editorial que tende mais para o espetáculo.

O jornalismo de TV produzido na década de 1970 foi marcado por experimentos e avanços tecnológicos na área, que permitiram o aprimoramento técnico do produto e também dos profissionais da área. Porém, em termos de conteúdo, os programas ainda sofriam com a censura. Mesmo com essa interferência, a **Rede Globo** implantou o que passou a ser chamado de “padrão Globo” de qualidade.

Claro que não foi a Globo que criou o telejornalismo, mas foi ela que eliminou o improviso, impôs uma duração rígida no noticiário, copidescou não só o texto como entonação e o visual dos locutores, montou um cenário adequado, deu ritmo à notícia, articulando com excelente “timing” texto e imagem (pode ser que você não se lembre, mas com a Globo começamos a assistir a esta coisa quase impossível: os programas entrarem no ar na hora certa). (REZENDE, 2000, p. 113 e 114 *apud* PIGNATARI, 1984, p. 14).

Em 1979 foi ao ar o programa **Abertura**, pela **TV Tupi**, que se aproveitando da anistia política e da explosão de movimentos sindicais, que de certa forma descontrolaram a censura ditada pelo militarismo, levou ao público um programa mais opinativo, por meio de depoimentos de personalidades do meio político, exilados que voltavam para o Brasil e que até então não tinham acesso à televisão. Apesar do sucesso, o programa saiu do ar em agosto de 1980, quando surgia o **Canal Livre**, na **TV Bandeirantes**, que tinha a mesma proposta de liberdade de expressão e permaneceu no ar até 1983.

Em 1980, a elevada audiência do **Jornal Nacional** levou a **Rede Globo** a investir em outros telejornais, como o **Jornal Hoje**, na hora do almoço, o **Jornal da Globo**, no fim da noite, que recebera vários nomes, dentre eles: **Amanhã**, **Painel**, **2ª Edição do Jornal Nacional**. E anos depois surgiu o **Bom dia São Paulo**, no início da manhã, que deu origem ao **Bom Dia Brasil** e também aos programas jornalísticos locais matutinos nas emissoras afiliadas à rede nos demais estados do país.

Em 1983, a recém formada cadeia de televisão, **Rede Manchete** ou **TV Manchete**, do grupo Bloch, oriunda da concorrência pública para os canais da **TV Tupi**, destinou duas horas de sua grade de programação ao

telejornalismo, exibido em horário nobre. Tratava-se do **Jornal da Manchete**, que bem de longe concorreu com a supremacia em audiência da **TV Globo** e sequer afetou os índices de audiência do **Jornal Nacional**. Na mesma época, na **Rede Bandeirantes** Joelmir Beting tornava-se o primeiro jornalista a atuar como âncora na televisão brasileira, conduzindo o **Jornal da Bandeirantes**.

Outra cadeia de televisão formada nesse começo da década de 1980 e também fruto da concorrência pública para os canais da **TV Tupi** foi o **Sistema Brasileiro de Televisão (SBT)**, que apesar de veicular programas jornalísticos com forte apelo popular, dentre eles: **O povo na TV**, **Cidade 4**, **24 horas**, **Noticentro**, **Últimas Notícias**, não conseguiam audiência suficiente para faturar. Além disso, a emissora não demonstrava interesse em veicular um telejornalismo comprometido com a informação crítica, já que havia uma cumplicidade com o governo embasado na própria concessão de canal ao diretor Sílvio Santos. Com isso, o **SBT** manteve por quase toda a década de 1980 a imagem de uma televisão que não tinha bons produtos telejornalísticos.

Um fato circunscrito à área econômica mostra como a economia compunha uma trama estreita com a política na época. Em julho de 1980, noticiou-se que o Governo interviria na Rede Tupi, suspendendo as concessões de seus canais, espalhados por oito unidades da Federação. Ao mesmo tempo os bens da rede de televisão foram embargados como forma de ressarcimento de dívidas com a Previdência Social, que se acumulavam ano após ano. Havia cinco grupos interessados na exploração desses canais (...). O resultado da concorrência para exploração das redes saiu no início de 1981, ganhando o Grupo Sílvio Santos e o grupo Bloch, dividindo entre si o espólio da Rede Tupi. Todos se perguntaram, ao final, quais os critérios para que o resultado preterisse o Jornal do Brasil e a editora Abril. (LIMA, 2004, p. 75 e 76).

O que se percebe na história do telejornalismo brasileiro é que devido às concessões de canais de radiodifusão serem feitas pelo governo, há denúncias de que elas, muitas vezes, serviram como moeda de trocas políticas, que favorecem governos, partidos políticos, e grupos tradicionais da área de comunicação.

Em 1984, por exemplo, o **Jornal Nacional** pressionado pela concorrência teve de noticiar a contragosto o comício da Praça da Sé, em São Paulo, que pregava a Diretas Já. Porém, para não ir de encontro ao governo fez isso de forma discreta em uma breve notícia deturpada, que mostrou o

comício como parte das comemorações do 430º aniversário da capital de São Paulo.

Seguindo o histórico brasileiro de interferências políticas nos canais de comunicação, no governo Sarney foram distribuídas “1028 concessões de canais de radiodifusão, quase a metade dos canais outorgados durante toda a história da radiodifusão no Brasil” (REZENDE, 2000, p. 125 *apud* MOREIRA, 1991, p. 19). Com isso o governo ganharia o apoio de deputados federais aos cinco anos de mandato pretendidos.

Pelo mesmo motivo, os cinco anos de mandato, as emissoras de televisão, muitas vezes com uma clara atitude de conveniência, renderam-se às pressões do governo federal. A ação governamental chegou a tal nível de contundência que se tornou tão ou mais restritiva do que a censura da ditadura militar (...). (REZENDE, 2000, p. 125).

Em 1988, o **SBT** lançou o **Telejornal Brasil**, totalmente diferente das propostas de telejornais exibidos anteriormente pela própria emissora e inovador em relação aos noticiários veiculados pelas televisões concorrentes. Além da reformulação no visual, com vinhetas novas e equipamentos modernos tanto de captação, quanto de edição, que permitiam, inclusive, a inserção de computação gráfica, o telejornal era ancorado pelo jornalista Boris Casoy, profissional já consagrado no jornalismo impresso, cujo topo da carreira se deu na **Folha de São Paulo**, como editor-chefe. Além de ler notícias e conduzir o noticiário, ele optou por também emitir opiniões sobre as notícias veiculadas e fazer entrevistas. O noticiário foi aprovado pelo público, que ao prestigiar essa fórmula inovadora de se fazer jornalismo de TV, levou o **Telejornal Brasil** a ocupar o lugar de segundo produto do **SBT** a atrair mais publicidade, perdendo somente para o programa de Sílvio Santos.

Também seguiram essa linha o **Jornal da Cultura**, ancorado pelo jornalista Carlos Nascimento e o **Jornal da Bandeirantes**, ancorado pela jornalista Marília Gabriela. A empatia do telespectador com esse formato de telejornal rendeu às emissoras o aumento da audiência, em contrapartida, o pluralismo de idéias começava a se apresentar nesses noticiários, um dos fatores essenciais para o acesso à democracia.

Em 1989, mais uma vez, a **Rede Globo**, por meio de um debate político exibido pelo **Jornal Nacional**, aproveitou para dar continuidade ao

vínculo com o governo federal. O último debate entre Fernando Collor de Mello e Luis Inácio da Silva já demonstrava o apoio da emissora ao candidato Collor, que venceu as eleições. Inclusive, a montagem desse debate foi considerada tendenciosa e prejudicial ao candidato Lula, resultando na demissão de Armando Nogueira, o então diretor geral de telejornalismo.

Tempos depois, Nogueira lembrou que o clima de tensão se tornou perturbador a partir das duas semanas que antecederam a eleição e culminou com a edição distorcida do debate, feita sem o seu conhecimento. Armando contou que a possibilidade de vitória do candidato do Partido dos Trabalhadores, Lula, precipitou uma reação dos partidários de Fernando Collor de Mello no próprio setor de jornalismo da TV Globo. (REZENDE, 2000, p. 129).

O que se percebe aqui é que mesmo com o fim dos governos militares, dos quais a **TV Globo** sempre foi cúmplice, todos os outros governos que se sucederam – José Sarney 85-89, Fernando Collor de Mello 90-92, Itamar Franco (92-94), Fernando Henrique Cardoso (95-99 e 99-2002), Luis Inácio Lula da Silva (2003-2006 e 2006-2010) tiveram a emissora como aliada. Tudo indica que em contrapartida a **Rede Globo** tirou proveito disso, servindo a seus próprios interesses, o que permitiu estender sua rede de veículos de comunicação por todo o país, mantendo-se líder de audiência entre as demais concorrentes até os dias de hoje.

No ano de 1991, o **SBT** lançou o programa **Aqui e Agora**, inspirado no noticiário argentino **Nuevediaro**. Com uma linguagem mais popular bem próxima da narrativa jornalística em rádio e o uso de planos sequencia para dar realismo e suspense às histórias que contava, o telejornal abusava do sensacionalismo e logo caiu no gosto popular, dando um bom retorno publicitário à emissora.

Em 1995, a **Rede Record** também investiu no estilo de jornalismo popular, quando estreou o telejornal **Cidade Alerta**. Em 1997, o âncora Boris Casoy, depois de nove anos no **SBT**, passou a fazer parte do quadro de jornalismo da emissora, estreando no **Jornal da Record**. A aposta em um programa mais popular somado ao uso da imagem de um âncora competente e comprometido com o jornalismo deu tão certo, que a história do telejornalismo na década de 1990 é normalmente contada por diversos autores, dentre eles - PATERNOSTRO (1999), REZENDE (2000), SQUIRRA (1990) - em cima dos nomes de profissionais que sobressaíram na área de jornalismo de TV por

algumas ou todas estas características: carisma, ou competência, ou seriedade, ou língua afiada. Assim, a **TV Globo** apostou nas imagens de William Bonner e Lilian Witte Fibe, mais tarde substituída por Fátima Bernardes; A **TV Bandeirantes** buscou da **TV Globo** o correspondente Paulo Henrique Amorim; A **Rede Record** tirou Boris Casoy da bancada do **SBT**; Heródoto Barbeiro comandou o **Jornal da Cultura**.

Foi também na década de 1990, que as TVs por assinatura se expandiram e no dia 15 de outubro de 1996, entrou no ar o primeiro canal brasileiro de jornalismo 24 horas, a **Globo News**, que se tornou um espaço de experimentações de antigos e novos formatos de noticiários, dentre eles: o **Em Cima da Hora**, um noticiário de hora em hora com notícias do Brasil e do mundo, ao vivo; o **Jornal das Dez**, exibido todos os dias da semana; **Espaço Aberto**, programa de entrevistas com temas específicos; **Via Brasil**, que segue o formato de documentário e **Conta Corrente**, com informações sobre economia.

Depois da década de 1990, marcada por experimentações, o telejornalismo brasileiro chegou aos anos 2000, apresentando uma luta acirrada pela audiência travada, principalmente, por três redes de TV: a **Globo**, **SBT** e **Record**.

Em 2004, o **Jornal Nacional** completou 35 anos, continuando a liderar a audiência, mantendo não só seu primeiro lugar no Ibope como também no faturamento. Em matéria escrita por João Gabriel de Lima, o jornalista afirma que:

O noticiário, exibido pela Rede Globo em horário nobre e assistido diariamente por 31 milhões de brasileiros, é campeão de audiência desde que o primeiro apresentador, Hilton Gomes, leu a primeira notícia no ar, há 35 anos. O **Jornal Nacional** é uma história de sucesso sem paralelo entre os telejornais brasileiros. Quando se compara sua audiência com a de programas semelhantes levados ao ar em outros países democráticos, o JN sobressai como um dos programas jornalísticos, proporcionalmente, mais vistos. Ele mantém sintonizados em seus apresentadores 68% dos televisores. Para efeito de comparação, o jornal francês da rede TF1 tem 46%. Como costuma ocorrer com quase todo líder, as polêmicas acompanham a trajetória do **Jornal Nacional**. (LIMA, 2004).

Ainda de acordo com LIMA (2004), o programa tem o espaço comercial mais caro da TV no país, sendo que o VT de 30 segundos custa de

250 mil a 350 mil reais. “Isso faz com que a Globo contabilize 2,6 milhões a cada vez que seus apresentadores dizem ‘boa noite’” (LIMA, 2004).

Porém, o tempo de glória do **Jornal Nacional** passa a ser ameaçado pela concorrência acirrada com a **Rede Record**, no ano de 2006. Com o objetivo de alcançar o primeiro lugar no Ibope e desbancar a **Globo**, até então líder em audiência por décadas consecutivas, a **Record** toma a medida de reproduzir o “padrão de qualidade Globo”. O primeiro passo foi contratar vários profissionais da concorrente, entre repórteres, apresentadores, cinegrafistas e técnicos. Assim, o novo **Jornal da Record** ganha a “cara” do **Jornal Nacional**.

Mas não são só apresentadores que vão dar cara de Globo para o "Jornal da Record". O novo cenário é uma cópia do "JN", apesar de a emissora falar oficialmente que a "inspiração" veio de telejornais norte-americanos. Até a Redação ao fundo, que virou marca do "Jornal Nacional", estará no "JR". São poucas as mudanças, como a cor da bancada e a posição dos apresentadores. Dá até para brincar de procurar as diferenças. (MATTOS, 2006).

Nessa mesma época, o **SBT** também parece lutar por “um lugar ao sol” no Ibope e resolve investir no departamento de jornalismo, contratando jornalistas reconhecidos nacionalmente, dentre eles: Ana Paula Padrão e Carlos Nascimento. A emissora lança então o **SBT Brasil** e em seguida o **SBT Realidade**, que integraram a grade de programação jornalística do **SBT** juntamente com o **Jornal do SBT**, noticiário do fim da noite.

Na tentativa de reverter a situação, o **Jornal Nacional** corta do telejornal os comentaristas Arnaldo Jabor, Franklin Martins e Chico Caruso e readequa a linguagem do programa, que se torna mais coloquial e dinâmico.

Em 2007, a **Record** atinge o segundo lugar na audiência entre as TV's abertas, desbancando o **SBT**. No final do mesmo ano a emissora estréia o primeiro canal exclusivo de notícias 24 horas da TV aberta: a **Record News**. A novidade não foi em lançar um canal com conteúdo exclusivamente jornalístico, mas por sua veiculação, em tempo integral, ser em TV aberta, já que a **Globo News**, lançada pela **TV Globo** em 1996 e a **Band News**, do **Grupo Bandeirantes**, iniciada em 2001, são de TVs fechadas.

Atualmente, o telejornalismo brasileiro encontra-se diante de mais um desafio que é o de se adequar constantemente às novas tendências tecnológicas, dentre elas a TV digital e a internet.



### 1.3. HISTÓRIA DA TV E DO TELEJORNALISMO EM GOIÁS

No início da década de 1960 nasce em Goiás a **TV Rádio Clube**, que integrava a rede de rádios, jornais e emissoras **Diários Associados**, de Assis Chateaubriand, que já tinham implantado nesse estado a **Folha de Goiaz** e a **Rádio Clube**, a primeira emissora radiofônica da capital, fundada em 5 de julho de 1942. O publicitário Fued Naciff da agência de propaganda **Baniff** foi o responsável por arrecadar o dinheiro necessário para adquirir os equipamentos que faltavam para colocar no ar a primeira televisão goiana, que iniciou suas atividades com equipamentos usados que sobraram da reforma da **TV Tupi**. Assim, em setembro de 1961, foi lançada a **TV Rádio Clube**, que funcionava assim:

O publicitário e radialista Cunha Júnior, egresso da rádio, tinha de apresentar um telejornal. (...). Para o telespectador não dormir, a equipe colava algumas fotografias ou desenhos na parte de trás do cenário (também tosco) e a câmera ficava indo e voltando: Cunha-fotos, fotos-Cunha. Para transmitir filmes, um projetor jogava a imagem na parede e a câmera a filmava e transmitia para as casas (...). Com a programação no ar, surgia um locutor com a voz empostada (que trouxe do rádio), sorriso de orelha a orelha, anunciando: \_ Senhoras e senhores, ficaremos fora do ar por alguns minutos porque vamos transmitir um sensacional jogo de futebol. Com só uma câmera, eles apagavam a imagem, desligavam os fios, saíam com a câmera, entravam no carro (ou a carregavam nas costas), corriam para o Estádio Olímpico (...). O telespectador que esperasse o tempo do transporte (GODINHO, 2009).

A grade de programação da emissora também contava com o programa de auditório **General Novilar Comanda o Espetáculo** e o teleteatro **Do Outro Lado**, que tinha temática espírita.

Em 1969, foi exibido pela **TV Goiânia**, antiga **TV Rádio Clube**, o primeiro telejornal em Goiás: o **Folha de Goyaz na TV**. O programa era feito seguindo o modelo radiofônico de narração dos fatos, porém com filmes em preto-e-branco.

No dia 23 de outubro de 1963, a **TV Anhangüera** da **Organização Jaime Câmara** entrou no ar com o programa **A Hora da Ave-Maria**. Em 1965, os goianos puderam assistir à primeira novela produzida localmente: **A Família Brodie**. Dois anos mais tarde, em setembro de 1967 a emissora sofreu um incêndio. Não se sabe se foi criminoso ou não. A tragédia

serviu para que a TV adquirisse novos equipamentos, bem mais sofisticados e eficientes para a época o que contribuiu para alavancar a qualidade da emissora.

De 1966 a 1977, o programa infantil **O Mundo é das Crianças** era veiculado, sempre aos domingos, às 14 horas. Produzido e apresentado por Magda Santos, o programa fez muito sucesso e tinha audiência altíssima, assim como o programa **A Juventude Comanda**, dirigido pelo jornalista Arthur Rezende, que inspirado pelo sucesso da Jovem Guarda, o movimento criado por Roberto e Erasmo Carlos no final da década de 1960, exibia apresentações musicais locais e nacionais. Outro programa que caiu no gosto do público foi o **República Livre do Cerradão**, do coronel Hipopota, que foi considerado o Chacrinha de Goiás. O programa foi um dos sucessos de audiência da década de 1970. Vale lembrar que nessa época as produções regionais ainda encontravam espaços nos horários considerados nobres nas grandes das emissoras televisivas.

Em 1975, entrou no ar a **TV Brasil Central**, canal 13, que era retransmissora da **Bandeirantes**. Cerca de quinze anos mais tarde a emissora, que passou a ser retransmitida pela **Cultura**, também sofreu um incêndio. Ligada ao governo do Estado, a **TV Brasil Central** sempre teve como ponto forte a divulgação do esporte nacional e regional, além da divulgação da imagem do governo.

No início da década de 1980, a antiga **TV Rádio Clube**, rebatizada **TV Goiânia**, passou a se chamar **TV Goiá**, sendo nessa época, retransmissora da **TVS** e anos mais tarde, já no fim da década de 1980, da **Rede Record**.

Em 1981, foi ao ar o noticiário **Goiânia Urgente** pela **TV Goiá**. Até então os programas telejornalísticos seguiam o padrão nacional da **Rede Globo de Televisão**, que adotou o estilo norte-americano de produção telejornalística, com narração de fatos divididos entre cabeças de apresentadores permeados por esporádicos comentários e vídeo-tapes com sonoras, off e passagem.

Na estação dos Câmara, comandado por Jackson Abrahão e José Divino - mais tarde também por Paulo Beringhs -, mostrava-se a cara da empresa: equilibrado, puramente noticioso, avesso a polêmica. É correto dizer que o que ia para as telas da Anhangüera poderia ter

sido pautado (orientado) pelo Palácio das Esmeraldas. Idem pela Prefeitura de Goiânia. Fosse qual fosse o governador, prefeito ou grupo político do momento. O telejornalismo da Anhangüera suprimia as críticas e cobranças. Não que deixasse deliberadamente de informar, mas tinha uma especial predileção pelo lado bom das administrações públicas. (GODINHO, 2009).

Ao contrário desse estilo considerado quadrado e mais sisudo, o **Goiânia Urgente** levou à telinha a imagem do povo. Os jornalistas que produziam o programa na época primavam por não só discutir os assuntos com a população, mas também dar voz a ela, utilizando uma linguagem coloquial e interativa.

Pela primeira vez alguém mostrava na televisão o povo nas ruas. O país emergia de um longo e doloroso regime militar e isso influenciou os jornalistas que estavam lá na época, ansiosos por falarem o que desse vontade, do jeito que bem entendessem. De certa maneira, o **Goiânia Urgente** foi a volta do rádio na TV, sem escolher as palavras, ouvindo a população, interagindo com o telespectador, cobrando. É também a primeira experiência de telejornalismo para as classes C, D e E, com uma linguagem mais coloquial, onde gírias foram permitidas, bem como expressões populares (GODINHO, 2009).

Porém, mesmo seguindo um estilo mais despojado, dando voz ao povo, cobrando das autoridades soluções para os problemas municipais e estaduais, o **Goiânia Urgente**, sempre, tivera o cuidado em tratar os assuntos relacionados ao governador e prefeito, uma vez que eram eles os principais anunciantes da televisão goiana.

No ano de 1987, a **TV Brasília** dos **Diários Associados**, afiliada nessa época da extinta **Rede Manchete**, em parceria com a agência de propaganda **Makro Publicidade** lançou a **Rede Manchete Centro**, com geradora em Brasília, pelo canal 6 e uma repetidora em Goiânia, pelo canal 11. A partir de então havia na capital goiana um pequeno núcleo comercial e jornalístico. Porém, cerca de dez anos mais tarde, a parceria foi desfeita, quando os **Associados** conseguiram uma nova concessão de televisão em Goiânia, e remontaram a **TV Goiânia**, agora como afiliada à **Rede Bandeirantes**.

Em 1989, foi fundada a **TV Serra Dourada**, que pertencia ao grupo **Alô Brasil**, mas cuja concessão teria sido adquirida pelo ex-senador biônico Benedito Vicente Ferreira (PDS-GO). A emissora, afiliada ao **SBT** em Goiânia, foi vendida posteriormente ao grupo **Arisco**. Um dia após entrar

oficialmente no ar, a **TV Serra Dourada** estreou a primeira edição do **Telejornal Goiás**. Esse programa jornalístico, inspirado no **TJ Brasil** apresentado por Bóris Casoy, foi a primeira produção local da emissora. Em 30 de setembro de 1991 estreou o **Jornal do Meio Dia**, um dos programas de maior audiência dessa TV. Trata-se de um telejornal voltado para a comunidade, que combina notícias, comentários e trabalho social.

Em 18 de junho de 2002, a **Universidade Salgado de Oliveira**, de propriedade do senador Wellington Salgado de Oliveira comprou a concessão da **TV Goiânia**, dos **Diários Associados**. Na época foram feitas várias reformulações na emissora, tais como: a reativação do núcleo de jornalismo, a expansão do sinal e a criação do programa **Chumbo Grosso**, com características semelhantes ao programa **Cidade Alerta**. Hoje, a emissora possui diversos programas, entre jornalísticos, esportivos, e também programas independentes, como telepastores, televendas, entre outros.

A **Fonte TV** entrou no ar em 25 de dezembro de 2005, e na época se chamava **Rede Cristã de Comunicação**. Inicialmente, a programação era composta de videoclipes, entrevistas e cultos religiosos. Sua instalação é considerada polêmica, devido ao fato de que o canal estava sendo disputado entre a **Universidade Federal de Goiás** e a **Igreja Apostólica Fonte da Vida**, que ganhou sua concessão em 2002, no governo do presidente Fernando Henrique Cardoso. Posteriormente, em 2004, a **UFG** obteve a concessão do canal 14. O passo seguinte foi construir espaço físico e adquirir equipamentos para que o projeto da **TV UFG** se efetivasse, fato que ocorreu a partir de 2006, com sua estréia oficial no ano de 2009.

Em 2007, foi criada a **UCG TV**, que desde então se dedica a cobrir os acontecimentos de Goiânia, transmitindo missas, programas próprios e eventos locais. Na grade de sua programação encontram-se os seguintes programas locais: **Jornal Argumento**, **Argumento Cultural**, **UCG TV Esportes**, **Missa de Trindade**.

Em dezembro de 2009 a **TV da UFG** foi inaugurada. Além de se dedicar a produções locais, a emissora é retransmissora da **TV Brasil**, repetindo programas das Instituições Federais de Ensino Superior, que são compartilhados por meio da Rede IFES.

## 2. REFLETINDO SOBRE O TELEJORNALISMO E O SEU ENSINO

### 2.1 TELEVISÃO E TELEJORNALISMO – MCM?

Os estudos sobre comunicação são complexos e não se encerram somente no conhecimento acerca dos processos comunicacionais, tendo que muitas vezes avançar sobre os estudos da sociedade.

SIGNATES (2009) amplia os seus estudos sobre comunicação, baseando-se nas idéias do teórico frankfurtiano Habermas<sup>2</sup> sobre esfera pública, espaços públicos e privados, porém tentando superar o equívoco de não se discutir a mídia. Em Habermas, o autor encontrou uma teoria de sociedade que se concentra no conceito de comunicação. A partir disso, ele propõe uma decomposição do termo “meios de comunicação de massa”.

Ainda segundo o autor,

A noção de meios de comunicação de massa não é, portanto, suficiente rigorosa para responder às questões teóricas da comunicação social que se fazem prementes na atualidade. (SIGNATES, 2009, p. 18).

Para demonstrar isso, ele trabalha com três pressupostos: a idéia de vicariedade da presença social das instituições, a passividade dos públicos e a natureza instrumental do processo de comunicação.

A análise inicial será sobre o conceito “meios de comunicação de massa” (MCM) ao se tratar o veículo televisivo e seu produto telejornalístico. A base da reflexão se centra na discussão e nas considerações muito pertinentes ao campo teórico da comunicação, principalmente, quanto à contextualização da sociedade da informação, em que a mídia vem sendo considerada o quarto poder e na qual a televisão ainda se mantém como o meio de maior penetração nos lares brasileiro. É de onde a população retira as principais informações para seu consumo diário ou mesmo para sua orientação sobre determinados temas da sociedade brasileira.

---

<sup>2</sup> Habermas, enfim, o último dos grandes teóricos de sociedade, aos meus olhos espantados, repetia o equívoco dos demais, ao teorizar a sociedade capitalista contemporânea e seus sentidos simbólicos sem sequer perceber a extensão e a profundidade das tecnologias de comunicação e de sua capilarização ao logo de todos os espaços públicos e privados. (SIGNATES, 2009, p. 6).

A pretensão é, não só refletir sobre conceitos relacionados ao termo meio, massa e comunicação aplicados à televisão e telejornalismo, como propor uma discussão do campo teórico da comunicação social imbricada à área telejornalística, a fim de demonstrar que teoria e prática caminham juntas no processo do ensino-aprendizado do jornalismo e, por extensão, do telejornalismo.

É comum nos estudos sobre televisão a conceituação da mídia televisiva como meio de comunicação de massa no sentido mais superficial do termo, ainda mais levando em conta suas características situadas na sociedade da informação. A mídia televisiva é ainda vista por olhares ingênuos como um meio de comunicação destinado à massa que tem a função de retratar a realidade nos produtos audiovisuais veiculados, principalmente quando se trata de telejornais. Assim, nada seria mais justo que usar o termo “meio de comunicação de massa” para se referir à televisão. Porém, o termo já tão usado por diversos pensadores da comunicação esconde inúmeros aspectos que devem ser levados em conta quando se pretende aprofundar o conhecimento acerca dessa área. Para Thompson,

Há uma razão ulterior que torna a expressão “comunicação de massa” um tanto imprópria hoje. Geralmente se associa este termo a certos tipos de transmissões da mídia – por exemplo, à difusão dos jornais de grande circulação, aos programas de rádio e televisão. Entretanto, hoje parece que estamos testemunhando mudanças fundamentais na natureza da comunicação mediada. (THOMPSON, 1998, p. 31).

A essa idéia Signates acrescenta que,

As instituições de comunicação social na modernidade são instâncias, cuja atuação se origina da delegação de poderes e atributos – no caso, a própria atividade de comunicação – a um emissor, o qual, nesse sentido, herda tal capacidade dos campos sociais legitimados, entre os quais passa a se constituir como intermediário. (SIGNATES, 2009, p.19).

Ou seja, a televisão, situada como campo da mídia, é muito mais que “meio”: é também uma instituição, um sistema. A partir do momento em que vincula a noção de campo da mídia à idéia de vicariedade da presença social das instituições, o discurso veiculado, por exemplo, no telejornalismo, se legitima de tal forma que esse produto televisual passa a ter estrategicamente uma função pedagógica regida pelo princípio de cooperação e introjeção de

valores.

Buscando a legitimação, o discurso telejornalístico se constrói “dando a palavra a”; à medida que produz a matéria e a veicula para um espectador. Além disso, o texto telejornalístico se apóia na terceira pessoa gramatical, fato que ajuda a camuflar o sujeito da enunciação e que acaba servindo também de mecanismo de defesa em relação a posições ideológicas. E para completar há na linguagem de todo o discurso televisivo, inclusive, no jornalístico, uma construção dos acontecimentos naturalizados como fato, o que contribui para a camuflagem da linha editorial, o que acaba simulando uma realidade que é contada seguindo influências de outros sistemas, além da mídia, como os sistemas político e econômico, por exemplo.

Outro aspecto que demonstra a fragilidade do termo “meio de comunicação de massa”, quando usado na atualidade para se referir à televisão e também ao telejornalismo, está ligado à sugestão implícita de que o público é a massa. Quando se analisa a TV como meio de transmissão isso parece até inquestionável, visto que a televisão tem grande alcance tanto espacial, quanto em quantidade de pessoas. Isso sugere o uso de público como sinônimo de massa. O termo “‘massa’ é especificamente enganoso” (THOMPSON, 1998, p.30). Primeiro porque não se trata de quantidade de indivíduos que consomem os produtos midiáticos, mas sim de que há uma pluralidade de destinatários a quem esses estão disponíveis. Segundo, porque “massa” recorre à idéia de que os destinatários dos produtos midiáticos são passivos e recebem as mensagens de forma acrítica.

Nos estudos de Teorias da Comunicação o conceito de massa foi utilizado, primeiramente, em 1930, quando Ortega y Gasset definiu que “a massa está na competência dos incapazes, representa o triunfo de uma espécie antropológica que existe em todas as classes sociais e que baseia a sua ação no saber especializado ligado à técnica e à ciência. (ARAÚJO e SOUZA, 2007, p. 67 *apud* ORTEGA y GASSET, 1930). Já Blumer afirmou que “a massa é constituída por um conjunto homogêneo de indivíduos e não possui tradições, regras de comportamento ou estrutura organizativa” (ARAÚJO e SOUZA, 2007, p. 68 *apud* BLUMER). Mauro Wolf vincula a noção de sociedade de massa aos pressupostos da teoria hipodérmica. Segundo ele,

A massa é constituída por um conjunto homogêneo de indivíduos que, enquanto seus membros, são essencialmente iguais, indiferenciáveis, mesmo que provenham de ambientes diferentes, heterogêneos, e de todos os grupos sociais. (WOLF, 2002, p. 20).

Todas essas definições acerca do termo “massa” contribuem ainda mais para o abandono de seu uso, visto que na modernidade uma teoria social que pensa a mídia como sistema não o comporta como tal. Uma abordagem mais atual da forma como se dá a comunicação no meio televisivo, entende que o que ocorre de fato é que a mídia pauta os assuntos que o público vai discutir, assim como a teoria do agendamento estabelece. Segundo Felipe Pena, “a teoria do agendamento defende a idéia de que os consumidores de notícias tendem a considerar mais importantes os assuntos que são veiculados na imprensa, sugerindo que os meios de comunicação agendam nossas conversas”. (PENA, 2005, p. 142).

No processo de produção de notícias televisivas isso se verifica à medida que os telejornais expõem os assuntos em um espaço público, levantando temáticas que poderão influenciar na formação da opinião pública. Ou seja, a massa não é atingida por mensagem, mas o público é pautado pelo conteúdo difundido pela mídia. Após analisar os termos “meio” e “massa” que compõem a noção de meios de comunicação de massa é chegada a hora de pontuar sobre “comunicação”. Segundo Dominique Wolton, há dois significados que coabitam na etimologia da palavra comunicação: um diz respeito ao sentido de compartilhar e se liga à idéia de comunicação normativa; enquanto o outro traz o sentido de difundir, transmitir. Trata-se da comunicação funcional. Ainda de acordo com esse sociólogo, a comunicação normativa é “o ideal de comunicação, isto é, a vontade de intercambiar para compartilhar algo em comum e compreender-se” (WOLTON, 2004, p. 32). Nesse caso existe a vontade de compreensão mútua entre os sujeitos. Já a comunicação funcional se relaciona às “necessidades de comunicação das economias e das sociedades abertas, tanto para as trocas de bens e serviços como para os fluxos econômicos, financeiros ou administrativos” (WOLTON, 2004, p. 33).

Na TV observa-se tanto a comunicação normativa, quanto a funcional, porém a ênfase maior é sobre essa última. Isso porque o veículo televisivo se submete a legislação da telecomunicações, sofrendo interferências dos subsistemas econômico e político. Esse fato, que afeta a



pureza ou realidade da informação tratada pelo jornalismo de TV, que mesmo antes disso, normalmente, já recebe as edições do jornalista que faz o recorte do fato sob sua ótica, levando em conta os seus valores, sua cultura e até seus interesses. Além disso, na própria rotina de produção de um telejornal o emissor, no caso o telejornalista, produz a notícia seguindo, também, requisitos de noticiabilidade, linha editorial e uma necessidade subjetiva de conquistar uma audiência idealizada.

O que se percebe ao se analisar o produto telejornalístico é que pensar e discutir telejornalismo são, antes de tudo, mergulhar nas fontes de teorias da comunicação e teorias do jornalismo, e não apenas se deixar levar pelo encantamento que a técnica induz.

SIGNATES (2009) alerta para a superficialidade dos estudos comunicativos, quando a comunicação é reduzida a uma noção instrumental. Para ele, diante do fato de a tecnologia ocupar a centralidade dos processos comunicacionais, há a necessidade de que ela “seja explicada a partir de fundamentos que lhe sejam analiticamente transcendententes” (SIGNATES, 2009, p.40). Fazendo alusão às reflexões de Heidegger, ele acrescenta: “Será Heidegger quem dirá com mais amplitude e precisão que ‘a essência da técnica não é nada de técnico’” (SIGNATES, 2009, p.40).

Geralmente, é comum no campo dos estudos sobre telejornalismo nortear as discussões da comunicação à tecnologia sem aprofundamento teórico e reflexões acerca do que está por trás dessas técnicas tão encantadoras. Porém, se levarmos em conta a hipótese de que o telejornalismo é a nova praça pública, em analogia à Ágora grega, esse produto audiovisual pode contribuir significativamente na esfera da comunicação, que interfere e sofre interferência de outras esferas da sociedade, tais como a política e econômica. E mesmo que a noção de esfera pública atual esteja bem longe do ideal de esfera pública baseada na argumentação, racionalidade e discutibilidade, proposta na antiguidade Grega, ela continua desempenhando papel relevante na sociedade, influenciando hábitos, valores, cultura.

No jornalismo, principalmente, o produzido nas emissoras televisivas, verifica-se a idéia de esfera pública contemporânea que se caracteriza como “a esfera da representação pública dos interesses privados, que não ousam assumir tal condição” (GOMES e MAIA, 2008, p.52). De acordo

com esses autores, a esfera pública deixa de ser a dimensão social da exposição argumentativa, de discutibilidade acerca de questões relacionadas ao bem comum para ser a dimensão social da exibição discursiva midiática, da visibilidade de posições privadas que querem valer publicamente.

Nesse sentido, o telejornalista deve estar muito bem preparado para agir de forma crítica, reflexiva e ética, de modo que ao transformar as informações em um produto telejornalístico, trabalhando uma opinião pública capaz de gerar adesão pública, possa contribuir para que os telespectadores busquem o exercício de sua cidadania e uma sociedade mais democrática. Afinal, como afirma Paulo Freire "A questão não está na televisão, mas no uso que se faz dela, em seu poder. Entendo televisão na medida que entendo poder". (FREIRE, 1989, p.49).

## 2.2 TELEVISÃO E O SEU PRODUTO TELEJORNALÍSTICO: A FORÇA DA IMAGEM A SERVIÇO DA CIDADANIA

A análise proposta neste trabalho exige a discussão sobre o papel social da prática do telejornalismo; a quem serve essa atividade profissional; quais os seus vínculos com a indústria do espetáculo e o que está por trás da plástica televisiva de um jornalismo de TV.

Sobre este ponto, convém destacar que essas são questões que nem sempre são debatidas profundamente nas disciplinas de telejornalismo oferecidas nas faculdades de comunicação. Normalmente, as ementas se preocupam com a história de telejornalismo, cujos focos são datas e nomes de programas e seus respectivos apresentadores, repórteres; com as tecnologias relacionadas à área e com as rotinas produtivas da notícia televisiva. Não que esses assuntos sejam irrelevantes, mas acabam formando técnicos com conhecimentos superficiais, que dão ênfase à prática telejornalística sem sequer discuti-la ou refleti-la. Para demonstrar que a prática telejornalística deve ser extremamente levada à sério e ser realizada de forma crítica e consciente levanto discussão acerca da construção da notícia nos telejornais sob a lógica das rotinas produtivas, partindo da análise de um caso específico,

que é a cobertura do Jornal Nacional sobre a morte do cantor Michael Jackson. Sustentado por teorias do jornalismo, como: *newsmaking*<sup>3</sup> e *organizacional*<sup>4</sup>, esse debate leva à reflexão sobre o papel social da prática do telejornalismo, que cada vez mais se volta à indústria do espetáculo de maneira a não contribuir para a construção da cidadania.

No dia 25 de junho de 2009 o Jornal Nacional, principal telejornal da Rede Globo de Televisão, bateu recorde de audiência do ano ao divulgar a morte do cantor Michael Jackson.

O Jornal Nacional registrou excelentes índices de audiência nesta quinta-feira, dia 25 de junho. Fátima Bernardes se atrapalhou toda para encerrar a edição do telejornal. Seu marido, Willian Bonner comentou “estamos muito abalados”. Realmente, é pra ficar na história da televisão. Segundo dados preliminares, o principal telejornal da TV Globo registrou 38 pontos de média. Vale lembrar que cada ponto no Ibope representa cerca de 60 mil domicílios na Grande São Paulo, dados que servem como referência para o mercado publicitário.

(<http://rd1audienciadatv.wordpress.com/2009/06/26/com-noticia-da-morte-de-michael-jackson-jornal-nacional-bate-recorde-de-audiencia-do-ano/>)

Quem acompanhou o telejornal nesse dia pôde perceber que a equipe se mobilizou para garantir ao público brasileiro todas as informações possíveis sobre o ocorrido, ou para os mais críticos, todos os momentos do “espetáculo”. Inicialmente, correspondentes, em Los Angeles, cidade em que o astro faleceu, traziam informações desencontradas. A apuração do fato estava comprometida pelo *deadline*<sup>5</sup> do Jornal Nacional, visto que a morte ocorrera por volta de cinco horas da tarde aqui no Brasil e o telejornal geralmente é exibido a partir de 20h30, horário de Brasília. Além disso, as fontes oficiais não soltavam a informação à imprensa.

Nesse dia o telejornal foi iniciado de forma diferente. Após a vinheta de abertura, uma *cartela*<sup>6</sup> com a foto do cantor e as datas de seu nascimento e falecimento cobriam a voz do apresentador Willian Bonner que em tom fúnebre anunciava: “O cantor Michael Jackson está morto”. O recurso

<sup>3</sup> Teoria de newsmaking – Aperfeiçoando as investigações do Gatekeeper, o Newsmaking investiga com maior detalhe a cultura de trabalho dos profissionais de mídia. Estudam assim o processo de industrialização das informações fornecidas pela realidade, processo este utilizado pelos profissionais da mídia para avaliar o valor de uma informação como notícia.

<sup>4</sup> Teoria Organizacional - Afirma que o trabalho jornalístico é dependente dos meios utilizados pela organização, portanto condicionado a fatores políticos e econômicos.

<sup>5</sup> Deadline: tempo limite para fechamento das matérias que entrarão no jornal.

<sup>6</sup> Cartela: vídeo tape produzido em ilha de edição que traz informações textuais e visuais.

gráfico – o uso da cartela – já seria um prenúncio de como o Jornal Nacional trataria a notícia naquele dia.

Depois da exposição de segundos da cartela, veio a *escalada*<sup>7</sup> que trouxe além da notícia da morte do cantor ainda não confirmada oficialmente, as seguintes informações: morte da atriz Farrah Fawcett, atriz da série de TV “As Panteras”; crise no senado com a possibilidade de afastamento do presidente da casa José Sarney; e vitória da seleção Brasileira sobre a África do Sul. Essas foram consideradas as principais notícias do dia. A hierarquia dos fatos e sua apresentação final estavam definidas, segundo valores- notícias estipulados pela equipe jornalística, em comum acordo com a linha editorial do veículo de comunicação. De acordo com o pesquisador italiano Mauro Wolf (2002, p. 175), os valores dados às notícias denominados valores-notícia (*news value*) são componentes da noticiabilidade, que segundo ele, seria o conjunto de elementos com os quais o órgão informativo controla e gera a quantidade e o tipo de acontecimentos para selecionar as notícias. Assim, os valores-notícias teriam o objetivo de permitir a definição de que fatos seriam noticiados pelo veículo.

No caso específico do meio televisivo, em que se encaixa o exemplo aqui tratado, também foram determinados os tempos e os formatos de cada uma das notícias eleitas a serem veiculadas. A morte do cantor tomou o tempo de um bloco inteiro do telejornal, cerca de nove minutos. Porém, foi dividida em partes que ocuparam os três blocos, que compõem o Jornal Nacional. Tudo bem pensado para manter o público em frente à TV. Somente no último bloco a repórter-correspondente, direto de New York, informou que o IML havia confirmado a morte de Michael Jackson. A informação foi seguida de um VT biográfico sensacionalista que narrava de forma enxuta diversos episódios da vida e da carreira do cantor. Um verdadeiro contra-ponto ao início do jornal, em que a repórter-correspondente entrara ao vivo de New York, relatando aos apresentadores Willian Bonner, Fátima Bernardes e ao telespectador brasileiro, que assistia a conversa, que nem o hospital, nem a família se pronunciavam acerca do fato, mas que o Jornal Los Angeles Times, New York Times e a TV Americana NBC já anunciavam a fatalidade.

---

<sup>7</sup> Escalada: chamada das principais matérias que serão apresentadas no telejornal.

Mostrando-se ainda incerta em relação às informações apuradas, a correspondente deixou em suspense a confirmação da morte, afirmando que ainda naquela edição voltaria com mais notícias sobre o estado de saúde do cantor. Morreu ou não morreu? Provavelmente, naquele momento, essa era a pergunta de inúmeros telespectadores. É como afirma Arlindo Machado:

A questão da verdade está, portanto, afastada do sistema significativo do telejornal, pois, a rigor, não é com a verdade que ele trabalha, mas com a enunciação de cada porta-voz sobre os eventos. (MACHADO, 2005, p.111).

É compreensível que nos meios de comunicação nem sempre o relato seja imediato. Dessa forma, no exemplo proposto, o acontecimento assumiu as diversas cores que os mais variados intérpretes deram a ele, confirmando a hipótese construtivista de VEYNE (1983), para quem o acontecimento é o que fazemos ele ser. Na mesma linha de raciocínio, os autores Eugênio Bucci e Maria Rita Kehl acrescentam,

Onde quer que a notícia esteja a serviço do espetáculo, a busca da verdade é apenas um cadáver. Pode até existir, mas, sempre, como um cadáver a serviço do dom de iludir. É por isso que, hoje, o telejornalismo no Brasil, dificilmente pode ser compreendido como resultado autêntico pela busca da verdade. (BUCCI e KEHL, 2004, p. 130).

É certo que as informações, mesmo que desconstruídas, sobre a morte do cantor, por si só já geravam notícias, segundo os critérios de valores-notícias adotados nas redações. Baseando nos estudos sobre *newsmaking*, o processo de construção da notícia deve ser um fenômeno de interesse social e os meios de comunicação são emissores de mensagens socialmente produzidas. A morte de Michael Jackson interessou ao público pela figura notória que ele se tornou no mundo todo, sendo reconhecido pelo dom artístico musical desde muito cedo. Sua imagem foi construída na mídia regional, nacional e internacional. Quantas gerações não se identificaram com a história de um garoto negro, de histórico familiar rígido e humilde, que conseguiu vender milhões de discos? Não tornar pública a morte de uma celebridade seria um erro brutal diante de todos os concorrentes que, com certeza, noticiariam o fato. Logo, a forma espetacular que transformou a morte de Michael Jackson em um show só foi possível graças ao discurso jornalístico construído, principalmente, no meio televisivo; e justificado pela lógica das

rotinas produtivas. Para os autores Mauro Wolf (2002) e Nelson Traquina (2004), o modelo teórico do *newsmaking* leva em consideração critérios como noticiabilidade, valores-notícia, constrangimentos organizacionais, rotinas de produção e fatores organizacionais. Levando em conta a *teoria do newsmaking*, no processo de produção de notícias, a imprensa não reflete a realidade, mas ajuda a construí-la (PENA, 2005). Segundo Maria Olga Curado,

A importância da notícia é geralmente julgada de acordo com a sua abrangência, isto é, segundo o universo de pessoas às quais pode interessar. Esse é o critério mais utilizado em jornalismo de televisão que, dando ênfase ao aspecto da amplitude, pode tender a transformar a notícia em entretenimento ou em espetáculo (CURADO, 2002, p.16).

No telejornal, a valoração de informações vai além do processo de captação de notícias. O sociólogo Pierre Bourdieu afirma que para entrar no tubo de uma TV, “não há discurso, nem ação que, para ter acesso ao debate público, não deva se submeter a uma prova de seleção jornalística, isto é, a essa formidável *censura* que os jornalistas exercem, sem sequer saber disso” (BOURDIEU, 1997, p. 67). Nesse caso em específico, diante do imprevisto, é certo que várias matérias caíram e deram lugar ao espetáculo que rendeu ao Jornal Nacional o recorde do ano em audiência. Se o departamento comercial da emissora soubesse, provavelmente, teria vendido todo o espaço comercial com valores diferenciados para patrocínio e apoio ao enterro. Mas, com certeza o desenrolar da história nos dias que se seguiram serviram para aquecer as vendas dos espaços comerciais do telejornal. Assim, valores organizacionais interferiram diretamente na produção das *suítes*<sup>8</sup> dessa notícia.

Segundo BOURDIEU (1997), o índice elevado de audiência pode e acaba se transformando em arma perigosa contra a busca da imprensa pela verdade, o exercício da cidadania e da democracia. Mais audiência também significa maior compromisso com poderes político e econômico, o que geralmente causa um distanciamento dos interesses do cidadão comum.

Dessa forma, o autor entende que quanto mais audiência obtém um meio de comunicação, maior é o risco de perder suas asperezas, uma vez que deixa de ser questionador, passando a dar importância ao que ele

---

<sup>8</sup> Suíte - é uma matéria que dá seqüência ou continuidade a uma notícia, seja por desdobramento do fato, por conter novos detalhes ou por acompanhar um personagem.

denomina *informação-ônibus*, ou seja, aquela informação sem aspereza, homogeneizada, que se revela em uma mercadoria produzida por uma linha de montagem.

Para a socióloga TUCHMAN (1980), a construção da notícia se articula seguindo três vertentes principais: a cultura profissional dos jornalistas, valores organizacionais e os processos produtivos. Levando em conta a cultura organizacional, em que o trabalho do jornalista depende dos meios utilizados pela organização, é que o fator econômico se revela extremamente influente. O jornalismo e principalmente o de TV passa a considerar o fator econômico como uma de suas prioridades, por conta da questão da sobrevivência da empresa. Sendo assim, o programa telejornalístico tem como objetivo manter a audiência para dessa forma garantir altos valores investidos nos intervalos comerciais atrelados a sua veiculação. Por conta disso, os programas telejornalísticos seguem a linha editorial que, em muitos casos, levam em conta os aspectos puramente comerciais, sem se importar com informação jornalística para o público. Neste processo, muitas vezes se acusa e se expõe a vida de pessoas na luta pela audiência.

O negócio do telejornalismo não é o jornalismo. Seu negócio é outro. Seu negócio não é sequer a veiculação de conteúdos. As grandes redes de televisão aberta têm como negócio a atração dos olhares da massa para depois vendê-los aos anunciantes (BUCCI e KEHL, 2004, p.130).

O jornalismo atual sofre interferências da lógica capitalista, do marketing e da publicidade, daí seu vínculo com a audiência. A matéria-prima do jornalismo é a informação, um bem considerado valioso na sociedade atual, que já é considerado um direito do homem (TAKAHASHIT, 2004); daí a contradição e o desafio de fazer valer os princípios do jornalismo como elemento essencial para a construção da cidadania.

Ressalta-se aqui que ao jornalismo não interessa qualquer informação, mas sim a informação verdadeira, atual e de interesse do grande público. Porém, quando se trata do jornalismo no espaço televisivo, apoiados numa indústria de comunicação, empresários, personalidades e políticos trabalham para transformar essa mídia em simples distribuidor de uma informação fabricada, com características mercantilistas.

Muitas vezes, isso ocorre também na própria rotina de trabalho

dos jornalistas, confirmando a teoria do *newsmaking*, segundo a qual o processo de produção da notícia é planejado como uma rotina industrial, fazendo com que a noticiabilidade seja negociada por produtores, repórteres e editores, levando em conta fatores como organização do trabalho e processos produtivos e quase nunca sua relevância social. Nessa perspectiva o jornalismo se distancia do interesse do grande público, perdendo a oportunidade de deixar a população munida de informações que possam contribuir para o exercício da cidadania e para uma sociedade mais democrática.

Considerando esse aspecto, pode-se afirmar que as informações são produzidas para serem vendidas. No exemplo proposto nessa seção, todas as especulações criadas em torno do acontecido desencadearam *suítes*<sup>6</sup> que contribuíram para manter vivo um assunto que poderia ter sido enterrado em no máximo sete dias, quando ocorreria uma missa de sétimo dia. Mas, não foi assim que ocorreu. Primeiro porque o enterro do cantor virou um show, à parte, muitos dias depois de sua morte. Nas entrelinhas, a impressão que se tinha era a de que esferas políticas, econômicas e de comunicação, em comum acordo, tiravam proveito do episódio.

Rousiley Maia (2006), ao aprofundar os estudos sobre rotinas produtivas, traz a idéia de que os subsistemas políticos, econômicos e comunicacionais influenciam uns aos outros de modo a interferir nas rotinas produtivas do jornalismo. Sendo assim, não foi à toa que o relato da morte do cantor ganhara tamanha proporção. Para Rousiley Maia,

A mídia é compreendida como um subsistema social, composto por um conjunto de instituições típicas e um grupo de especialistas. Como todo subsistema, o da mídia conta com relativa autonomia (isto é, independência de controle de grupos e instituições de outros subsistemas) para a produção da comunicação, através de códigos e de semânticas específicas, em ambientes de ação ordenados e validados por critérios próprios. As interações estabelecidas com o ambiente circundante, com grupos e instituições de outros subsistemas, não dependem exclusivamente das intenções ou dos interesses dos atores participantes, mas, sim, de modos de operação determinados internamente, que atuam como mecanismos de auto-regulação. (MAIA, CASTRO e SPÍNOLA, 2006, p. 21).

O paradoxo de toda essa história é que ao dar tanta relevância ao assunto sobre a morte de Michael Jackson, o **Jornal Nacional** mostrou-se pouco preocupado em manter o público informado acerca de questões muito



mais próximas dele e que provavelmente afetariam de forma bem mais direta a vida do telespectador. Que serviço de utilidade pública ou função social o telejornalismo de maior audiência da Rede Globo estava exercendo ao dedicar um terço de seu horário nobre a essa informação? Nesse contexto, o público não estaria excluído do processo de comunicação, sendo apenas meros telespectadores e um número a mais no índice de audiência? Diante disso, o papel democrático da mídia e das comunicações deve ser questionado. Jan Ekecrantz entende que:

Comunicações democráticas pouco têm a ver com espetáculos midiáticos de uma sociedade moderna saturada de mídia, sejam eles chamados de noticiários, debates públicos ou qualquer outro nome. Isso indica que há alguma variedade do show midiático do qual participam celebridades da política e de outras áreas a fim de se autopromoverem, em vez de se engajarem em debates sérios sobre questões reais. Nós não temos, aqui, diálogos de interesse público, discussões abertas, mas disputas espetaculares diante de espectadores, como um entretenimento de palco. (EKECRANTZ, IN: MAIA, CASTRO e SPÍNOLA, 2006, p. 96).

Atualmente, o modelo de exclusão do público do processo de comunicação, principalmente no meio televisivo, vem amparado por uma avalanche de informações, que causam a sensação de que os telespectadores estão bem informados e participando do processo. Aparentemente, este modelo satisfaz os telespectadores, mas não cumpre a função essencial do jornalismo de promover o verdadeiro acesso a informação.

E como no século XXI o acesso à informação é pré-requisito para a consolidação da cidadania, os telejornais não estão cumprindo um de seus principais papéis dentro da sociedade, ou seja, colaborando para a construção da cidadania. Segundo Thomas Humphrey Marshall a cidadania refere-se

A tudo que vai desde o direito a um mínimo de bem-estar econômico e segurança ao direito de participar, por completo, na herança social e levar a vida de um ser civilizado de acordo com os padrões que prevalecem na sociedade. (MARSHAL, 1967, p. 63-64 *apud* FEDOZZI, 1999).

De fato, Guilherme Jorge de Rezende afirma que,

É improvável que o telejornalismo esteja cumprindo satisfatoriamente essa missão social, uma vez que está atrelado às grandes corporações que controlam as estações de TV, motivada muito mais por seus interesses econômicos e políticos do que pelas necessidades das camadas populares da audiência. De uma forma ou de outra, porém, razões mercadológicas impelem a produção

telejornalística, como de resto toda a programação televisiva, a procurar atender aos desejos e às expectativas de um expressivo contingente de telespectadores que se situam no outro extremo do processo de comunicação. E essa fatia da audiência de baixo nível institucional, tão cobiçada pelos departamentos de venda das emissoras, encontra na televisão uma das poucas oportunidades para sonhar com a esperança de tornarem-se verdadeiros cidadãos. (REZENDE, 2000, p. 24).

Diante disso, o que se percebe é que assistir aos telejornais, como eles são feitos atualmente, não deixa indivíduo algum mais próximo do exercício de sua cidadania. Primeiro, porque quem produz a notícia já está preso demais às regras e à cultura das rotinas produtivas do jornalismo que, muitas vezes, tornam o público mero telespectadores de espetáculos. Esse por sua vez, se identifica com esse estilo de programação, muito mais voltada ao entretenimento do que realmente a informações pertinentes, educativas e formativas. Segundo Eugênio Bucci e Maria Rita Kehl,

A televisão, a publicidade e outros produtos da cultura industrializada dispensam os sujeitos de pensar, pelo menos enquanto eles ocupam a condição de espectadores. O binômio diversão/distração é a realização de um modo de ocupação do tempo livre que, sendo a continuidade lógica do tempo do trabalho alienado, não solicita o trabalho do pensamento. Sem falar que a maioria sequer vai utilizar as informações veiculadas para agirem. (BUCCI e KEHL, 2004, p. 57).

A grande questão que se coloca é se a incapacidade do telejornalismo de produzir uma informação de qualidade, que efetivamente colabore para que o receptor possa exercer sua cidadania, ocorre por uma deficiência na formação acadêmica dos jornalistas que atuam na televisão e/ou por outros motivos<sup>9</sup>.

Dessa forma, este estudo se baseia no questionamento de que as Instituições de Ensino Superior estão contribuindo para a formação de telejornalistas passivos, que aceitam o esquema proposto pela empresa como único possível, ou se efetivamente abrem espaços e fornecem conhecimentos que instrumentalizem e incentivam os alunos a buscar alternativas e formas de ação que possibilitem um jornalismo mais vinculado aos interesses do cidadão. Ou, em termos mais simples, se estão formando o futuro telejornalista para o

---

<sup>9</sup> A proposta desse trabalho não é investigar profundamente esses motivos, mas pode apontar algumas hipóteses na conclusão.

jornalismo que atenda ao interesse do público, ou se buscam formar um profissional atento aos interesses públicos.

### 2.3 TELEJORNALISMO E INFORMAÇÃO DE QUALIDADE

Para falar sobre qualidade da informação telejornalística, acredito ser importante, inicialmente, situar em que contexto nasceu esse produto televisivo no Brasil, afinal as interferências históricas, culturais e sociais foram determinantes para compor o que veio a ser considerado “padrão de jornalismo de TV”, termo que traz nas entrelinhas uma relação intrínseca com a qualidade da informação, cujo dilema é conviver com a pressão contínua da indústria do entretenimento.

Aqui, conforme já vimos, entende-se pelo termo “qualidade da informação telejornalística” aquele tipo de informação que atenda tanto aos requisitos técnicos ligados a áudio e imagem, quanto aos elementos básicos, considerados essenciais para o exercício ético do jornalismo. Esse processo leva em conta sua função social, que é a de levar informação para a sociedade, de modo que as pessoas possam utilizá-la para serem livres e capazes de fazerem valer os seus direitos políticos, sociais e civis. Vale lembrar que no Brasil, é por meio do jornalismo, principalmente pelo telejornalismo, que a opinião pública é informada e formada. Essa por sua vez, interfere decisivamente em todas as esferas sociais e sobre os poderes constituídos no Brasil – executivo legislativo e judiciário -, bem como nos setores sociais organizados ou sobre aqueles para os quais esta informação é fundamental para sua própria existência e organização, que são os setores excluídos da sociedade.

O telejornalismo segue inúmeras regras ditadas pela televisão, veículo de comunicação que teve início, no Brasil, na década de 50 e que exerce grande influência política, econômica, social e cultural devido ao seu grande potencial ideológico e formador de opinião pública. Por meio dos produtos televisivos milhares de pessoas são levadas a consumir, a eleger, a agir socialmente, transformando o meio em que vivem.

Por isso, não é surpresa encontrarmos na história da TV brasileira, o fato de que a primeira televisão a entrar em funcionamento foi a **TV Tupi Difusora de São Paulo**, que pertencia aos Diários de Emissoras Associados, um oligopólio da indústria da informação, cujo proprietário, Assis Chateaubriand, era também “dono de parte do mercado brasileiro de comunicação, chegando, na sua fase áurea, a 36 emissoras de rádio, 34 jornais e 18 canais de televisão”. (LIMA, 2004, p. 63).

Também não é de se surpreender que a **TV Globo**, após ferir a legislação brasileira, ao receber apoio estrangeiro de capital, equipamento e treinamento de pessoal da área televisiva pela **Agência Time Life**; e por se afinar ideologicamente com o regime militar, logo se consolidou como o veículo de comunicação mais poderoso do Brasil. O que se percebe é que a televisão nasceu em uma rede de interesses políticos e econômicos tanto por parte de empresas de comunicação, quanto por governos e partidos que tão cedo perceberam seu potencial de interferir na opinião pública.

Inicialmente, a TV seguiu em parte o caminho trilhado pelo rádio e tão logo, adotou o modelo norte americano, com financiamento indireto por meio da publicidade e propaganda que até hoje vigora e que abriu portas tanto para a dependência econômica, quanto para barganhas políticas em torno dos produtos veiculados.

No caso do jornalismo de TV isso é bastante evidente e tem grande peso sobre a qualidade da informação. O fato é que o jornalismo ainda hoje depende dos anúncios publicitários para se manter numa programação televisiva, afinal há custos com todo o pessoal do jornalismo, equipamentos e a própria produção diária de notícia. Essa relação de dependência, muitas vezes, interfere no exercício do jornalismo e pode comprometer a qualidade da informação. É, geralmente, aqui que se instala uma eterna rixa entre departamento comercial e departamento jornalístico, que muitas vezes, demonstra uma incompatibilidade entre os objetivos e interesses de cada uma dessas áreas. Numa emissora de TV isso não é diferente. E para complicar ainda mais o quadro, nesse veículo de comunicação, o jornalismo assume também a função de entretenimento, nem sempre bem-vinda nas próprias definições de jornalismo.

O jornalista Clóvis Rossi entende o jornalismo como instrumento capaz de produzir realidades no imaginário das pessoas. Segundo ele,

“Jornalismo, independentemente de qualquer definição acadêmica, é uma fascinante batalha pela conquista de mentes e corações de seus alvos (...). Uma batalha geralmente sutil e que usa uma arma de aparência extremamente inofensiva: a palavra, acrescida no caso da televisão, de imagens. Mas uma batalha nem por isso menos importante do ponto de vista político e social...” (ROSSI, 2005, p. 7)

Bill Kovach e Tom Rosenstiel elencam nove princípios que devem nortear a profissão de jornalismo, que, por sua vez, tem como finalidade “fornecer informação às pessoas para que estas sejam livres e capazes de se autogovernar” (KOVACH e ROSENSTIEL, 2004, p. 22). São eles: o jornalismo tem como obrigação buscar a verdade; tem que ser leal com os cidadãos; tem que ter por essência a disciplina com a verificação; deve ser independente em relação à fonte e veículo; deve ser um monitor independente do poder; deve abrir espaço para a crítica e o compromisso público; tem que empenhar-se para apresentar o que é significativo de forma interessante e relevante; deve apresentar as notícias de forma compreensível e proporcional; e por fim, os jornalistas devem ser livres para trabalhar de acordo com sua consciência.

Para chegar a esses princípios básicos, esses jornalistas contaram com a realização de 21 fóruns aos quais compareceram mais de 3 mil pessoas, com o depoimento de 300 jornalistas e uma equipe de pesquisadores universitários, que gravou 103 horas de entrevistas com jornalistas a respeito dos valores da profissão.

Analisando esses princípios básicos do jornalismo, constatamos, primeiramente, que a busca pela verdade, assim como pela objetividade é um mito, algo utópico. “A respeito deste princípio existe unanimidade absoluta e também a mais completa confusão: todo mundo concorda que os jornalistas devem dizer a verdade. Apesar disso as pessoas se mostram meio zonzas com o significado do termo ‘a verdade’” (KOVACH e ROSENSTIEL, 2004, p. 61).

Em 1922, Walter Lippmann escreveu que “notícias e verdade não são a mesma coisa... A função das notícias é sinalizar um fato. A função da verdade é trazer à luz os fatos ocultos, estabelecer uma relação entre eles e montar um quadro da realidade sobre o qual os homens podem agir.” (LIPPMANN, 1922, p.65).

Em jornalismo de TV, não há tempo, nem espaço suficiente para isso. As notícias são despejadas sobre os telespectadores, que sequer conseguem assimilar a informação, quanto mais discuti-la, relacioná-la. Quando muito ouvem um comentarista, normalmente, com ares de literato, em geral falando de maneira pouco clara. Além disso, há os recortes da realidade feitos inicialmente na seleção das notícias, depois na própria apuração do fato e, em seguida, na edição dos textos e imagens, que são processos que contribuem para o distanciamento da realidade objetiva. Isso sem contar as pressões da linha editorial e departamento comercial das emissoras sobre o trabalho de toda a equipe jornalística, que acabam afetando a qualidade da informação.

Além disso, o jornalismo de TV, no Brasil, surgiu seguindo padrões do jornalismo produzido nos Estados Unidos, que colocou o elemento objetividade como meta normativa da atividade jornalística. Por reportagem objetiva entende-se o texto jornalístico desapassionado, sem preconceitos, isento de subjetividade, imparcial e em conformidade com a realidade. A intenção do uso da objetividade era a de tratar a informação sem alterar o fato, de forma a retratar a realidade, tornando a notícia totalmente verdadeira. Isso tornaria o jornalismo altamente credível, aumentando o nível de qualidade da informação.

À noção de jornalismo objetivo atrelou-se a idéia de que a informação pode ser apresentada de tal maneira que o receptor seja capaz de formar sua própria opinião, tendo como princípio de que o jornalista não deve formar a opinião pública. Sobre isso, dois aspectos são importantes: inúmeros estudos provaram que a objetividade no jornalismo é um mito, já que não existe imprensa neutra, nem mesmo no jornalismo de TV que tem como grande aliado a força da imagem real e, hoje, também, em tempo real. Além de a objetividade ser um mito, na maioria das vezes ela serve de pretexto para que o jornalista deixe de aprofundar o conteúdo noticioso, podendo prejudicar a qualidade da informação prestada à sociedade. Segundo Clóvis Rossi,

Teoricamente, a introdução da televisão no campo do jornalismo poderia conferir à objetividade o caráter de possibilidade real e não o de mito, afinal, a câmera de TV registra, friamente, o que se passa, assim como os microfones captam os sons tais como são emitidos. (...) Ocorre, entretanto, que, no caso do telejornalismo, a mediação entre o fato e a versão dele que é levada ao ar multiplicou-se. O

trabalho do repórter e do cinegrafista passa por uma quantidade de filtros que depuram sons e imagens dos aspectos considerados inconvenientes pelos diretores da estação (...). (ROSSI, 2005, p. 14).

O segundo aspecto é que a mera exposição de um assunto já demonstra a sua importância e atua sobre a formação da opinião pública, o que ratifica a *teoria da agenda setting*<sup>10</sup> ou teoria do agendamento.

Nesse contexto, a mídia, principalmente, a televisiva, assumiu uma suposta condição de palco do debate público, onde as representações substituem a realidade e um assunto que ganha visibilidade na esfera pública não é necessariamente de interesse público, já que pode ser trabalhado pelo marketing que tem como objetivo moldar e atender o gosto do público, inclusive, agendando seus debates.

Dessa forma, ao ditar valores, crenças e valorizar determinados hábitos culturais, o jornalismo de TV pode tanto contribuir para uma sociedade mais democrática, como impedir o exercício pleno da cidadania, muitas vezes até sem que as pessoas percebam isso. Afinal, por meio do telejornalismo, pessoas podem ter acesso a informações que, direta ou indiretamente, garantirão seus direitos civis, políticos e sociais. Esses, por conseguinte, são, segundo Thomas Marshall<sup>11</sup>, indispensáveis para a construção e o exercício da cidadania, cuja materialização conduz à democracia. A respeito disso, o pesquisador Joãoimar Brito (2006) acrescenta que a concretização da cidadania no Brasil não tem sido fácil, sobretudo, quando se leva em conta o

---

<sup>10</sup> A teoria do agendamento defende a idéia de que os consumidores de notícias tendem a considerar mais importantes os assuntos que são veiculados na imprensa, sugerindo que os meios de comunicação agendam nossas conversas. Ou seja, a mídia nos diz sobre o que falar e pauta nossos relacionamentos. O agenda setting, como é chamado nos Estados Unidos, surgiu no começo da década de 1970 como uma reação a uma outra teoria: a dos efeitos limitados, que teve seu auge entre os anos 40 e 60. (PENA, 2005, p. 142).

<sup>11</sup> O conceito de cidadania foi abordado de variadas perspectivas. Tornou-se clássica a concepção de Thomas H Marshall. Para ele, cidadania seria composta por direitos civis, conquistados no século XVIII; direitos políticos, conquistados no século XIX; e direitos sociais, alcançados no século XX. Os dois primeiros são direitos de primeira geração, sendo que o último direito de segunda geração. Hoje já se fala em direitos de terceira e quarta geração. Entende-se por direitos civis, o direito de ir e vir, direito de igualdade e propriedade, individualidade e liberdade. Já os direitos políticos se relacionam a direito de associação, reunião, organização política e sindical, participação política e eleitoral, sufrágio universal. Os direitos sociais seriam os direitos à educação, saúde, trabalho, aposentadoria, segurança. Os direitos de terceira geração estão ligados à coletividades étnicas, à nação, à humanidade, como por exemplo: direito ao meio ambiente, direito das crianças, jovens, adolescentes, mulheres, idosos, minorias étnicas. Enfim, os direitos de quarta geração já se relacionam a bioética. (VIEIRA, 2001).

histórico dos direitos humanos que nesse país passou a servir de barganha política e social da classe dominante.

Como um dos papéis mais importantes do jornalismo, e principalmente o de TV, é o de construtor da realidade e também levando em conta que em nossa sociedade é considerado o quarto poder, ele seria o meio pelo qual a população teria direta e/ou indiretamente acesso à noção de seus direitos civis, políticos, sociais, conseguindo então chegar ao exercício da cidadania proposto por Marshall. Isso seria uma pauta quase obrigatória do jornalismo de TV, tanto pelo seu extraordinário alcance junto à população, como pelo fato de ser seguramente um dos únicos meios de informação da maioria da população, em todos os estratos sociais.

Vale lembrar que aqui no Brasil nenhum desses direitos são atendidos plenamente até o momento. No que se refere aos direitos civis, podemos citar como exemplos que os ferem os exílios na época de ditadura, o trabalho escravo em carvoarias no nordeste e norte do país e porque não falar do próprio trabalho assalariado e das regras impostas pelo próprio regime capitalista. Quanto aos direitos sociais, o cenário também não é diferente. As necessidades básicas dos seres humanos, como saúde, habitação, alimentação, educação, direito ao trabalho e salário estão longe de serem atendidas. Em geral só são lembrados em época de eleições. E é justamente nessa época que a mídia e em específico o telejornalismo podem contribuir para que a população, pautada por informações que atendam seus interesses, escolha seus representantes de forma crítica e consciente. Os direitos políticos, se bem que garantidos pela Constituição, não conseguem grandes avanços, dadas as heranças históricas da não cidadania no país.

Além disso, o telejornalismo tem a especificidade de levar informações jornalísticas às pessoas que não tem acesso a leitura de jornais impressos ou pela falta de alfabetização, ou por não terem hábitos de leitura, fato que torna esse produto televisivo uma ferramenta que pode democratizar o acesso a informação. Isso tornaria o produto telejornalístico um objeto de desejo cobiçado por empresários, governos e partidos, que não se hesitam em destinar altos valores em verbas às mídias e seus veículos de comunicação de massa, e principalmente ao jornalismo de televisão.



De acordo com Alfredo Vizeu (2006), o que se vê hoje nos telejornais atuais são exposições de textos e imagens, que levam ao telespectador uma limitada exposição de fatos, que não fornecem dados para o debate crítico. Mais do que um compromisso com a informação e com o público, o telejornalismo atual deixa transparecer um compromisso com o marketing da emissora e do próprio programa, tentando se manter em meio a tantas outras mídias sedutoras.

Ao maximizar o compromisso com o marketing, o telejornalismo enfraquece o compromisso com o próprio jornalismo, fazendo com que vários dos elementos básicos propostos para o exercício do jornalismo - a lealdade com os cidadãos e a independência do jornalista em relação à fonte e veículo (KOVACH e ROSENSTIEL, 2004) deixem de existir na prática. Afinal, como ser leal com o público e independente às organizações e fontes, se o que mais importa é o veículo de comunicação, é a comercialização dos espaços inseridos dentro do produto e todo o jogo político e econômico que eles geram?

Levando em conta essas considerações, torna-se pertinente um olhar mais atento sobre a relação entre esfera pública e qualidade da informação. Primeiramente, porque de acordo com GOMES e MAIA (2008), a esfera pública hoje seria o espaço em que pessoas e assuntos seriam expostos, tornando-se visíveis o suficiente para gerar opinião pública. Essa, por sua vez, teria o poder de mobilização e transformação social. E o telejornalismo conceituado como a nova praça pública, na visão de VIZEU (2006), seria o local de visibilidade, que inclusive, é visto por grande parcela da população como um produto altamente credível.

Logo, se faz extremamente relevante considerar na definição de qualidade de jornalismo não só os aspectos técnicos encontrados no produto telejornalístico, mas principalmente, o poder de utilidade pública que essa mídia tem, sendo capaz de levar indivíduos ao exercício de sua cidadania e até podendo trabalhar em prol de uma sociedade mais democrática.

Sobre este ponto, convém destacar que por meio dos telejornais, o telespectador tem acesso a informações que se transformam em notícia de acordo com critérios usados pelos jornalistas na seleção das matérias que irão ao ar. Nesse contexto, entra em questão o que os jornalistas chamam de valor-notícia, ou seja, qual fato tem relevância para se transformar em notícia. Essa

noticiabilidade de um fato pode variar desde o quesito atualidade ao de notoriedade.

O que define se o fato vira notícia são os chamados critérios de noticiabilidade (ou valores-notícia); um conjunto de atributos que se exige para que um fato adquira uma existência pública. De uma forma geral, são valores-notícia: a importância dos indivíduos envolvidos nos acontecimentos, o impacto do fato sobre a nação e o interesse nacional, a quantidade de pessoas que envolve o acontecimento e a sua possível evolução para um fato mais grave. (TEMER, 2001, p.127).

A verdade é que no processo de produção das notícias, em vários momentos os jornalistas lançam mão do uso de valores-notícia, que formam um código ideológico que funcionam como marcadores de representações. Assim, eles acabam norteando pautas, orientando a apuração e enfoque do fato, influenciando edição e finalização de matérias.

É o jornalista que faz esse “recorte”, que transforma a teoria em prática e que faz o jornalismo ideal transformar-se no jornalismo real. Assim, a noticiabilidade de cada fato está sempre sujeita às condições de produção, avaliação (incluindo aí interesses e necessidades) e interpretação dos jornalistas, esteja ele exercendo o papel de repórter, colhendo o fato no local onde ele acontece, na edição, ou até na direção do órgão de imprensa que produz essa notícia. (TEMER, 2001, p. 127).

São os valores notícias que inclusive determinam o que vai fazer parte da escalada e em que bloco entrará determinado assunto. Aqui cabe ressaltar que as notícias que concentram maior potencial de informação e atração são as que têm maior número de valores-notícia e que conseqüentemente tem maior número de audiência. E é isso que interessa às emissoras, já que elas utilizam as notícias como mercadorias não só com a venda de espaços publicitários nos *breaks*<sup>12</sup> dos telejornais, como no próprio produto telejornalístico. Dessa forma, o que se verifica é que nas rotinas produtivas telejornalísticas tanto elementos ligados a cultura profissional do telejornalista, quanto os relacionados a interesses empresariais atrelados, ou não, aos subsistemas políticos e econômicos, acabam interferindo na qualidade da informação.

Além de todas essas questões abordadas, que estão relacionadas à natureza do jornalismo, ao código de ética que rege a profissão, e que direta

---

<sup>12</sup> *Breaks* são os intervalos comerciais entre blocos de notícias.

ou indiretamente interferem na prática do jornalismo e conseqüentemente na qualidade da informação, há também as questões técnicas, que envolvem os processos de produção, reportagem, edição e apresentação.

Os avanços tecnológicos na área de telecomunicações e no próprio campo telejornalístico, estão alterando significativamente os processos de produção, reportagem, edição e apresentação dos telejornais, interferindo na qualidade do produto. Diferentemente do jornalismo produzido nos primórdios da televisão, a tendência atual é que as informações telejornalísticas antecipem, inclusive, os jornais impresso, deixando a população informada o quanto antes acerca dos principais assuntos do dia. Para isso a produção conta com computadores com internet sem fio – 3G –, telefones celulares de última geração com acesso a internet, rádio e TV e inúmeros softwares destinados a redação de pauta, além das facilidades de contatar fontes por meio de Skype, Messenger, entre outras plataformas interativas.

Na reportagem, diferentes tipos de equipamentos de captação permitem cada vez mais uma imagem mais próxima ao real com conexões a equipamentos de transmissão que possibilitam a transmissão ao vivo em tempo real ao do acontecimento. Na edição, o telejornalismo vem ganhando nova plástica. Trata-se de animações e efeitos especiais encontrados em matérias leves, cartelas com infográficos que ajudam o telespectador a visualizar melhor as informações, cenários em três dimensões, que simulam como realmente o olho humano enxerga o ambiente, novos estilos de cortes, transições e até trilhas sonoras que ajudam a contar os acontecimentos de acordo com o enfoque desejado.

Todas essas novidades técnicas se tornam um verdadeiro desafio para os profissionais e futuros telejornalistas, que além de dominar a prática devem pensar sobre ela e como todo esse aparato tecnológico pode ser usado para que o jornalismo de TV possa exercer sua função primordial que é informar com qualidade para que os telespectadores exerçam sua cidadania.

## 2.4 ENSINO DO TELEJORNALISMO

Fica claro, pelo exposto, que a formação dos profissionais do jornalismo tem papel central neste processo de garantir uma informação de qualidade, capaz de garantir uma abertura ao processo de construção e de manutenção de sua cidadania. Isto tem implicações na forma de se propor o ensino do jornalismo e, em particular, do telejornalismo, dentro do contexto de sua constituição, seja em nível regional ou em sua dimensão nacional. A formação deste profissional ganha, pois, uma importância estratégica dentro da idéia de enxergar a prática do jornalismo como elemento indispensável para a construção e para o exercício da cidadania.

Por isso, para analisar o ensino do telejornalismo em Goiás é necessário, antes de tudo, situar historicamente o ensino superior de jornalismo no Brasil. Afinal, a disciplina de telejornalismo se insere em grade curricular de curso de Comunicação Social, habilitação em jornalismo. Sendo assim, esse item se dedica, de forma breve e resumida, ao histórico dos cursos de Comunicação Social no Brasil, passando pela consolidação dos cursos de jornalismo.

O caminho escolhido foi o estudo dos elementos importantes dos projetos pedagógicos e dos planos de cursos da disciplina de telejornalismo dos cursos de Jornalismo oferecidos pelas IES goianas. Os dados de todas as instituições foram coletados no segundo semestre de 2009 e atualizados em julho de 2010, levando em conta o projeto e plano atual em vigor de cada faculdade.

O curso de bacharelado em Comunicação Social, instituído no Brasil, passou por diversas fases. Inicialmente, de 1946 até a década de 1960, fundamentou-se na Escola Européia, cuja ênfase recaía nos estudos filosóficos, históricos e literários do jornalismo, acrescidos de matérias de cultura geral. Os cursos de Jornalismo ganharam força, como área autônoma do conhecimento, vinculada à pesquisa social aplicada, a partir de 1950, quando houve também uma melhor definição do seu campo científico e o desenvolvimento das empresas de comunicação. Segundo José Marques de Melo,

As primeiras escolas de jornalismo no Brasil foram a Escola de Jornalismo Cásper Líbero da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento – PUC –São Paulo, hoje denominada Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero; e o Curso de Jornalismo da Faculdade Nacional de Filosofia – Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ambas tiveram início no final da década de 40. (MARQUES DE MELO,1979, p. 35).

Por volta da década de 1960, o curso de jornalismo baseou-se no ensino funcionalista/empírico-técnico e instrumentalizador das escolas norte-americanas. E a partir da reformulação do currículo mínimo pelo parecer nº 631/69, o currículo mínimo foi reformulado a fim de atender a abrangência das atividades do jornalista, contemplando a necessidade de uma formação polivalente de modo a habilitar o profissional também nos campos da pesquisa das relações públicas e da publicidade e propaganda. O curso passou então a se chamar Comunicação Social, permitindo a formação de bacharéis nas diferentes habilitações. Assim, a formação de comunicadores agregou as carreiras de jornalismo, publicitários, relações públicas e o currículo mínimo passou a ter um tronco comum para todas as áreas, além das disciplinas específicas, variando em cada habilitação.

Foi também no ano de 1969, que a profissão de jornalista foi regulamentada, a partir do Decreto-Lei 972, que estabeleceu a reserva de mercado para os portadores do diploma de jornalismo. O dispositivo foi ratificado na Constituição Federal de 1998, que condicionou a obtenção do Registro Profissional à posse do Diploma.

No final da década de 1970, atendendo a exigências mercadológicas, o parecer 03/78, organizou o novo currículo do jornalismo em três linhas: geral, humanística, específica e profissional. Segundo Maria Cristina Gobbi,

A mudança proposta atendia as solicitações dos empresários da comunicação e do corpo discente que, desde a década de 1950, batalhavam pela adequação profissional e reivindicavam um perfil tecnológico, compatível com a natureza da profissão. (GOBBI, 2004).

Foi somente a partir do Parecer 480/83, que deu origem à Resolução 02/84 do Conselho Federal de Educação/MEC (CEF), que as bases do ensino de comunicação se estabeleceram, definindo um currículo mínimo para a formação de profissionais nas habilitações de Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Editoração, Radialismo e Cinema. Também

foram estabelecidas exigências de infra-estrutura para o funcionamento dos cursos, com referência para instalações, laboratórios e equipamentos necessários à formação nas diferentes áreas.

No início de 1984, o Conselho Federal de Educação, realizou uma nova alteração nos currículos. Tratava-se dos projetos experimentais ou PE's, que foram inseridos anteriormente no currículo para atender a produções práticas. Os PE's passaram a compreender "a produção, no último semestre do curso, de trabalho relacionado com a habilitação específica (...) sempre realizados nos laboratórios da própria escola" (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 1984, p. 16). Também ficou definido que 10% da carga horária mínima total do curso, ou seja, 2700 horas/aula, deveriam corresponder aos PE's, perfazendo um total de 270 horas/aula.

Porém, nem todas as escolas seguiram essa orientação. As escolas de comunicação que consideraram já ter alcançado um equilíbrio teórico-prático na formação dos alunos continuaram a incentivar os PE's nos laboratórios didáticos (jornais, revistas, vídeos, filmes, livros etc.). Já outras instituições, alegando problemas de infra-estrutura laboratoriais optaram por reproduzir os modelos implantados nas pós-graduações, com a produção de monografias. E por fim, "as escolas dotadas de um perfil mais prático que teórico, buscaram avaliar a competência profissional dos formandos por meio dos projetos experimentais realizados nos laboratórios, optando por inserir os alunos no mercado". (MARQUES DE MELO, 1991, p. 71).

No ano de 2002, foi elaborado pela Comissão de Especialistas da área de Comunicação do Ministério da Educação - CEE-COM, um estudo sobre as Diretrizes Curriculares para a área de Comunicação Social. O projeto desenvolvido apontou sugestões para a formação adequada do profissional que atuará no campo da comunicação no século XXI e contou com a colaboração de representantes das entidades profissionais, acadêmicas e estudantis. O estudo indicou o perfil do egresso, as competências e habilidades dos ingressantes, os conteúdos básicos, os conhecimentos teórico-conceituais, analíticos e informativos sobre a atualidade, conhecimentos de linguagens, técnicas e tecnologias midiáticas e ético-políticos, dentre outras sugestões. Em fevereiro de 2009, o Ministério da Educação (MEC) criou uma comissão para reformar as diretrizes curriculares dos cursos de Jornalismo no Brasil, após

decisão do Supremo Tribunal Federal pela não obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão de jornalismo.

O que se percebe aqui é que existe uma busca constante de aperfeiçoamento dos currículos dos cursos de comunicação, que prima pelo saber teórico e prático do fazer jornalismo. Essa preocupação com a qualidade do ensino da comunicação faz parte do cenário universitário em todo o país, enriquecido ainda por um grande investimento na pesquisa científica em comunicação, através dos vários programas de pós-graduação *stricto sensu*, abrindo possibilidades concretas para candidatos ao mestrado e ao doutorado na área. Em Goiás, isso não é diferente, visto que a comunidade acadêmica busca, incessantemente, atingir níveis de qualidade cada vez maiores. O recém-criado programa de mestrado em comunicação na UFG atesta o aprofundamento deste processo de busca de maior qualificação, com investimento na pesquisa neste campo do conhecimento na região <sup>13</sup>.

Assim como em outros estados do país, Goiás também foi beneficiado pelo projeto educacional do Governo Federal, de Luís Inácio Lula da Silva, que incentivou, por meio de várias ações, e principalmente, pelas bolsas universitárias do Programa Universidade para Todos (Pro Uni)<sup>14</sup> o crescimento do número de instituições de ensino superior privadas e também do número de vagas e de novos cursos em instituições públicas. Além do Pro Uni, Goiás também conta com o Programa Bolsa Universitária<sup>15</sup> criado em 1999 pelo governo estadual.

É nesse contexto de grande luta pelo acesso à educação superior

---

<sup>13</sup> O Programa de Pós-Graduação em Comunicação - Mestrado em Comunicação -, da UFG, foi aprovado pela CAPEE 2006. Sua área de concentração é: Comunicação, Cultura e Cidadania. Oferece duas linhas de pesquisa: Mídia e Cultura e Mídia e Cidadania. Suas atividades tiveram início em 2007.

<sup>14</sup> O Programa Universidade para Todos (ProUni) foi criado em 2004, pela Lei nº 11.096/2005, e tem como finalidade a concessão de bolsas de estudos integrais e parciais a estudantes de cursos de graduação e de cursos sequenciais de formação específica, em instituições privadas de educação superior. As instituições que aderem ao programa recebem isenção de tributos. [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=205&Itemid=298](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=205&Itemid=298)

<sup>15</sup> O Programa Bolsa Universitária representa a oportunidade de conclusão de um curso superior para estudantes que não possuem condições de arcar com as mensalidades em instituições privadas de ensino no Estado de Goiás. Atualmente, são mais de 18 mil universitários bolsistas matriculados em 65 instituições particulares de ensino superior, em 191 municípios goianos. O programa paga a contribuição de até 250 reais do valor total da mensalidade para estudantes regularmente matriculados. Em contrapartida, o aluno presta serviço voluntário em instituições governamentais ou não-governamentais, com carga horária compatível com seus afazeres escolares, trabalho e, muitas vezes, de acordo com a sua área de formação. <http://www.ovg.org.br/index.php?idEditoria=3883>

que se deve olhar para o processo de formação do profissional na área de comunicação. Esses esforços do governo federal, que priorizaram a sobrevivência das instituições privadas de ensino superior, mas deixaram de lado uma fiscalização deste processo, prejudicando a qualidade do mesmo. As instituições públicas de ensino superior só tiveram um oportuno alento, no segundo governo do presidente Lula, com a implantação do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI). Este programa criou condições para que as universidades federais promovessem a expansão física, acadêmica e pedagógica da rede federal de educação superior, garantindo a renovação dos seus laboratórios e ampliando o quadro de docentes e pesquisadores<sup>16</sup>.

No entanto, ainda persistem muitos os desafios no campo da educação em todos os níveis, e principalmente, no superior. Na outra ponta deste processo, a sociedade exige níveis educacionais cada vez mais altos e profissionais com formação bem mais completa, primando pelo desenvolvimento de habilidades específicas pertinentes às profissões. O ensino de comunicação e, em particular, o de suas habilitações, não escapa das exigências deste processo, que combina as exigências de uma formação adequada para atender às crescentes exigências da sociedade contemporânea.

Em nível de graduação, podemos dar como exemplo o valor que o ensino superior tinha há algumas décadas. Culturalmente, um curso de graduação era responsável pelo status e pelo sucesso financeiro. Seguindo a essa referência, muitos alunos ingressam em faculdades em busca de condições de empregabilidade ou do sucesso profissional ou pelo menos, da estabilidade financeira, sem analisar que o mundo passou por inúmeras mudanças e o mercado espera do profissional muito mais que habilidades técnicas e específicas da profissão. Com o diploma nas mãos, muitos jovens não entendem a falta de emprego e julgam o ensino e conseqüentemente o professor como culpados pelo próprio fracasso. O problema estaria localizado nas transformações experimentadas pela sociedade brasileira que, a cada

---

<sup>16</sup> O REUNI foi instituído pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007. Suas ações integram o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE). Os efeitos desta iniciativa podem ser percebidos pelos expressivos números da expansão, iniciada em 2003 e com previsão de conclusão até 2012.



instante, estabelece novas exigências para a inserção do mercado de trabalho, cada vez mais competitivo.

Estas mudanças exigem novos formatos para a formação destes profissionais, em todas as áreas do conhecimento. Este processo provoca, com frequência, desencantos de parte a parte, atingindo indiscriminadamente alunos e professores. Além disso, também há uma recorrente confusão em relação ao discurso dos alunos das instituições privadas, que julgam ser o ensino uma mercadoria, apenas devido ao pagamento pelo serviço educacional prestado. Trata-se de uma grande confusão, porque a exigência maior seria mesmo o da cobrança da qualidade do ensino oferecido por estas instituições. E ao governo caberia uma sistemática fiscalização, dentro de um processo de acompanhamento permanente do desempenho destas instituições. Isto não ocorre como norma.

Entre tantas instituições, o aluno pode acabar sendo disputado como cliente que tem como finalidade maior a obtenção do diploma, não importando a qualidade do ensino. Então, a jogada de marketing dessas faculdades passa a ser a estrutura física. Atualmente, por exemplo, não são raros os casos de alunos trocando de faculdades porque determinado laboratório é mais luxuoso ou é maior que o de outra instituição.

Em se tratando de jornalismo na área de TV, parece que os alunos/clientes são ainda mais exigentes. Procuram nos laboratórios dos cursos algo que lhes permita assegurar a possibilidade de atingirem o sonho de serem verdadeiros Willians Bonners ou Fátimas Bernardes. E com um fator agravante: enxergam nestes profissionais verdadeiros modelos, sem conseguir fugir dos estereótipos que este tipo de comportamento proporciona. O fato é que os alunos tendem a não considerar, ou não querem pensar, que o sucesso é sempre duramente conquistado por uma formação sólida e de qualidade. É isto que vai permitir ao futuro telejornalista lidar com os inúmeros desafios encontrados em um terreno de trabalho intenso, com pressões de várias ordens e em constante evolução frente às inovações tecnológicas, o que torna sua jornada cada vez mais estressante.

Em depoimento sobre a questão, o jornalista Pinheiro contata a seguinte realidade:

No curso de jornalismo encontro um monte de menininhas bonitinhas, de rapazes bem arrumados e começo a ver que há outros fatores motivando a demanda por esse curso. Começo a ver que a televisão já reina com muita força. As pessoas que querem ser famosas mas não têm talento para ser ator, atriz, nem cantor, nem modelo, colocam-se a possibilidade de ser repórter da TV Globo ou apresentador de televisão. Ou seja, as pessoas estão querendo aparecer. Não quero generalizar essa crítica, mas vi isso e via anos seguidos e vejo hoje ainda. As pessoas não sabem bem por que estão indo para o jornalismo. Têm uma idéia de que se paga bem, mas não é bem assim. (PINHEIRO, 1999, p. 87).

A televisão, na sociedade contemporânea, tem, sem dúvida, um poder mágico, pela idéia construída ao longo do tempo de que ela constrói e destrói mitos e personalidades, dependendo dos interesses econômicos e políticos. Ou ainda que a TV cria marcas identificadoras, que seduz o telespectador, levando-o a consumir não só produtos, como também ideologias. Ela também desempenha o papel do Grande Outro, que representa a totalidade, a completude. Enfim, ela preencheria a falta inerente ao ser humano inserido no universo da linguagem. Ela inspira desejos, que não são próprios de quem deseja, mas os desejos do outro.

Levando em conta a televisão como produtora de videologias<sup>17</sup>, pode-se perceber o quanto o ensino do jornalismo, em específico, o de TV (telejornalismo), deve ser levado a sério, considerando sua importância na formação de profissionais críticos, capazes de compreender os mecanismos pelos quais a política, a religião, a cultura e toda forma de representação social convergem para a imagem, nessa sociedade do espetáculo. DEBORD (1997, p. 3) afirma que “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens”.

Dentro dessa perspectiva, a informação telejornalística, muitas vezes, passa a fazer parte de um espetáculo, que tem como objetivo muito mais atrair audiência que levar o telespectador ao exercício de sua cidadania. Fazendo parte dessa maior indústria dos últimos tempos que produz videologias, os telejornalistas precisam de uma formação sólida capaz de impedir que o jornalismo produzido na TV se renda às interferências negativas do meio televisivo. Ao contrário disso, o telejornalista bem formado deve usar a potencialidade do meio televisivo para levar informação de qualidade à

---

<sup>17</sup> Videologias - o termo faz referência à obra de Barthes, *Mitologias*, relacionando a palavra ideologia à produção audiovisual da sociedade do espetáculo.

população, de forma que essa a utilize a favor de sua cidadania e da democracia. Ou seja, cabe ao jornalista de TV produzir jornalismo e não simplesmente espetáculos.

Na era eletrônica isso não é tarefa fácil, já que o jornalismo perde suas características iniciais e as peculiaridades constituídas pela era letrada. A imagem passa a ser predominante e isso desorganiza ou pelo menos desloca de lugar a mentalidade, a cultura e a produção do sentido na sociedade. Por isso, o ensino do jornalismo de TV, como garantia de uma informação de qualidade, comprometida com a cidadania, vai muito além do domínio de um código lingüístico, de conhecimentos técnicos de enquadramento, direção de câmera.

Por se tratar de uma disciplina considerada prática, inicialmente o ensino do telejornalismo nas faculdades teve de enfrentar um de seus grandes obstáculos: a ausência de laboratórios de áudio e vídeo. Por conta disso, a ênfase em disciplinas teóricas nos cursos de jornalismo se arrastou por muitos anos. Porém, por meio do veículo televisivo o produto telejornalístico acabou caindo no encantamento da população brasileira. Assim, a força da imagem somada a uma grande parte da população analfabeta e, posteriormente, a uma maior facilidade ao acesso de equipamentos, contribuíram nos anos seguintes para solidificar um público televisivo.

Se de um lado criou-se o hábito nos telespectadores de outro se abriu espaço para profissionais trabalharem com a informação na TV. E pela audiência crescente desse veículo e pelo poder de criar ídolos, não demorou muito para que vários jovens recém-formados em jornalismo buscassem empregos nessa área. Com o tempo o meio acadêmico acabou tendo que voltar seu olhar não só para a análise do veículo televisivo, como para a prática dos produtos televisivos, em específico o telejornalismo. A consequência disso foi o investimento em laboratórios de TV em busca de uma melhor formação de profissionais para atuarem em telejornais.

Porém, como não há uma formação específica de professores de telejornalismo, esses profissionais em sua maioria são jornalistas que atuam ou atuaram na área, ou até aqueles que nunca atuaram no mercado, mas que orientaram seus estudos para esse campo em um curso de mestrado, doutorado. Dessa forma, o que ocorre é que os professores que não viveram a

prática mercadológica tendem a ser extremamente teóricos, enquanto os que foram para as salas de aulas oriundos do mercado, dão ênfase à prática e poucos aprofundam nas discussões teóricas sobre mídia eletrônica, também muito importante na formação do futuro profissional que irá atuar em telejornalismo. Inclusive, são raros os docentes na área de telejornalismo que conseguem conjugar de forma adequada os aspectos técnicos aos teóricos. Torna-se oportuno o retorno a uma antiga observação do pedagogo Paulo Freire. Para ele,

O que importa fundamentalmente à educação, contudo, como uma autêntica situação gnosiológica, é a problematização do mundo do trabalho, das obras, dos produtos, das idéias, das convicções, das aspirações, dos mitos, da arte, da ciência, enfim, o mundo da cultura e da história, que resultando das relações homem-mundo, condiciona os próprios homens, seus criadores. (FREIRE, 1977, p. 83).

Em relação ao ensino de técnicas, FREIRE (1977, p. 86) entende que seja impossível “ensinar técnicas sem problematizar toda a estrutura em que se darão estas técnicas”. Ainda sobre o ensino da técnica, ele acrescenta que,

A capacitação técnica é mais do que o treinamento, porque é busca de conhecimento, é apropriação de procedimentos. Não pode nunca reduzir-se ao adestramento, pois que a capacitação só se verifica no domínio do humano. (FREIRE, 1977, p. 88).

Além da discussão dessa cisão existente entre prática e teoria no próprio ensino do telejornalismo, outra questão fundamental se relaciona à contribuição das disciplinas teóricas do curso de jornalismo na formação do telejornalista, uma vez que antes de atuar em TV, esse profissional é um jornalista. Aqui o problema também reside na ruptura entre teoria e prática, porém em um âmbito maior. Trata-se da ruptura entre teoria e prática nos cursos de comunicação. A questão é histórica e se arrasta a mais de quarenta anos, desde que houve a imposição do Curso de Comunicação Social de modelo único, em substituição ao Curso de Jornalismo. Assim, “por se voltarem inicialmente a outro tipo de profissional, as disciplinas teóricas do currículo mínimo imposto abandonaram as referências fundamentais para a prática do jornalismo, quando não se voltaram contra elas” (Relatório da Comissão de Especialistas instituída pelo Ministério da Educação).

Além desse problema de ordem curricular, outro se instala aos eixos teóricos propostos à medida que muitas discussões teóricas se apresentam bem distantes da realidade dos alunos, principalmente, os dos primeiros anos. O que percebemos é que por mais que muitos professores de disciplinas teóricas tentem abrir um diálogo sobre comunicação, muitas vezes eles não são compreendidos e muitos deles também não conseguem trabalhar interdisciplinaridade com a disciplina prática de telejornalismo por não terem contato com a realidade das redações telejornalísticas, mas somente com os telejornais.

Diante dessa perspectiva, o que ocorre é aquilo o que Paulo Freire critica em sua já reconhecida reflexão sobre a educação<sup>18</sup>. Nela o autor usa o termo “educação bancária” para designar a relação entre educador e educando, na qual o educador narra conteúdos, como se esses fossem saberes imutáveis. Nesse contexto pedagógico, o professor detém o monopólio do conhecimento, enquanto os alunos são meros ouvintes, espectadores. A educação nesse caso não é dialógica: os alunos somente memorizam de forma mecânica o conteúdo que o professor deposita durante sua narração unidirecional. A consequência dessa prática educativa é que os estudantes, por não se fazerem sujeitos ativos do processo de sua própria educação, acabam tendo acesso a conteúdos totalmente desconectados da totalidade. Assim, a educação bancária é aquela “em que os educandos são os depositários e o educador o depositante” (FREIRE, 1981, p.66). Nesse caso, não existiria o momento de reelaboração crítica por parte dos alunos.

Ainda em acordo com essa concepção, FREIRE (1977, p.69) afirma que “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”. Para o autor, “A tarefa do educador, então, é a de problematizar aos educandos o conteúdo que os mediatiza, e não a de dissertar sobre ele, de dá-lo, de entendê-lo, de entregá-lo, como se tratasse de algo já feito, elaborado, acabado, terminado”. (FREIRE, 1977, p.81).

Outra idéia de Paulo Freire, aplicável nessa pesquisa, é a de que o aluno não chega ao aprendizado como uma tábula rasa. Há um

---

<sup>18</sup> Paulo Freire critica o “ensino bancário” na obra **Pedagogia do Oprimido**.

conhecimento prévio. Nessa perspectiva, qual seria o papel do professor de telejornalismo, levando em conta que o aluno já teve contato com o jornalismo televisivo antes de entrar na faculdade?

Aqui é importante ressaltar que vários educandos chegam ao aprendizado de telejornalismo, muitas vezes, iludidos, com uma visão ingênua sobre a mídia, acreditando que as informações telejornalísticas são verdades absolutas. A propósito, inúmeros são os jornalistas, já formados, que defendem o princípio da neutralidade do jornalismo. Porém, Freire coloca em cheque a questão da neutralidade.

Os que se dizem neutros estão comprometidos consigo mesmos, com seus interesses e com os interesses dos grupos aos quais pertencem. E como este não é um compromisso verdadeiro, eles assumem a neutralidade impossível. O verdadeiro compromisso é a solidariedade, e não a solidariedade com os que negam o compromisso solidário (...). (FREIRE, 1981, p. 19).

Freire faz alguns aportes importantes, que podem ser utilizadas não só no ensino de telejornalismo, mas também no ensino de várias outras disciplinas do curso de jornalismo, uma vez que o curso de graduação se presta também à formação de um profissional. Segundo o autor, a questão do compromisso do profissional com a sociedade gera outra questão que “é a que se concentra em torno da pergunta: quem pode comprometer-se?” (FREIRE, 1981, p.16). Para Freire,

Somente um ser que é capaz de sair de seu contexto, de “distanciar-se” dele para ficar com ele; capaz de admirá-lo para, objetivando-o, transformá-lo e, transformando-o, saber-se transformado pela sua própria criação; um ser que é e está sendo no tempo que é o seu, um ser histórico, somente este é capaz, por tudo isso, de comprometer-se. (FREIRE, 1981, p. 17).

Freire escreveu, especificamente, um livro sobre comunicação<sup>19</sup>, embora em toda sua obra a comunicação dialogue com a educação e com a cultura, segundo constata Venício Artur de Lima, que fez um exaustivo estudo sobre as idéias de Paulo Freire, para mostrar as suas contribuições no campo da comunicação e da cultura<sup>20</sup>. Lima assegura que “seus conceitos de comunicação e cultura acrescentam novas dimensões e abrem novas

---

<sup>19</sup> Trata-se do livro **Comunicação ou Extensão?**, que ele redigiu durante seu exílio no Chile.

<sup>20</sup> LIMA, Artur Venício de. **Comunicação e Cultura: as idéias de Paulo Freire**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. Este livro contempla o conteúdo integral de sua tese de doutorado apresentada à Universidade de Illinois (EUA).

possibilidades para os estudos de comunicação em geral, e não apenas para aqueles filiados a uma perspectiva cultural” (LIMA, 1981, p. 10). E mostra que Paulo Freire trabalhou conceitualmente a questão da comunicação, ao constatar que

Comunicação (é) a co-participação dois sujeitos no ato de pensar...implica numa reciprocidade que não pode ser rompida..... O que caracteriza a comunicação, enquanto este comunicar comunicando-se, é que ela é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo.....A educação é comunicação, e diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam as significação dos significados (FREIRE, 1977. p. 67, 69).

Algumas delas podem contribuir para essa pesquisa, principalmente, nesse momento por qual passa a profissão de jornalismo que presencia a não obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão e a revogação da Lei de imprensa. Segundo Freire,

Liberdade de imprensa não é licenciosidade de imprensa. Só é livre a imprensa que não mente, que não retorce, que não calunia, que não se omite, que respeita o pensamento dos entrevistados, em lugar de dizer que eles disseram A tendo dito M(...). (FREIRE, 1994, p. 188).

Outra questão muito atual colocada por Freire e que pode ser relacionada ao contexto de não exigência do diploma para o exercício do jornalismo está relacionada à análise ideológica que o pedagogo fazia antes de tudo, perguntando-se a quem serve determinado meio ou a quem interessa. FREIRE e GUIMARÃES (1984, p.14) relatam que “o problema é perguntar a serviço de quê e a serviço de quem os meios de comunicação se acham. E esta é uma questão que tem a ver com o poder e que é política”.

Acerca desse assunto, o jornalista Chico Pinheiro traz o seguinte depoimento, a seu ver,

Ou o jornalista se envolve absolutamente com o seu trabalho ou não. Não há lugar nessa profissão para quem não tiver esse tipo de perfil. Quem não for assim não dá para ser jornalista. É possível viver com esse nível de envolvimento. O jornalismo é uma profissão profundamente filosófica. A todo momento se está perguntando sobre o sentido profundo da vida, da razão de ser do seu trabalho. A todo momento o profissional está se reconhecendo como aquele que fabrica, aquele que constrói.(PINHEIRO, 1999, p. 87).

O jornalista João Roberto Piza descreve as exigências para a formação do jornalista, tantas aquelas relacionadas com as técnicas

específicas, quanto às outras relacionadas com o debate sobre a informação e seu contexto. Segundo ele,

O papel do jornalista no Brasil não é a de qualquer cidadão, pois para o exercício da profissão é necessária a reflexão sobre a informação, tarefa difícil no cotidiano das redações e cuja aprendizagem, de modo adequado e intransferível, ainda é adquirida no curso superior de jornalismo, do qual não se pode abrir mão. Data Vênia, ainda mais sob o distorcido argumento de que a exigência do diploma é violador dos direitos dos cidadãos. (PIZA, 2008, p. 98).

Diante da decisão de não se exigir diploma para o exercício do jornalismo, os meios de comunicação, principalmente, o televisivo, se demonstraram pouco preocupados com a situação. O *Jornal Nacional*, considerado o principal jornal televisivo, noticiou o fato em uma nota lida em estúdio pelo apresentador, mas adiantou que a emissora continuaria contratando profissionais com formação superior em jornalismo.

Como se sabe, para a formação de jornalista é importante um grande investimento cultural, além dos elementos de preparação técnica para o exercício da profissão. Segundo Piza,

Por ser o jornalismo uma profissão que tem por objetivos prestar informações, assim como formar opinião pública, é que se deve exigir do jornalista formação universitária, pois uma vez veiculada reportagem criada por “inepto”, poderá, além de gerar informações distorcidas, formar opiniões equivocadas, prejudicando assim a ordem pública. (PIZA, 2008, p. 97).

Ainda sobre essa questão, o jornalista e professor Carlos Chagas acrescenta que,

No fundo, pretendem os inimigos do diploma evitar o que passou a acontecer após a obrigatoriedade, o desembarque nos jornais de uma categoria já forjada nas salas universitárias, unida e cônica de seus deveres e de seus direitos, disposta a não se curvar as imposições não raro ditadas por interesses econômicos, políticos ou pessoais. Como, da mesma forma, pronta a reivindicar salários dignos e condições elementares de trabalho. Escolhendo jornalistas como se colhem frutos no pomar, de acordo com o gosto de cada um, os donos de jornal ficam mais à vontade para exercer a ditadura de suas idiosincrasias. (CHAGAS, 2008, p. 135).

Afora todos estes requisitos para a formação universitária dos jornalistas, é preciso verificar as condições oferecidas pelas instituições de ensino superior, que oferecem o curso de comunicação social/habilitação em jornalismo. As duas pontas de um mesmo processo precisam ser entendidas,



como atitude capaz de apresentar um diagnóstico correto sobre a questão da formação do jornalista e de suas responsabilidades para com o exercício da cidadania.

### **3 UM RAIO X DO ENSINO DE TELEJORNALISMO GOIANO: DESCRIÇÃO E ANÁLISE**

#### **3.1 ENSINO DO TELEJORNALISMO NAS FACULDADES DE COMUNICAÇÃO EM GOIÁS**

O primeiro curso de graduação em jornalismo no estado de Goiás foi oferecido pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Ele é fruto da preocupação de entidades com a formação do jornalista profissional, tais como a Associação Goiana de Imprensa (AGI) e o Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de Goiás, que viram na criação da Universidade Federal de Goiás, no ano de 1959, a oportunidade de implantação do curso. Embora tenha sido criado em setembro de 1966, o curso de jornalismo da UFG só teve seu primeiro vestibular em 1968.

Cerca de três décadas mais tarde, em 2000, surgiram outras instituições de ensino superior na capital, que vem se dedicando também ao ensino do jornalismo, dentre elas: Faculdade Araguaia (FARA), Faculdades Alves Faria (ALFA), Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC) e Faculdade Sul-Americana (FASAM). Vale ressaltar que todas elas são Instituições de Ensino Superior privadas.

Assim, em Goiás, atualmente, são cinco IES que se dedicam ao ensino do jornalismo, sendo que em todas elas há a disciplina de telejornalismo em suas grades curriculares.

Dessa forma, seguindo a proposta metodológica dessa pesquisa, segue abaixo a análise descritiva dos projetos pedagógicos, matrizes curriculares, planos de cursos e informações fornecidas pelos coordenadores dos cursos de jornalismo sobre laboratórios de prática televisiva e seus respectivos produtos. Esses dados foram todos coletados, no ano de 2009 e atualizados em julho de 2010, junto a cada uma dessas instituições.

### 3.2 PROJETO PEDAGÓGICO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)

A estrutura curricular vigente no curso de Jornalismo da FACOMB/UFG é fruto de reflexões do seu quadro docente em interface com as demais universidades brasileiras, tendo como proposta a superação de problemas detectados na formação do profissional de jornalismo na Universidade Federal de Goiás. O currículo anterior era considerado engessado e fragmentado, com disciplinas longas, que prejudicavam a produtividade laboratorial, a criatividade e a rapidez de produção, habilidades consideradas essenciais para o exercício profissional.

Levando em conta os objetivos gerais do curso, que são: definir, orientar e regulamentar as bases conceituais e técnicas para a formação profissional do jornalista em Goiás, o currículo atual (ANEXO 1) foi estruturado para ser cursado em 8 semestres, com carga-horária mínima para integralização de 2.750 horas, divididas entre os núcleos comum<sup>21</sup> (864 horas, 33,3%), específico<sup>22</sup> (1.421, 54,6%) e livre<sup>23</sup> (315, 12,1%). O estudante deverá cumprir, ainda, mais 150 horas de atividades complementares.

As disciplinas de núcleo específico são optativas e dão ênfase em: audiovisual, oferecendo as disciplinas de telejornalismo, radiojornalismo e webjornalismo; mídia impressa, cujas disciplinas são jornal impresso 1 e jornal impresso 2; e pesquisa em comunicação, que tratam as disciplinas epistemológicas da comunicação e laboratório de pesquisa. Para se formar, o estudante tem que cursar todas as disciplinas de pelo menos uma das ênfases do núcleo específico. A fim de dar conta do estudo do objeto de estudo da comunicação e do jornalismo, a formação do jornalista na Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da UFG trabalha três eixos básicos constitutivos: epistemológico, cultural-humanista e técnico.

O eixo epistemológico está ligado ao objeto da comunicação e do jornalismo e se relaciona à formação teórica, que, de acordo com o projeto

---

<sup>21</sup> Disciplinas obrigatórias consideradas essenciais na formação do jornalista.

<sup>22</sup> Disciplinas optativas com as quais o estudante determinará a ênfase de sua formação.

<sup>23</sup> Disciplinas que permitem ao estudante complementar livremente sua formação. Poderão ser cursadas em qualquer unidade da UFG ou em outras unidades de ensino superior.

pedagógico, contempla: a interpretação da realidade social em que se insere o profissional a partir da filosofia, possibilitando o pensamento crítico; o conhecimento de etapas da história universal oriundos do instrumental científico da história e das ciências sociais; o entendimento do papel dos sistemas e processos de comunicação na contemporaneidade, sua evolução histórica e suas relações com a cultura, política e a economia; a compreensão acerca da função de produção de conhecimento inerente ao jornalismo em relação às demais formas de produção de conhecimento (ciência e arte); a compreensão da natureza das linguagens e dos fenômenos lingüísticos utilizados nos sistemas contemporâneos de comunicação e, especialmente, no processo de produção jornalística, abrangendo imagem, som, texto.

O eixo cultural-humanista está relacionado a conteúdos considerados básicos e são referentes à formação cultural que, de acordo com o projeto pedagógico, deve ser alcançada por meio do conhecimento filosófico e técnico, que orientam a organização dos sistemas de comunicação em todo o mundo, inclusive, no Brasil; do emprego de metodologias e ações pedagógicas que possibilitem a aplicação da teoria e o desenvolvimento e a experimentação de conceitos e de meios técnicos; do conhecimento de linguagens e modalidades de comunicação e de produção artística e científica, que contribuem para a melhor compreensão dos fenômenos contemporâneos da área das comunicações e para o desenvolvimento de atividades profissionais de cunho inovador; do estímulo ao pensamento crítico em relação aos padrões de organização e prática dos sistemas de comunicação em todo o mundo.

O eixo técnico está ligado à produção de informação e à prática, tendo como objetivo capacitar o aluno ao emprego adequado de linguagens próprias da atividade jornalística nos veículos de comunicação existentes; ao domínio dos processos de gestão de recursos humanos, materiais e financeiros inerentes à produção jornalística, considerando os diversos tipos de veículos e empreendimentos; ao planejamento de produtos e atividades jornalísticas e empreendimentos de comunicação que viabilizem a produção jornalística.

Ainda de acordo com o projeto pedagógico, para a formação ética e a função social do profissional são necessários: o estudo dos princípios, fundamentos e sistemas de moral e ética nas diversas escolas filosóficas e períodos da história; o conhecimento e a avaliação crítica do Código de Ética

dos Jornalistas e dos códigos de ética das diversas categorias profissionais e segmentos empresariais da área das comunicações; a capacitação para a interpretação e aplicação do Código de Ética dos Jornalistas frente a situações concretas vividas por estes nas suas atividades profissionais.

O projeto pedagógico prevê ainda o estímulo à atitude de construção da cidadania, necessária ao exercício profissional dos jornalistas, por meio do conhecimento e da avaliação crítica da legislação profissional dos jornalistas e profissionais da área das comunicações; da legislação que rege a organização sindical no país; das instituições representativas dos jornalistas; da legislação da área das comunicações do Brasil e de outros países; das posições do Governo Federal, dos partidos políticos e dos setores organizados da sociedade civil sobre a organização e o funcionamento dos sistemas de comunicação no país, das necessidades sociais atendidas pelas atividades jornalísticas.

Nesse sentido, o futuro jornalista passou a contar também com uma nova disciplina – Direito da Comunicação -, que lhe permitirá enxergar a comunicação como um novo direito humano. Esta disciplina adéqua, neste sentido, o projeto de formação do jornalista com o que estabelece a Constituição Federal, no seu artigo 5º, pelo qual a informação é um direito do cidadão brasileiro.

A Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da UFG espera que o perfil do egresso do curso de jornalismo seja o de um profissional crítico, com formação humanístico-cultural sólida, capaz de compreender a informação como um direito público. Além disso, a instituição prima pela formação de um profissional comprometido com a ética profissional, com senso estético e ético, que seja capaz de colocar a técnica a serviço da apuração e publicização da verdade dos fatos, atuando para a cidadania.

Em se tratando das práticas laboratoriais, o curso de jornalismo da UFG entende que essas devem primar pelo sentido da experimentação pedagógica ou de iniciação científica. Dessa forma, sua coordenação deve obedecer aos princípios da política pedagógica, consubstanciados nas ementas e nos objetivos das disciplinas técnicas. Além disso, é primordial a periodicidade nos produtos elaborados nesses laboratórios, semelhante à do dia-a-dia do mercado, sem deixar de lado a reflexão sobre os processos de

produção, as tendências de mercado, as influências culturais, sociais, políticas e econômicas. Assim a sugestão é de que existam as seguintes práticas laboratoriais: Jornalismo impresso – jornais e revistas; radiojornalismo; telejornalismo; jornalismo on-line; jornalismo institucional; assessoria de comunicação.

Para oferecer uma formação para a cidadania que objetiva a superação da formação somente para o mercado, a matriz curricular atual prevê as disciplinas **Comunicação e Cidadania**<sup>24</sup> e **Supervisão de Estágio em Jornalismo**<sup>25</sup>, que são optativas e fazem parte do núcleo específico. Assim, o estágio só pode ser realizado por estudantes a partir do 6º período do curso e que estejam cursando essa matéria. São também pré-requisitos para cursá-la, já ter visto as disciplinas obrigatórias, referentes ao núcleo comum, **Ética da Comunicação**<sup>26</sup> e **Produção de Texto Jornalístico II**<sup>27</sup>.

Em se tratando especificamente da disciplina de telejornalismo, que pertence ao núcleo específico e é optativa, o aluno só poderá cursá-la depois das disciplinas Supervisão de Estágio em Jornalismo, Ética da Comunicação e Produção Audiovisual, que já tem como pré requisito a disciplina **Produção de Texto Jornalístico I**<sup>28</sup>.

Dentre as disciplinas que contribuem para uma formação mais aprofundada do profissional que irá atuar em telejornalismo estão Cinema e Documentário, Cinema e Jornalismo e Produção Audiovisual.

<sup>24</sup> Ementa da disciplina Comunicação e Cidadania: Comunicação e direitos sociais: a construção da cidadania. Comunicação e sociedade: interfaces e implicações.

<sup>25</sup> Ementa da disciplina Supervisão de Estágio em Jornalismo: projeto de estágio em jornalismo: normas de estágio e legislação brasileira; normas específicas da UFG; Fenaj e agências; relatórios periódicos dos grupos; socialização das experiências.

<sup>26</sup> Ementa da disciplina Ética da Comunicação: ética, moral, deontologia e teleologia. Normas e princípios deontológicos no Brasil e em outros países. Ética no jornalismo: o código de ética do jornalista e os códigos das associações de empresas de comunicação (Abert e ANJ) e das agências de propaganda (Conar). A questão da censura, do sigilo da fonte e do respeito à privacidade. A especificidade do jornalismo e a produção e divulgação de informações: critérios, procedimentos e responsabilidade social. A função pública e social do jornalista e os interesses em jogo: escuta clandestina; obtenção de informações sem identificação; dupla função (assessoria de imprensa e redação); etc. Estudos de caso.

<sup>27</sup> Ementa da disciplina Produção de Texto Jornalístico II: a reportagem – investigação e interpretação. Apuração e produção de reportagem. A entrevista (técnica) e as linguagens jornalísticas. Condução da entrevista. Informação documental. Jornalismo opinativo e argumentação. Artigos, editoriais, crônicas, resenhas jornalísticas, columnismo.

<sup>28</sup> Ementa da disciplina Produção de Texto Jornalístico I: fundamentos do jornalismo. A forma e o suporte tecnológico do discurso jornalístico. As características da linguagem no jornalística. Estrutura da notícia. Seleção e ordenação. Pauta. Responsabilidade perante as fontes. Estilos de entrevistas. Produção de texto noticioso.

### 3.2.1. *A disciplina de telejornalismo na UFG*

A disciplina de Telejornalismo já passou por adequações, sendo marcante a sua reelaboração na última reforma curricular realizada em 2004 que instituiu um currículo com mais opções de escolha para os graduandos, na qual o telejornalismo se insere como disciplina do Núcleo Específico. Para cursar essa disciplina, cuja carga horária semestral é de 64h/aula, o aluno deve ter cursado também Produção Audiovisual, tendo por meio dela os conhecimentos que fundamentam a compreensão do telejornalismo. As adequações foram feitas levando em conta a constante evolução que o telejornalismo passou e passa devido a inúmeros fatores, sendo o principal o avanço tecnológico. Além disso, os alunos que optam por uma formação mais completa na área audiovisual podem cursar disciplinas como Cinema e Documentário e outras da área.

Atualmente a disciplina de Telejornalismo conta com a seguinte ementa: elementos, linguagens e estilos em TV: exercícios para adaptação da informação oral. Técnicas de redação para televisão. Linguagem informativa, teoria e prática. Produção de telejornal. Seleção de imagens, edição de texto e imagem. Laboratório: técnicas básicas de edição. Essa ementa tem como perspectiva desenvolver estudo sobre o jornalismo na televisão abordando a história da tv e do telejornalismo no Brasil, as peculiaridades da linguagem telejornalística, enfatizando as técnicas usadas na produção, reportagem, edição e apresentação de telejornais, de forma a abranger todos os requisitos teórico-práticos para a formação do profissional que atuará na área telejornalística.

O desenvolvimento da disciplina é dividido em teoria e prática, não havendo privilégio de uma sobre a outra, já que a Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da UFG (Facomb-UFG) entende que a formação do telejornalista se faz completa e integrada à medida que há a inter-relação natural entre teoria e prática. Diante disso, a instituição conta com os seguintes espaços que são utilizados para desenvolver habilidades práticas na área audiovisual, inclusive, telejornalismo:

- Laboratório de TV e Rádio, que é composto por estúdio de TV com espaço adequado para receber, inclusive, platéia como se fosse um auditório; uma ilha de edição não-linear master; switcher master; gabinete de off; ilha de edição para áudio e mesa de som; três câmeras para externa; duas câmeras fixas no estúdio; equipamentos de iluminação, microfones e cenários.

- Laboratório de TV na internet – TV Magnífica Mundi, composta por espaço de gravação e edição, que dispõe de câmeras e ilhas de edição não-linear.

- Laboratório de Redação – Sala de edição para vídeo – onde há três ilhas de edição não-linear.

Para acompanhar os alunos nesses espaços laboratoriais, além dos professores há também um técnico na área de TV e outro na área de rádio.

Além desses laboratórios a Facomb-UFG conta também com a TV Universitária da UFG, que foi inaugurada em 14 de dezembro de 2009, quando a UFG completou 49 anos de existência.

Inúmeros produtos audiovisuais são produzidos utilizando os laboratórios citados. Semestralmente, são realizados dentro da própria disciplina de Telejornalismo inúmeros produtos acadêmicos, dentre eles: matérias factuais, reportagens especiais, entrevistas em estúdio, programas telejornalísticos e de variedades, quase sempre em consonância com outras disciplinas, como é o caso da disciplina Laboratório de Entrevistas. Muitos trabalhos específicos sobre telejornalismo são produzidos em trabalhos de conclusão de curso, sendo uma média de 5 trabalhos específicos da área de audiovisual por ano.

No ano de 2008 e primeiro semestre de 2009 foi oferecida a disciplina "Jornalismo Especializado- Oficina de Telejornalismo", que foi criada para que os alunos elaborassem e produzissem o UniVerCidade. O programa, dividia-se em 3 blocos: "Entreter", "Ver Notícias" e "Interviu". O bloco Entreter dedicava-se a matérias especiais no formato jornalístico ou não; o "Ver Notícias" trazia notícias em geral, cujo formato era telejornalístico; o "Interviu" tinha o formato de entrevista em estúdio. O projeto ganhou uma proporção bem maior do que o planejado inicialmente, visto que trabalhou a interdisciplinaridade com as disciplinas de Telejornalismo, Produção



Audiovisual e Laboratório de Entrevista. Foi veiculado mensalmente no canal 37 da emissora de TV por assinatura NET.

Além do estúdio que trabalha com os recursos tradicionais de telejornalismo, os alunos também podem optar em cursar disciplinas ligadas ao Laboratório Magnífica Mundi, uma proposta de televisão via Internet com transmissões de eventos em tempo real e atividades ligadas ao jornalismo comunitário.

Não se sabe o número de alunos formados trabalhando nas emissoras de TV, mas há egressos do curso de jornalismo atuando em telejornalismo tanto em TVs tradicionais como em webtvs. Além disso, há profissionais que atuam em emissoras de TV goiana, produtoras de vídeo, que cursaram ou estão cursando jornalismo em busca de aquisição do diploma na área e também de qualificação. Sendo que muitos graduados no curso de Rádio e TV pela Facomb/UFG, que já atuam no mercado televisivo, voltaram à instituição para cursar jornalismo.

Em se tratando de pesquisa sobre telejornalismo, na Facomb-UFG há trabalhos de conclusão de curso sobre telejornalismo, em nível de projetos experimentais e monografias; e pesquisas sobre telejornalismo no mestrado e como atividade regular de docente.

### 3.3 PROJETO PEDAGÓGICO DA PUC- GOIÁS

A Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC GOIÁS criou o curso de Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo no ano de 2006, sendo que o seu reconhecimento pelo MEC ocorreu em junho de 2007.

O curso teve início no segundo semestre de 2006, após a aquisição em 2005 da área física que abrigava cursos de graduação ministrados pela Faculdade Cambury. Na ocasião a PUC-GO, até então ainda denominada Universidade Católica de Goiás (UCG), incorporou os alunos, docentes, acervo bibliográfico, projeto pedagógico, laboratórios e salas ambientes do curso de jornalismo da Faculdade Cambury. Diante disso, surgiu

a necessidade de reelaboração do projeto pedagógico, visando conferir maior identidade com a área específica de formação e com o perfil da UCG, hoje PUC-GO.

Atualmente, o curso compreende 8 semestres, cuja matriz curricular (ANEXO 2) totaliza a carga horária de 2.900 horas, distribuídas em 160 créditos (2.400 horas), 200 horas de Atividades Complementares e 300 horas de Estágio Supervisionado. Na matriz curricular também são oferecidas as disciplinas optativas I e II.

O objetivo é formar um profissional que desenvolva uma prática fundada na pluralidade, na competência técnica, na visão de mundo complexa e na sensibilidade humana e artística. Nesse sentido, o projeto pedagógico orienta a formação a partir não só de um instrumental tecnológico, mas também de conhecimentos que estimule a reflexão sobre o exercício da cidadania, os processos e meios de comunicação e os usos sociais desse instrumental. Dessa forma, a proposta curricular é impedir a ruptura entre a teoria e prática de modo a trabalhar o equilíbrio entre essas, privilegiando tanto a formação humanística, quanto a técnica.

A matriz curricular foi elaborada levando em conta os conteúdos que abranjam conhecimentos teórico-práticos, reflexões a aplicações do campo da Comunicação e da área de Jornalismo. Diante disso, os conteúdos curriculares são formados por Conteúdos Básicos, que são relacionados tanto à parte comum aos cursos de Publicidade e Propaganda e de Jornalismo, como à parte específica da habilitação, e Conteúdos Específicos que são conteúdos teórico-conceituais, analíticos e informativos sobre a atualidade, linguagens, técnicas e tecnologias midiáticas, ético-políticos.

Diante do desenvolvimento e convergência das novas tecnologias de comunicação, o projeto pedagógico do curso orienta a priorizar a formação sólida em redação/produção de textos com valorização de mídias como o audiovisual e o webjornalismo, sem se descuidar dos meios impressos.

Isso permite com que a prática jornalística comece já nos primeiros períodos do curso, com várias disciplinas utilizando as fundamentações teóricas pertinentes e os laboratórios específicos, dentre elas estão: Linguagem e Comunicação, Técnicas de Comunicação e Fotografia, Produção e Redação Jornalística I e II, Fotojornalismo, Radiojornalismo,

Telejornalismo, Edição Jornalística, Jornalismo Científico e Ambiental, Jornalismo Especializado, Webjornalismo, Infografia e Videografia e Planejamento Gráfico e Editorial.

Essas práticas também são estimuladas mediante a participação do aluno no desenvolvimento dos projetos de extensão. Dentro dessa visão e estratégia, as disciplinas de Estágio Supervisionado, TCCI e TCCII oferecidas, respectivamente, no sexto, sétimo e oitavo períodos, propiciam ao aluno a síntese dos conhecimentos acumulados ao longo de seu processo de formação. É nesse momento também que o aluno pode cursar, entre as disciplinas optativas, a Língua Brasileira de Sinais, LIBRA, atendendo ao Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005, baseado na Lei 10.436.

Além dessas matérias vinculadas diretamente ao exercício profissional, o currículo inclui disciplinas, que dão ao aluno aporte teórico indispensável na formação do jornalista crítico e ético. Assim, nas áreas da teoria e da epistemologia da comunicação e do jornalismo estão as seguintes disciplinas: História do Jornalismo, Comunicação em Rádio, Comunicação em Televisão, Teorias da Comunicação, Teorias do Jornalismo, Planejamento Gráfico e Visual, Assessoria de Comunicação, Comunicação na Web, Pesquisa em Comunicação, Planejamento de Comunicação Integrada, Estudos Contemporâneos de Jornalismo, Comunicação e Cidadania.

Nos campos de intersecção da comunicação com outras disciplinas científicas estão as seguintes disciplinas: Ética e Jornalismo, Legislação da Comunicação e do Jornalismo. No âmbito de uma formação geral e compreensiva da realidade em seus vários aspectos: Sociologia Geral e da Comunicação, Filosofia, Estética e Comunicação, Antropologia e Comunicação, Psicologia da Comunicação, Teoria Política, Pesquisa de Opinião e de Mercado, Teologia e Ciências Sociais e Humanas Aplicadas e as disciplinas optativas.

Ainda de acordo com o projeto pedagógico da instituição, o trabalho didático-pedagógico deve ser orientado para uma educação reflexiva, crítica, técnica e cientificamente comprometida com a formação do homem que tenha além de competência específica, postura ética e cidadã para a vida em

sociedade. Para atender essa questão da cidadania, há, inclusive, uma matéria para abordar de forma mais específica o tema: a Comunicação e Cidadania<sup>29</sup>.

Em sua dimensão sócio-cultural, o currículo deve estimular o estudo de temas que permitam o entendimento do fenômeno da globalização, da era da informação e suas relações com o campo da comunicação. A idéia é levar ao aluno a compreensão do multiculturalismo na formação social do Brasil.

Em se tratando da perspectiva ética no currículo, o curso pretende enfatizar a defesa dos Direitos Humanos, a ética na prática profissional e abordagens acerca dos valores e do bem comum. E por fim, a dimensão tecnológica do curso propõe que os conteúdos das disciplinas específicas da área técnica e tecnológica se constituam em meios para a obtenção de fins que coloquem o humano como plano prioritário.

O perfil do profissional de jornalismo formado pela PUC-GO, segundo o projeto pedagógico, deve trazer características tanto que atendam o eixo básico do curso, que está relacionado à Comunicação, quanto ao eixo específico, que se direciona ao jornalismo. Sendo assim, o egresso deve ser capaz de criar, produzir, distribuir e receber informações de forma crítica, relacionando a prática profissional com o contexto social, econômico e político de forma ética, além de dominar as técnicas necessárias nos diferentes veículos de comunicação.

### *3.3.1 A disciplina de telejornalismo na PUC-GO*

Na matriz curricular mais atual do curso de Jornalismo da PUC-GO existem quatro disciplinas na área de TV: **Telejornalismo**<sup>30</sup>, que está

---

<sup>29</sup> Ementa da disciplina Comunicação e Cidadania: comunicação, direito fundamental do cidadão. Processos e sistemas de democratização da comunicação. Comunicação e interesse público. Princípios da comunicação participativa. A apropriação dos meios de comunicação pelos movimentos sociais. Comunicação, responsabilidade social e terceiro setor.

<sup>30</sup> Ementa da disciplina Telejornalismo, oferecida no segundo período: evolução histórica do telejornalismo. Princípios de transmissão de imagens, Tv digital, equipamentos de TV. Etapas da produção televisiva, gravação e edição de imagens, estruturas narrativas no telejornalismo. Conceitos e práticas referentes a pesquisa e organização da produção de programas

relacionada ao conteúdo específico de jornalismo, **Comunicação e Televisão**<sup>31</sup>, referente aos fundamentos específicos da comunicação e as duas optativas **Locução e Apresentação em Rádio e TV**<sup>32</sup> e **Documentário Jornalístico**<sup>33</sup>.

A ementa de Telejornalismo tem como perspectiva: ensinar a produção de pautas, apuração de notícias numa redação de TV; capacitar o aluno para a produção e reportagem de telejornalismo; ensinar o aluno a avaliar as matérias jornalísticas, fazer revisão ortográfica, escolher cenas e sonoras, corrigir erros e editar reportagens; produzir e coordenar um telejornal; desenvolver compreensão acerca da estrutura da reportagem em televisão; apresentar outras linguagens compatíveis com o telejornalismo e mostrar a importância da opinião como informação, da transmissão ao vivo e do documentário.

Para desenvolver as práticas laboratoriais na área de TV, a instituição conta com o Laboratório de Comunicação Social Domiciano de Faria, que dispõe de equipamentos de captação e edição de imagem e som, dentre eles um switcher de intervalo vertical, dois tele prompters, uma ilha de edição com placa de vídeo Matrox, uma ilha de edição sistema AVID, três 3 computadores IBM para edição de texto, duas mesas de áudio de 16 canais, uma mesa de áudio de 8 canais, duas câmaras AG-DVC 200 DV-CAM, uma câmara PD-170, uma mesa de corte de vídeo analógica Panasonic. Sua estrutura física é constituída por um estúdio, uma sala de edição de vídeo, uma

---

jornalísticos na TV. Análise teórica e prática do noticiário de tv. Impacto do telejornal na sociedade. Fundamentos teóricos e práticos da reportagem na TV. Diferentes tipos de notícia na TV. Produção de reportagens e elaboração de telejornais. As diferentes etapas da formatação do telejornal. Edição e pós-produção.

<sup>31</sup> Ementa da disciplina Comunicação e Televisão, oferecida no primeiro período: estudo das políticas de representação audiovisual e da evolução da linguagem dos pontos de vista estilístico, econômico e industrial. A comunicação visual e a representação simbólica. A história da televisão brasileira e mundial. Linguagem imagética. As diversas linguagens e gêneros da televisão. A influência da televisão no comportamento humano. A cultura do consumo. Imagens e representações culturais. A sociedade do espetáculo. O discurso ficcional na televisão. A opinião teledirigida. Globalização e programação da TV aberta e fechada. As novas linguagens da TV Digital. Introdução à produção para Televisão.

<sup>32</sup> Ementa da disciplina Locução e Apresentação em Rádio e TV: diferentes estilos de apresentação de programas em rádio. Locução de radiojornais e programas especiais em rádio. Técnicas radiofônicas e de sonoplastia. A apresentação de telejornais e programas especiais de TV, em estúdio, externa, gravado e ao vivo. Diferenciadas interpretações de leitura de texto jornalístico para TV. O comentário na TV.

<sup>33</sup> Ementa da disciplina Documentário Jornalístico: história do documentário no Brasil. Características do documentário contemporâneo. O documentário na televisão. Técnicas para elaboração de roteiro. Produção, edição e pós-produção de documentário para TV.

sala de corte de vídeo, 3 cabines de off, um estúdio de produção e edição de rádio; e um camarim. Ela atende além dos cursos de Comunicação Social – Habilitações em Jornalismo e Publicidade e Propaganda (prioritariamente), aos cursos de Direito, Psicologia, Turismo e Design; e também à Agência de publicidade Experimental, aos Departamentos de Assessoria de Comunicação (ASCOM) e Centro de Educação à Distância (CEAD). Para acompanhar os alunos durante as produções audiovisuais há dois técnicos e um monitor.

Em se tratando de pesquisa sobre telejornalismo, no curso de jornalismo da UCG há a realização de projetos experimentais: documentários e programas do gênero. E sabe-se que há egressos atuando em emissoras de TV.

#### 3.4 PROJETO PEDAGÓGICO DA FACULDADE ARAGUAIA (FARA)

O curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da Sociedade de Educação e Cultura de Goiás S/C ou Faculdade Araguaia (FARA) foi autorizado pela Secretaria de Ensino Superior do Ministério da Educação (Sesu/MEC), no ano de 2004, sendo que o seu primeiro vestibular ocorreu em 2005 e seu reconhecimento pelo MEC, em 2010.

Atualmente, com a reformulação da matriz curricular e do projeto pedagógico (ANEXO 3), em 2008, o curso totaliza uma carga horária de 2808 horas, integralizada em oito semestres letivos (4 anos). Deste total, 2664 são de horas curriculares (148 créditos) e 144 horas (8 créditos) são de horas complementares, obedecendo, assim, as Diretrizes Curriculares, que determinam que as atividades complementares e estágios não podem extrapolar a 20% da carga horária total do curso.

Entre os objetivos gerais do curso estão definir, orientar e regulamentar as bases conceituais e técnicas para a formação profissional do jornalista em Goiás, capacitando os alunos a identificar, codificar e difundir o fato jornalístico; planejar e gerenciar o processo de produção jornalística; além de identificar necessidades, constituir e gerenciar empresas de informação jornalística conforme cada mercado. Mas, de acordo com o projeto pedagógico,

o maior compromisso da Faculdade Araguaia é com a formação de um profissional que atue na sociedade de modo a defender, preservar e estimular a liberdade de pensamento e expressão e o exercício pleno da cidadania.

Levando em conta o Parecer CNE/CES nº 492/2001 e a Resolução CNE/CES nº 16, de 13 de março de 2002, que estabelece as Diretrizes Curriculares para a área de Comunicação Social e suas Habilitações, o curso de Comunicação Social organizou e distribuiu seus conteúdos curriculares em Conteúdos Básicos e Conteúdos Específicos.

Os conteúdos básicos se relacionam à formação geral da área de Comunicação, devendo atravessar a formação dos graduandos de todas as habilitações. Aqui também estão incluídas as disciplinas optativas, que propiciam a interação do estudante de jornalismo aos demais cursos oferecidos pela Faculdade Araguaia.

Os conteúdos específicos do curso de jornalismo da FARA são definidos pelo colegiado do curso, tratando de conhecimentos e práticas profissionais que abordam questões teóricas, elaboram críticas, discute atualidade e desenvolve práticas sobre linguagens e estruturas.

Dessa forma, o curso é constituído por três eixos básicos – teórico, técnico e cultural-humanístico. O primeiro é também o eixo epistemológico e seu objeto de estudo é a comunicação e o jornalismo. É responsável pelo desenvolvimento da capacidade crítica dos alunos, possibilitando a formação de um instrumental teórico amplo e adaptado aos desafios sócio-culturais e econômicos do exercício da profissão. As disciplinas que compõem esse eixo são: História da Imprensa, Normatização de Trabalho Acadêmico, Língua Portuguesa I e II, Ética no Jornalismo, Teoria da Imagem, Teorias do Jornalismo, Teorias da Comunicação, Teorias e Métodos de Pesquisa em Comunicação e Legislação do Jornalismo.

O eixo técnico está voltado para a produção de informação e conhecimento, englobando todas as disciplinas práticas do curso, bem como todos os produtos jornalísticos e laboratórios. Compõem este eixo as seguintes disciplinas: Redação Jornalística (Estrutura da Notícia), Produção de Jornal I e II (Impresso), Diagramação I e II, Fotografia, Fotojornalismo, Radiojornalismo I e II, Telejornalismo I e II, Webjornalismo I e II, Jornalismo Especializado I e Jornalismo Especializado II – Assessoria de Imprensa, Agência de Notícias,

Planejamento e Gestão da Comunicação, Estágio Supervisionado, Projeto de Pesquisa e Trabalho de Conclusão de Curso. Seminários Temáticos Integradores I, II, III e IV.

A formação cultural-humanística se relaciona ao conhecimento e análise crítica dos pressupostos filosóficos e das bases técnicas que orientam a organização dos sistemas de comunicação no Brasil e no mundo. Por meio dela busca-se ainda o conhecimento de linguagens e modalidades de comunicação e de produção artística e científica que contribuam para o a compreensão sobre os fenômenos contemporâneos da área das comunicações e para o desenvolvimento de atividades profissionais de cunho inovador. Compõem este eixo as seguintes disciplinas: Sociologia, Filosofia, Cultura Brasileira, História Contemporânea, Psicologia Social, Política, Economia e Leitura Crítica dos Produtos Culturais.

De acordo com o projeto pedagógico, o egresso do curso de Jornalismo da Faculdade Araguaia deve ter um perfil de profissional crítico, com formação humanística-cultural sólida, de modo a compreender a informação como um direito público, primando por atuar profissionalmente para a cidadania, tendo compromisso com a ética profissional, senso estético e ético.

Seguindo as Diretrizes Curriculares do Ministério da Educação para o curso de Jornalismo o egresso deve também estar apto a analisar e refletir sobre a realidade política, econômica, social e cultural nacional e regional, interferindo nessa realidade, sempre no sentido de defender os valores democráticos e humanos relativos à cidadania e à dignidade dos indivíduos, com transparência, ética e responsabilidade; executar e/ou gerenciar processos e empreendimentos jornalísticos, garantindo o uso adequado e ético das técnicas jornalísticas; ser capaz de elaborar ou gerenciar o conteúdo informacional, acompanhar e coordenar seu processamento industrial e distribuição ou transmissão; elaborar e executar políticas de comunicação para empresas, órgãos governamentais e organizações da sociedade civil, incluindo entidades sindicais e dos movimentos sociais, inclusive como assessor e consultor.



### *3.4.1 A disciplina de telejornalismo na FARA*

A disciplina de Telejornalismo já passou por adequações, quando foi elaborado o novo Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Jornalismo, no segundo semestre de 2008. Vale destacar que no primeiro PPC de Jornalismo, o Telejornalismo era ensinado por meio de três disciplinas do 5º período (Telejornalismo I, onde se ensinava o histórico do telejornalismo e introdução a essa disciplina; Redação Jornalística III, onde se trabalhava a redação para a mídia TV; e Práticas Profissionais Integradas V, onde se trabalhava a produção de telejornalismo). No 6º período, havia a disciplina Telejornalismo II, onde se ensinava edição e apresentação.

Ao perceber que existia certa divisão, que não funcionava bem, entre os conteúdos, no novo PPC passou-se a trabalhar apenas com duas disciplinas de telejornalismo: Telejornalismo I (4º período) e Telejornalismo II (5º período), que abriga todos os conteúdos das quatro disciplinas anteriores. Nessa nova matriz a carga horária das disciplinas Telejornalismo I e Telejornalismo II é de 72 horas/aula para cada uma delas. Como pré-requisito, é necessário que o aluno já tenha cursado a disciplina Redação Jornalística (Estrutura da Notícia). Nela o aluno aprende sobre o texto jornalístico e suas técnicas mais importantes como o lead, sub-lead, pirâmide invertida, diferença entre notícia e reportagem e, também, as diferenças entre as produções jornalísticas para as diversas mídias (impresso, rádio, TV e web).

Também foi antecipado o início do ensino do telejornalismo do 5º para o 4º período, diante da necessidade de se começar trabalhar textos e produções para as diversas mídias o quanto antes, a partir do momento em que o aluno passa a ter contato com o texto jornalístico, logo após cursar a disciplina Redação Jornalística, no 2º período.

A ementa de Telejornalismo I, com carga horária 72 horas, ministrada no 4º período é a seguinte: A história da TV. Características da linguagem televisiva: fala, som e imagens. A produção no telejornalismo. Conceitos e princípios do Jornalismo Televisivo: avaliação crítica do telejornalismo Planejamento, produção, realização. Pauta, reportagem na TV:

princípios e técnicas. Controle da informação e opinião pública: a “construção da verdade”.

Já a de Telejornalismo II, também com carga horária de 72 horas, ministrada no 5º período é: Abordar a edição no telejornalismo e finalização das reportagens e programas de telejornal: conceitos, tipos de edição, estruturação em blocos. Objetividade e subjetividade. A apresentação de telejornais, postura, locução. Prática de edição em telejornalismo. Produção de programas de telejornalismo. Prática integrada: pauta, controle e qualidade. Responsabilidade e ética. Ambas trabalham na perspectiva de desenvolver a teoria e prática do ofício telejornalístico, não havendo privilégio de uma sobre a outra.

A Faculdade Araguaia conta com os seguintes espaços que são utilizados para desenvolver habilidades práticas na área audiovisual, inclusive, telejornalismo: Laboratórios de TV e de áudio, compostos por: estúdio de TV, ilha de edição linear, cinco ilhas de edição não-linear, switcher master; estúdio de áudio com gabinete de off, ilha de edição para áudio, mesa de som, duas câmeras para captação de imagens externas, uma câmera fixa no estúdio, equipamentos de iluminação, microfones, monitor de referência, duas mesas de som analógicas, uma mesa de som digital. Para acompanhar os alunos, além dos professores há também dois técnicos da área de TV e outro na área de rádio. Toda essa estrutura atende todos os cursos da faculdade, as produções institucionais da instituição e prioritariamente os cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda.

Semestralmente, são realizados dentro das disciplinas Telejornalismo I e II inúmeros produtos acadêmicos, dentre eles: matérias factuais, reportagens especiais, entrevistas em estúdio, programas telejornalísticos e de variedades, quase sempre em consonância com outras disciplinas. Todas essas produções são veiculadas dentro da Araguaia On Line – Agência de Notícias da Faculdade Araguaia, que conta com um link dentro do site da instituição.

Recentemente, a Faculdade Araguaia fechou uma parceria com a Facomb/UFG, para compartilhar material e espaço com a TV UFG. Tal iniciativa representará mais uma oportunidade de implementar o ensino e a prática do telejornalismo na instituição.

Apesar de o curso de Jornalismo da Faculdade Araguaia ser relativamente novo, já há trabalhos de conclusão de curso na área de audiovisual e egressos do curso atuando em emissoras de TV.

### 3.5 PROJETO PEDAGÓGICO DA FACULDADE SUL AMERICANA (FASAM)

O curso de Jornalismo da Faculdade Sul Americana (Fasam) teve início em 2002 e foi reconhecido pelo MEC no ano de 2005, tendo como objetivo formar profissionais comprometidos com os valores de cidadania, liberdade e democracia, sendo capazes de captar e transmitir a informação, nos diversos meios de comunicação, de forma democrática e ética, contribuindo assim para que a população tenha acesso aos acontecimentos de interesse coletivo e para que possa participar, conscientemente, das decisões sobre os rumos da sociedade.

Sua proposta pedagógica contempla todas as atividades dentro da uma carga horária total de 2.700 horas, a ser integralizada em 8 semestres letivos ou quatro anos, prevendo 940 horas a serem desenvolvidas com disciplinas teóricas gerais e específicas, o que representa 35% da carga horária total, e 1.760 horas em disciplinas práticas (65%), aí incluídas as cargas horárias de 120 horas para a elaboração do TCC I e TCC II, obrigatórios para a obtenção do título de bacharel, em qualquer uma das habilitações, bem como as 240 horas de atividades complementares.

De acordo com o projeto pedagógico (ANEXO 4), a matriz curricular encontra-se organizada em conteúdos básicos e específicos. Os conteúdos básicos devem permitir a formação conceitual, analítico-informativa, prática e ético-política. A formação conceitual visa ao raciocínio conceitual e aciona a interpretação da realidade social e profissional. A formação analítico-informativa deve abordar aspectos da atualidade, possibilitando a interpretação e análise sobre os fatos e contextos culturais, políticos, econômicos e sociais. E finalmente a formação ético-política tem como objetivo o posicionamento do profissional sobre a atuação do jornalista, sobre o exercício do poder do Jornalismo dentro da sociedade, primando pelo fortalecimento da cidadania,

pelo respeito aos direitos humanos, às liberdades, à pluralidade, à diversidade, à justiça social e à democracia.

O intuito é preparar profissionais por meio de conhecimentos teóricos e práticos na área de Jornalismo, estimulando uma visão crítica da micro e macro realidade social, tornando-os capazes de atuar como agentes de transformação por meio da prática de um jornalismo dinâmico, apartidário e pluralista, comprometidos com a verdade e com a justiça, de modo a contribuir para a consciência política da sociedade, para a formação da cidadania e para a preservação da democracia.

Os conteúdos específicos do curso são livremente eleitos pela instituição e estão voltados para o desenvolvimento das competências e habilidades definidas no perfil específico pretendido para o egresso. Dessa forma, levando em conta os princípios de liberdade e flexibilidade facultados pela legislação, o projeto pedagógico entende que, sempre que se fizer necessário, haverá a incorporação de novas disciplinas ou até mesmo exclusão de algumas dependendo do que se estabelecer mais adequado e necessário diante das inovações tecnológicas e de novas modalidades e linguagens do Jornalismo.

Ainda de acordo com o projeto pedagógico, a instituição pretende formar jornalistas competentes e críticos, dinâmicos, dotados de senso crítico e espírito investigador, com domínio das técnicas, das linguagens e das novas tecnologias do campo da comunicação. Os profissionais formados pela instituição deverão estar aptos a desenvolver a atividade jornalística, em todas as suas dimensões e funções, conscientes do seu dever de realizar um trabalho ético e responsável, buscando atender aos interesses do cidadão. Além disso, o projeto prevê, também, a valorização da cultura local, se comprometendo em estar atenta para as especificidades regionais, atuando como parte responsável por sua transformação e trabalhando sempre para detectar e atender às suas necessidades.

Para uma formação prática alinhada com os objetivos do curso, a faculdade dispõe de laboratórios de Informática, Fotografia, Rádio, Televisão e Agência Experimental, aparelhados com recursos eletrônicos disponíveis no mercado. A finalidade é proporcionar aos alunos todas as condições,

ferramentas e instrumentos necessários à prática dos ensinamentos adquiridos em sala de aula, levando-os a desenvolver atividades simuladas e reais, completando, assim, o processo ensino-aprendizagem.

Os laboratórios foram centrados em ensino, pesquisa e experimentação de Jornalismo e Comunicação e já contam com um rico acervo de produções realizadas pelos discentes, tais como: o programa televisivo Goiás em Cena que foi veiculado, semanalmente, durante cinco anos consecutivos, no período de 2005 a 2010, pela emissora de TV NET, canal 36 e pela webtv do jornal Diário da manhã; os programas radiofônicos veiculados na própria instituição, de segunda a sexta, no horário do intervalo, além do programa Quadro a Quadro na Rádio Universitária da Universidade Federal de Goiás, aos sábados. O curso mantém ainda um jornal laboratório – Entreletras – dentro das exigências do MEC, que exige oito edições anuais. O jornal, editado pelos alunos sob a supervisão dos professores da área técnica de produção/edição/diagramação, tanto traz informações sobre a instituição, quanto sobre questões mais gerais da sociedade local.

A matriz curricular do curso de jornalismo da FASAM prevê a disciplina **Estágio Supervisionado**<sup>34</sup> a partir do quinto período, a fim de contribuir para a formação completa do aluno. Não deixando de lado a preocupação com a cidadania, há a disciplina **Mídia e Cidadania**<sup>35</sup>, que trata, especificamente, esse tema.

Em se tratando do ensino do telejornalismo, na última readequação do projeto pedagógico, a instituição passou a oferecer telejornalismo I no 3º período e telejornalismo II, no 4º período. Anteriormente, essas disciplinas ocorriam no 4º e 5º período, respectivamente. A grade curricular não prevê outras matérias relacionadas à área televisiva.

---

<sup>34</sup> Ementa da disciplina Estágio Supervisionado: o estágio jornalismo: conceito, importância pedagógica, critérios, planejamento e avaliação. A nova lei do estágio: o papel das agências mediadoras, direitos e deveres do estagiário e das empresas. Visitas técnicas e geração de relatórios. Plano de estágio e acompanhamento pedagógico.

<sup>35</sup> Ementa da disciplina Mídia e cidadania: conceitos e inter-relação. Mídia e movimentos sociais: a construção da cidadania na sociedade autoritária. As rádios e TVs comunitárias: princípios, legislação, funcionamento e participação social. A educomunicação: conceito e experiências práticas. Estudo de casos.

### 3.5.1 A disciplina de telejornalismo na Faculdade Sul Americana

No curso de jornalismo da Fasam são ministradas as seguintes disciplinas relacionadas à área de TV: **Telejornalismo 1**<sup>36</sup>, com carga horária de 64h/aula, ministrada no 3º período de jornalismo e **Telejornalismo 2**<sup>37</sup>, com carga horária de 64h/aula, ministrada no 4º período de jornalismo.

As disciplinas de telejornalismo já passaram por reelaboração, a fim de seguir a evolução do campo telejornalístico e televisivo de forma a garantir uma melhor formação do aluno. Além disso, com a reformulação da grade curricular do curso, que ocorreu no segundo semestre de 2009, a disciplina Telejornalismo que anteriormente era ministrada no 4º período passou para o 3º e Telejornalismo 2, que era ministrada no 5º período, passou para o 4º. Isso atendeu as expectativas dos alunos, uma vez que a maioria solicitava mais disciplinas práticas no início do curso, o que também ajuda a inibir a evasão.

As ementas têm como perspectivas desenvolver estudo sobre o jornalismo na televisão abordando a história da tv e do telejornalismo; ensinar as peculiaridades da linguagem telejornalística, enfatizando as técnicas usadas na produção, reportagem, nos diversos tipos de entrevistas e na edição de texto e imagem do telejornal. Além disso, contribui para desenvolver no aluno habilidades na produção também de programas especiais, com formatos informativos, formativos, opinativos e de entretenimento; e também documentários.

A FASAM conta com um técnico no laboratório de TV, que é constituído por um estúdio de TV com fundo infinito, uma ilha de edição não-linear, uma sala de redação de texto, uma gabine de off. Dentre os equipamentos utilizados nas produções dos materiais audiovisuais, estão: microfones (lapelas, de mão, boom), iluminação de estúdio e externa, duas

---

<sup>36</sup> Ementa da disciplina de Telejornalismo I: A TV no Brasil e Goiás: história, evolução tecnológica e sistema de concessão. Telejornalismo: gênese, especificidade e técnica. Linguagem da TV: critérios de produção, estilos e estrutura da informação. Prática laboratorial.

<sup>37</sup> Ementa da disciplina Telejornalismo II: Produção e realização de atividades telejornalísticas: pauta, reportagem (ao vivo e montada), edição e apresentação. Transmissões externas diretas e reportagens gravadas. Prática laboratorial: TV FASAM.

câmeras que podem ser utilizadas em gravações internas e externas.

Há também o laboratório de rádio, que disponibiliza um técnico para acompanhar os alunos nas realizações das atividades, e que também é utilizado nas produções audiovisuais (telejornais, programas especiais, documentários), diante da necessidade de se trabalhar o áudio do produto televisual.

No curso de jornalismo da instituição são realizados projetos experimentais, tais como: telejornais, programas especiais de diversos formatos (opinativos, formativos, informativos e de entretenimento), documentários e curtas-metragens. Além disso, trabalhos de conclusão de curso na área de audiovisual são desenvolvidos semestralmente.

Na instituição também foi realizada durante cinco anos consecutivos a produção do Goiás em Cena, um programa veiculado no canal 36 da TV por assinatura NET, todos os dias, às 16h. A primeira veiculação ocorreu em 04 de junho de 2005. O projeto foi desenvolvido por alunos de jornalismo sob a coordenação do docente responsável pelas disciplinas de Telejornalismo I e II. O programa, fruto de uma parceria entre Fasam e a NET, tinha como objetivo: unir teoria à prática, permitindo o desenvolvimento de habilidades na área televisiva; contribuindo para o aprimoramento do aprendizado; formando profissionais capazes de planejar e produzir programas televisivos, dando ao aluno a oportunidade de produzir um portfólio e exibir o trabalho produzido. Desde 2006, o Goiás em Cena foi veiculado regularmente, também, na webTV do jornal Diário da Manhã.

Com duração de 27'30", o programa se dividia em blocos de entrevistas em estúdio, reportagens e exibição de filmes e documentários, cujos conteúdos eram voltados para a divulgação da cultura goiana em geral e do meio audiovisual. Dessa forma, eventos como Fica, Goiânia Mostra Curtas, Fest Cine faziam parte das coberturas realizadas pelos alunos, o que possibilitava aos alunos o contato com o meio televisivo e cinematográfico.

O curso de jornalismo da Fasam possui egressos atuando em emissoras de TV e webtv. Além disso, já formou, em nível de graduação, diversos profissionais que já atuavam em emissoras de TV goianas, mas que não possuíam o diploma de jornalismo.

Em se tratando de pesquisa na área de telejornalismo, há

trabalhos de conclusão de curso de graduação que abordam o tema, tanto em nível de monografia, quanto em projetos experimentais com apoio teórico.

### 3.6 PROJETO PEDAGÓGICO DA FACULDADES ALVES FARIA (ALFA)

O projeto pedagógico (ANEXO 5) do curso de jornalismo da Faculdade Alves Faria (ALFA) encontra-se em reformulação, sendo que o atual carece de informações como embasamento teórico que sustente uma determinada linha política, objetivos, ementas das disciplinas, entre outros dados importantes. A instituição deixa claro na apresentação do projeto que o curso foi criado tendo como finalidade atender à demanda de profissionais diante da abertura do mercado de trabalho na área jornalística em Goiás. É interessante ressaltar que ela foi a primeira instituição de ensino superior privada a se dedicar ao ensino do jornalismo no estado.

O curso tem duração de 4 anos ou 8 semestres, totalizando uma carga horária de 3.200 horas, sendo oferecido no período matutino e noturno. O perfil do egresso

Se caracteriza pela produção de informações relacionadas a fatos, circunstâncias e contextos do momento presente; pelo exercício da objetividade na apuração, interpretação, registro e divulgação dos fatos sociais; pelo exercício da tradução e disseminação de informações de modo a qualificar o senso comum; pelo exercício de relações com outras áreas sociais, culturais e econômicas com as quais o jornalismo faz interface. (PPC/ ALFA, 2001, p.14).

O intuito é preparar o profissional para atuar não só na região Centro-Oeste como em todo o país, tornando-o capaz de analisar e refletir sobre a realidade sócio-político-econômica e cultural; intervir nessa realidade, com transparência, responsabilidade social e ética, usando de forma adequada as técnicas jornalísticas. Além disso, os profissionais de jornalismo pela ALFA devem ter acesso ao conhecimento dos processos de captação (entrevistas, reportagens, pesquisas) e codificação de mensagens para os mais diversos meios, bem como aos conhecimentos acerca de gestão dos processos e empreendimentos de natureza jornalística e informacional.



O Trabalho de Conclusão de Curso segue o Regulamento da Área de Metodologia, Iniciação Científica e Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) das Faculdades ALFA e é indispensável para a concessão do diploma de Curso de Graduação, podendo atender a modalidade de monografia ou projeto experimental.

Para ampliar tanto o exercício da prática jornalística como, também, a reflexão crítica na área, os TCC's em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, estão inseridos na disciplina Projetos Experimentais (PE's). Esses, por sua vez, remetem-se à realização de uma "prática profissional intensiva", exigindo-se, também, a "avaliação crítica dos trabalhos" efetuados.

O Projeto Piloto de Estágio Acadêmico ALFA, celebrado com a Comissão Estadual de Gestão da Qualidade da Formação em Jornalismo, permite aos alunos do 7º e 8º períodos, a realização de estágios. Esse projeto tem como prioridade garantir que o estágio seja entendido dentro da perspectiva do ensino-aprendizado, com acompanhamento de um jornalista profissional, ficando a publicação da produção do aluno em segundo plano.

### *3.6.1 Disciplina de telejornalismo na ALFA*

Nas Faculdades Alves Faria, o ensino de telejornalismo se divide entre teoria e prática, ganhando destaque as aulas práticas. Segundo a coordenação do curso, isso ocorre porque para a instituição é essencial que os alunos vivenciem o que vai encontrar no mercado de trabalho, por isso mesmo investiu tanto em uma estrutura física que proporcione isso aos alunos: estúdio de TV com equipamentos modernos, equipamentos menores para que os alunos possam levar para rua e treinar, ilhas de edição com técnicos experientes para execução de trabalhos. Ao longo de todo o curso e especificamente durante a disciplina, os alunos têm acesso a todos os formatos de trabalho em TV, desde a produção até a edição final. Mas nada é possível

na prática se não houver teoria, por isso os dois caminham paralelamente na ALFA.

Para melhor atender as exigências do mercado e visando um melhor método pedagógico as disciplinas da área de TV (Técnica de Reportagem, Pesquisa e Entrevista Jornalística; Telejornalismo; Redação e Expressão Oral em TV, Edição em TV) foram agrupadas em Telejornalismo 1 e Telejornalismo 2, ambas com carga horária de 80 horas. Por isso, as ementas ainda estão sendo reformuladas.

O laboratório de TV das Faculdades Alves Faria conta com: estúdio de TV, com fundo infinito para cromakey, com platéia como se fosse um auditório; uma ilha de edição não-linear master; switcher master; cabine de off; ilha de edição para áudio e mesa de som; duas câmeras para externa, duas câmeras fixas no estúdio; equipamentos de iluminação, microfones (com e sem fio, boom), 2 teleprompters.

Além disso, há também o Laboratório de Redação com sistema de informática que garantem pesquisa e produção de matérias telejornalísticas e também computadores na ilha de edição para facilitar o trabalho de edição de texto por parte dos alunos. Além dos professores há um técnico que executa funções de cinegrafista e editor de imagens em cada turno (manhã, tarde e noite) para que os alunos tenham assistência em qualquer período em que preferir desenvolver suas atividades. Essa estrutura física e de recursos humanos atende todos os cursos da faculdade, tendo prioridade os cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda.

A cada semestre são produzidos telejornais internos “ALFA NOTÍCIAS”, além de produção de vídeos-documentários, gravação de matérias telejornalísticas durante todo o período. Produção e gravação de eventos variados, como clips, seminários, Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental (FICA), simulação de capítulos de telenovelas, gravação de comerciais.

Alguns dos ex-alunos da ALFA, hoje, atuam em programas telejornalísticos de veiculação regional e até com matérias em programas nacionais (SBT Brasil e Jornal do SBT), e jornais da Rede Record (regional e nacional) inclusive com participações ao vivo, além de egressos que atuam em produtoras de vídeo. Há ex-alunos também trabalhando na parte de produção e

edição de matérias jornalísticas em emissoras de TV em Goiás e até outros estados.

Existem vários trabalhos de conclusão de curso sobre telejornalismo, inclusive, alguns vencedores de prêmios como o FICA. A cada semestre aumenta essa produção, em formatos diferenciados, o que justifica o investimento nesta área e a identificação dos alunos por esse tipo de produto.

### 3.7 ANÁLISE CRÍTICA E COMPARATIVA

A Universidade Federal de Goiás (UFG) foi a primeira instituição de ensino superior a oferecer o curso de jornalismo em Goiás. Desde sua criação, existe uma preocupação com um currículo que garanta uma formação de qualidade, já tendo experimentado diversas grades curriculares, seguindo, sempre, as orientações sobre o funcionamento dos cursos de comunicação advindas de Brasília. O quadro docente também se qualificou, desde o início do curso, e as exigências, em nível de formação, para se tornar um membro da equipe, aumentaram. Hoje, ele é formado em sua maioria por doutores e mestres, que passam a integrar a equipe de professores mediante aprovação na seleção de concurso público.

Isso reflete na readequação mais atual do projeto pedagógico, realizada em 2004, que traz a proposta de uma matriz curricular que da autonomia ao discente sobre sua formação sem comprometer a qualidade do ensino, garantindo o equilíbrio entre aspectos técnicos e teóricos relevantes na formação do jornalista.

Percebe-se em todo o projeto pedagógico uma maturidade acerca das questões da comunicação, do jornalismo e do ensino do jornalismo, levando em conta os desafios encontrados na sociedade da informação, contextualizada pela globalização, pelas novas tecnologias e pela mídia como construtora dos discursos sociais. Nessa perspectiva, o projeto deixa claro que o ideal é formar jornalista para a cidadania e não somente para o mercado.

O desafio parece ser o do empreendimento político da formação de jornalistas para a cidadania, considerando as demandas sociais que a

nova sociedade em rede está colocando no centro dos debates. Só a perspectiva da cidadania plena é que tornará possível uma sociedade verdadeiramente democrática, a única capaz de colocar a técnica a serviço do homem e não o contrário, como estamos percebendo presentemente.” (PPC/FACOMB/UFG, 2004, p. 4).

A intenção de formar o profissional para a cidadania não só supera a idéia de formação para o mercado como busca solucionar a possível falta de imbricação entre teoria e prática, muito comum nos cursos de jornalismo, principalmente, quando se trata de disciplinas específicas como o telejornalismo. Além disso, a formação do jornalista para a cidadania pode ser uma forma eficaz de se evitar que o ensino do campo da comunicação – e aqui se inclui o jornalismo e o telejornalismo - priorize “a lógica do mercado, do marketing, do pragmatismo, do tecnicismo, de modo a transformar o campo em uma caixa de ferramentas para servir operatoricamente” (projeto pedagógico UFG, pág. 07), fato que poderia levar a formação do jornalista a ser efetuado somente por escolas técnicas.

A preocupação com o equilíbrio entre teoria e prática na formação do telejornalista é essencial e pode ser um dos instrumentos que garantirá a produção de informação com qualidade, comprometida com aspectos técnicos, sociais, éticos que levem o telespectador ao exercício de sua cidadania e a uma sociedade mais democrática.

Como o telejornalismo é um ofício que requer o conhecimento acerca de novas tecnologias e habilidades próprias, e que acabam tornando-o um tanto prático, é importante estar atento para a sobreposição do fazer em detrimento do pensar. O ensino do telejornalismo deve levar em conta que “A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo”. (FREIRE, 1996, p. 11).

Ao propor que a formação do jornalista seja constituída por três eixos básicos: o epistemológico, o cultural-humanístico e o técnico, o projeto pedagógico da UFG demonstra está atento à questão do ensino teórico interligado à prática e à questão da reflexão sobre a prática. Isso contribui para a formação de telejornalistas que dominem os meios técnicos de modo a colocá-los a serviço da sociedade. O conteúdo jornalístico - informação de

qualidade, comprometida com a cidadania - terá a técnica como meio que o aperfeiçoe.

Ainda de acordo com a intenção de formar o jornalista para a cidadania, o projeto pedagógico atenta para o perigo do pensamento único na sociedade da informação e prega a formação do jornalista que busque a pluralidade. Nos dias de hoje as informações chegam cada vez mais rápido em nossos lares. Somos bombardeados por uma avalanche delas a todo o momento. Os telejornais são grandes produtores dessas informações. Mas, essa quantidade nem sempre traz vozes diferentes, ou melhor, discursos e ideologias distintas, que garantam a existência da pluralidade tão necessária em uma sociedade que prima pelo exercício da cidadania e pela democracia. Daí surge a necessidade de um profissional cada vez mais crítico, reflexivo que consiga impedir o surgimento de uma nova forma de controle político – a ditadura da palavra e da imagem únicas – que teria como base a ausência da pluralidade, impedindo o espectador de buscar o exercício de sua cidadania.

(...) A ditadura da palavra única e da imagem única, bem mais devastadora que aquela do partido único, impõe por toda parte um mesmo modo de vida e confere o título de cidadão exemplar àquele que é consumidor dócil, espectador passivo, fabricado em série, em escala planetária, de acordo com um modelo proposto pela televisão comercial americana<sup>38</sup>. (PPC/FACOMB/UFG, 2004, p. 6).

Além de propor uma formação voltada para a cidadania, o projeto pedagógico da UFG se preocupa com a produção do conhecimento que dê conta das questões encontradas na sociedade em rede em que vivemos atualmente. A possibilidade de convergência das mídias em um só espaço vem causando uma verdadeira revolução digital. Textos, imagens e sons se transformam em bits e ultrapassam quaisquer fronteiras em uma velocidade acelerada que exige do profissional o domínio do conhecimento teórico e técnico constantemente revisado, readequado, refletido. Assim, o profissional que vai atuar em telejornalismo precisa estar preparado para os desafios propostos por essa nova realidade social, sem se deixar deslumbrar pela praticidade gerada pelas novas tecnologias.

---

<sup>38</sup> GALEANO, Eduardo. **Vers une société de l'incommunication?** (artigo). Paris. Le Monde Diplomatique. Janeiro/1996. p. 16.

A matriz curricular propmsta pelo atual projeto pedagógico do curso de jornalismo da UFG, que deve ser integralizada em no mínimo 2.750 horas, traz disciplinas que foram divididas entre os núcleos<sup>39</sup>, como já descrito anteriormente nesse trabalho. Mais de 50% das horas são destinadas a atividades acadêmicas do núcleo específico, que tem três ênfases, sendo que uma delas é o audiovisual, que por sua vez é constituído pelas disciplinas de telejornalismo, radiojornalismo e webjornalismo. Em se tratando da formação do telejornalista, em específico, essa divisão possibilita ao aluno uma maior autonomia em sua formação e pode ser interessante no processo de ensino-aprendizagem, porque isso acaba predispondo a uma turma mais interessada, já que supostamente o aluno tem a oportunidade de escolher a ênfase a qual mais se identifica. É como se o aluno estivesse aberto a receber o conhecimento, mas não no sentido de “ensino bancário” criticado pelo educador Paulo Freire, e sim no sentido considerado ideal pelo autor que é o do conhecimento elaborado levando em conta que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. (FREIRE, 1996, p. 12).

Ao trabalhar com a ênfase em audiovisual, que é constituída das disciplinas telejornalismo, radiojornalismo e webjornalismo, o curso de jornalismo da UFG teve uma iniciativa pioneira e singular que possibilita a formação mais profunda do profissional que irá atuar em telejornalismo. Isso porque essas três disciplinas têm pontos em comum que devem ser constantemente reforçados e discutidos com profundidade, como a produção de textos enxutos e voltados para a oralidade, o desenvolvimento de habilidades técnicas que utilizem as novas tecnologias, a discussão sobre o impacto dessas nas atividades jornalísticas e conseqüentemente na sociedade, a reflexão sobre a tendência mundial de convergência das mídias em um só espaço e todos os aspectos políticos, econômicos e ideológicos que norteiam essa nova realidade do campo da comunicação e especialmente o jornalismo de TV.

Outro aspecto positivo para o ensino do telejornalismo na instituição diz respeito às disciplinas afins ao telejornalismo, tais como:

---

<sup>39</sup> Ver pág. 75.

Produção Audiovisual, Cinema Documentário e Cinema e Jornalismo. Todas elas pertencem ao núcleo específico e são optativas, o que ratifica a busca pela autonomia do aluno em sua formação. Além disso, essas disciplinas trazem em suas ementas temas importantes que contribuem para a formação do telejornalista, que constrói, diariamente, a realidade por meio do audiovisual e por isso deve estar comprometido com a informação de qualidade e voltado para a cidadania.

A ementa de Cinema e Documentário, por exemplo, propõe a discussão sobre objetividade, realidade e funcionalidade, as diferentes modalidades de representação – expositiva, interativa, observação e reflexiva - além do conhecimento sobre a relação entre jornalismo e documentário e os cinejornais como construtores da realidade. Já a disciplina Cinema e Jornalismo possibilita ao futuro telejornalista o acesso ao conhecimento acerca das expressões da cultura moderna a partir do cinema e jornalismo industrial, sobre as verossimilhanças entre narrativas clássica e a objetividade jornalística, o jornalismo no cinema brasileiro e no cinema americano. E por último, a disciplina de Produção Audiovisual acrescenta à formação do profissional que irá atuar em telejornalismo, conhecimentos essenciais sobre fotografia, cinema e vídeo e seus respectivos processos de produção, que geram documentários, cenas ficcionais, pequenas narrativas. Esses conhecimentos são indispensáveis na área telejornalística que cada vez mais busca um profissional completo, capaz de dar conta do conteúdo e da técnica com qualidade, criatividade e inovação. Além disso, em Goiás, especificamente, o meio audiovisual cresceu muito nos últimos anos. Houve um aumento do número de produtoras de vídeo, que além de revistas eletrônicas, programas informativos e documentários, também estão investindo em curtas-metragens. Com essa nova realidade, o campo de trabalho para telejornalistas vem crescendo e exigindo uma formação mais ampla, além do que propõe, somente, a disciplina de telejornalismo. As próprias empresas de telejornalismo, com a chegada da HDTV e a migração dos telejornais para os websites requerem um profissional com esses conhecimentos mais diversificados e tão específicos à área de audiovisual, a qual o telejornalismo é também um produto em constante reformulação.

Em se tratando especificamente da disciplina de Telejornalismo, falta em sua ementa que consta no projeto pedagógico do curso, deixar mais claro e especificado o que seriam esses elementos em TV. Já que o termo pode ser definindo, de acordo com o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, como “Tudo o que entra na formação de alguma coisa” ou “Rudimentos, noções primárias”. Como na descrição da ementa não se especifica claramente o que seriam os elementos em televisão e também não elenca o desenvolvimento do estudo sobre a história da TV e do Telejornalismo, o professor pode optar por dar um rumo totalmente prático à disciplina, deixando de trabalhar conteúdo essencial na formação do futuro telejornalista que é a discussão de todo o processo histórico-político-econômico-social relacionado à implantação e ao desenvolvimento da TV, que influenciaram diretamente a qualidade do produto telejornalístico. Além disso, quando a ementa propõe o conhecimento de “Técnicas de Redação para a Televisão” se faz necessário diferenciar televisão de telejornalismo. O telejornalismo é um produto televisivo e a televisão seu veículo de comunicação. Assim, o telejornalista precisa de no mínimo aprender as técnicas de redação jornalística para a televisão, ou seja, como fazer jornalismo em TV, com todas as suas especificidades. Outro ponto importante é acrescentar na ementa a questão da formação para a cidadania. Essa linha política do projeto pedagógico merece destaque e deve ser seguida se a intenção é formar o profissional que contribua para que os cidadãos exerçam sua cidadania e a sociedade experimente de fato a democracia.

Aqui cabe ressaltar que a identificação desses problemas na ementa só existe, de fato, quando se pressupõe que o docente responsável pela disciplina não teve acesso ao projeto pedagógico do curso. E isso pode ocorrer, principalmente, quando se trata de professores substitutos<sup>40</sup>. Também pode ser um problema quando não há uma coordenação, que cobre dos docentes os planos de curso e também seu alinhamento com o projeto pedagógico.

---

<sup>40</sup> Na Facomb-UFG os professores substitutos prestam serviço na instituição por meio de contrato temporário, que pode durar até dois anos.



Outro aspecto importante na formação acadêmica do telejornalista diz respeito aos laboratórios e equipamentos adequados ao processo de ensino-aprendizagem da prática da atividade jornalística em TV. No curso de jornalismo da UFG, a aquisição de equipamentos para os laboratórios foi, inicialmente, uma grande batalha, que foi vencida, quando algumas turmas já se encontravam no mercado de trabalho e o curso precisava ser reconhecido. BRITO (1998) conta que o esforço da equipe da faculdade e o apoio do então deputado estadual Wander Arantes Paiva, que era também aluno de Jornalismo, resultaram na liberação de verbas para os laboratórios.

Dessa época em diante, a luta continua em relação à atualização e readequação dos laboratórios, já que a evolução tecnológica acaba intervindo diretamente nesses espaços. Atualmente, como já descrito anteriormente nesse trabalho, há o Laboratório de TV e Rádio, o Laboratório de TV na internet, o Laboratório de Redação-Sala de Edição para Vídeo e a TV Universitária. O ponto positivo desses ambientes de prática pedagógica é que neles o aluno tem o acompanhamento e a supervisão de professores e técnico-administrativos específicos da área. Além disso, no curso de Jornalismo da UFG, os alunos têm a possibilidade de manusear os equipamentos dos laboratórios, não ficando essa função restrita ao técnico ou professor, fato que contribui para o desenvolvimento da habilidade técnica, também importante para o futuro telejornalista.

Porém, é importante ressaltar que o número e a atualização de equipamentos dos laboratórios ainda são insuficientes para atender a demanda de alunos, que, inclusive, aumentou com a oferta de disciplinas da área televisiva. Outro ponto importante a destacar é que a prática do exercício do telejornalismo nos laboratórios acadêmicos, por primarem o processo do ensino-aprendizado, geralmente, acaba sendo uma simulação da realidade do mercado, deixando a desejar a vivência de aspectos inerentes à profissão do jornalista de TV, como: a agilidade requerida pelos meios de veiculação, a periodicidade dos produtos, o acompanhamento da constante evolução tecnológica, as influências organizacionais.

A implantação da TV Universitária da UFG, em 14 de dezembro de 2009, foi uma grande vitória e um passo decisivo para o exercício

acadêmico de a prática telejornalística ser realmente como ocorre no mercado. Mesmo que não seja uma premissa maior do curso formar para o mercado, é interessante que se busque ao máximo colocar o aluno frente a essa experiência. Isso enriquece sua formação, à medida que estimula o desenvolvimento de sua capacidade frente aos desafios que surgem no dia-a-dia da prática telejornalística, tornando-o também mais seguro em relação ao próprio exercício dessa profissão.

Em se tratando de pesquisas sobre telejornalismo, mesmo havendo na instituição trabalhos de conclusão de curso na graduação e até dissertações abordando essa área, vale destacar que essas ainda são incipientes. Isso ocorre devido à falta de uma linha de pesquisa específica, que contemple essa área de ensino e esse campo profissional no Programa de Mestrado em Comunicação, oferecido pela FACOMB.

Em Goiás, o curso de jornalismo da UFG se tornou referência para as outras instituições particulares de ensino superior que se instalaram recentemente no estado e se propuseram a oferecer também o curso. Vale reforçar aqui que a Facomb-UFG tem maior experiência com o ensino do jornalismo, e conseqüentemente com o ensino do telejornalismo, visto que seu curso teve início em 1968, tendo sido reconhecido pelo MEC em 1975 e já experimentado diversas alterações no projeto pedagógico e matriz curricular. Atualmente, se trabalha com o projeto e matriz reformulado em 2004.

A maioria das faculdades particulares de jornalismo, em Goiás, contou com a consultoria de professores da FACOMB-UFG para implantarem seus cursos. Inclusive, o quadro docente de todas essas instituições privadas é formado por egressos do curso de jornalismo da FACOMB-UFG, que desde 2008, vem contribuindo, também, para a formação de mestres, oferecendo o curso de mestrado em Comunicação.

A ALFA foi a primeira instituição de ensino superior privada em Goiás a se dedicar ao ensino do jornalismo a partir de 2001. A FASAM iniciou o curso em 2002, que foi reconhecido em 2005 e já teve reformulados seus projeto pedagógico e matriz curricular em 2004, 2007 e 2009. A FARA iniciou o curso em 2005, reformulou o projeto pedagógico e a matriz curricular em 2008 e obteve reconhecimento pelo MEC em 2010. A PUC-GO se dedica ao ensino do jornalismo desde 2006, com reconhecimento pelo MEC em 2007 e alteração

do projeto e matriz em 2009.

Diferentemente da FACOMB-UFG, a ALFA e a PUC-GO oferecem o curso não só no período matutino, mas também no noturno. Já na FARA e FASAM o curso ocorre no período noturno, sendo que essa última já o ofereceu pela manhã. Mas, pela baixa procura pelo curso nesse período, a faculdade optou por manter turmas somente à noite. A Alfa e a PUC-GO também experimentaram essa diminuição de alunos no período matutino. Atualmente, de acordo com suas respectivas coordenações, todas essas instituições privadas sentiram a queda no número de matrículas e também evasão em seus cursos de jornalismo. Elas acreditam que a causa disso está relacionada à decisão do Supremo Tribunal Federal acerca da não exigência do diploma de jornalismo para o exercício da profissão.

As IES privadas e com experiência mais incipiente no ensino de jornalismo em Goiás, inicialmente, buscaram a consultoria de professores doutores da Facomb-UFG para implementarem seus projetos pedagógicos e passarem pelo reconhecimento do MEC. Logo, percebe-se uma aproximação muito grande nas intenções de formação do profissional telejornalista dessas IES.

Todas elas trazem em seus respectivos projetos pedagógicos, a preocupação com a questão da cidadania. Mas, a intenção de formação do profissional para a cidadania, que supere a formação para o mercado está explícito mesmo no projeto pedagógico da FACOMB-UFG.

O desafio parece ser o do empreendimento político da formação de jornalistas para a cidadania, considerando as demandas sociais que a nova sociedade em rede está colocando no centro dos debates. Só a perspectiva da cidadania plena é que tornará possível uma sociedade verdadeiramente democrática, a única capaz de colocar a técnica a serviço do homem e não o contrário, como estamos percebendo presentemente. (PPC/FACOMB/UFG, 2004, p. 4)

Como os projetos da FARA e da FASAM foram construídos sob a consultoria de professores da FACOMB-UFG, há também nesse documento a intenção de uma formação voltada para a cidadania, que encontra dificuldades em se concretizar devido à relação aluno-cliente que existe nas IES privadas. Já os projetos da PUC-GO e ALFA, apesar de trazerem a questão da cidadania em seus projetos, demonstram privilegiar a formação para o mercado.

A prática jornalística começa já nos primeiros períodos do curso, com várias disciplinas utilizando laboratórios específicos, sustentada na respectiva fundamentação teórica. É assim, especialmente, com Linguagem e Comunicação, Técnicas de Comunicação e Fotografia, preparatórias para o exercício prático de Produção e Redação Jornalística I e II (disciplinas que enfocam de forma contextualizada a prática da redação jornalística), Fotojornalismo, Radiojornalismo, Telejornalismo, Edição Jornalística, Jornalismo Científico e Ambiental, Jornalismo Especializado e Webjornalismo, além das matérias que conduzem ao domínio de software e de estratégias de produção gráfica, Infografia e Videografia e Planejamento Gráfico e Editorial. (PPC/ PUC-GO, 2009, p. 13).

Já O PPC da Alfa estabelece como princípio, a necessidade de considerar o contexto socioeconômico e regional para a formação dos seus futuros egressos.

O contexto socioeconômico local e regional permite uma análise dos desdobramentos em relação às demandas atuais e futuras na formação de recursos humanos, dentre eles os profissionais da área de Comunicação Social – Jornalismo. (...). Mediante o exposto e a necessidade de profissionais para atender à demanda, faz-se mister o Curso de Comunicação Social – Jornalismo para atender à região metropolitana, bem como toda a região centro-oeste. Considerando-se as principais tendências socioeconômicas que caracterizam o recente desenvolvimento da Região Centro-Oeste, do Estado de Goiás e da Região Administrativa de Goiânia, e tendo em vista a crescente demanda por diferentes especialidades para o trabalho, a ALFA espera, mediante a oferta do Curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, contribuir efetivamente para o desenvolvimento do Estado. (PPC/ ALFA, 2001, p. 1).

Assim, a questão da formação para a cidadania e conseqüentemente do ensino voltado para a busca da pluralidade no exercício do jornalismo, independente do seu meio de veiculação, é uma proposta prioritária do curso de jornalismo da UFG, que por se tratar de uma instituição pública, consegue, de fato, atender essa premissa, ao contrário das IES privadas, que por sobreviverem do serviço educacional, acabam se rendendo às exigências do clientelismo, que busca por meio da faculdade, encontrar uma vaga no mercado de trabalho, acima de tudo.

Com relação ao nível de formação do quadro de professores dos cursos de Jornalismo oferecidos nas IES goianas, o que se percebe é que a maioria dos docentes das faculdades privadas são ex-alunos da graduação e/ou pós-graduação da UFG. Nas instituições particulares é comum observar no quadro docente um número bem maior de especialistas, que mestres e doutores, existindo, inclusive, graduados. Essa realidade passa por

reformulações pontuais e sempre que há a visita por parte da comissão do MEC há uma atenção maior em relação ao nível de formação de professores, havendo prioridade por um maior número de mestres na composição do quadro. Também não há a iniciativa, por parte das IES privadas, de oferecer cursos para aumentar o nível da formação de seus docentes, que, normalmente, por conta própria recorrem ao único curso de mestrado em Comunicação de Goiás, oferecido pela FACOMB-UFG. Desde sua implantação já se percebe o aumento do número de mestres na área, havendo uma tendência de que as instituições privadas apresentem um corpo docente composto por mais professores com a titulação de mestre. Já no curso de jornalismo da UFG, o quadro docente é formado por mestres e doutores e a tendência é que exista mais doutores que mestres, uma vez que a instituição prima por um alto nível de formação do quadro docente, inclusive, possibilitando que isso ocorra por meio de programas de qualificação dos professores.

Em relação à matriz curricular dos cursos de Jornalismo oferecidos pelas IES goianas, o número de carga horária total varia entre 2.700 a 3.200 horas, mas a integralização de todas elas pode ser feita em no mínimo 8 semestres ou quatro anos. A oferta de disciplina voltada para o estágio curricular e a divisão das disciplinas em conteúdos básico ou geral e específico constam nos projetos pedagógicos da FASAM, UFG, ARAGUAIA e PUC-GO, mas não no da Alfa. Nessa instituição as disciplinas foram divididas por áreas de conhecimentos e não existe disciplina voltada para estágio curricular. Há também, entre essas instituições, diferenças em relação à oferta de disciplinas optativas, o que permite perceber um maior ou menor grau de autonomia ao aluno em sua própria formação.

Na Alfa, por exemplo, as disciplinas optativas são: Linguagem Brasileira de Sinais (Libras), Noções de Direito, Jornalismo Especializado, Português Instrumental, Computação Gráfica. Já na matriz curricular da PUC-GO são oferecidas as disciplinas optativas Globalização Mídia e Poder, Criação e Editoração de Revistas, Criação e Produção de Websites, Documentário Jornalístico, Livro-Reportagem, Locução e Apresentação em Rádio e TV, Projeto e Empreendedorismo, Libras, Análise do Discurso Jornalístico, Semiótica.

Na Araguaia as optativas compõem o quadro das disciplinas do núcleo comum da Comunicação Social e cabe ao discente cursar no mínimo quatro dessas disciplinas, do primeiro ao quarto período, entre as diversas oferecidas pelo curso de Comunicação Social, o que soma o total de 144 horas-aula. Já na Fasam não são oferecidas disciplinas optativas, fato que impede uma maior autonomia do aluno em relação à sua formação. Enquanto que na FACOMB-UFG mais de 50% das disciplinas que constituem a grade curricular são optativas, o que dá ao aluno uma maior autonomia em sua formação, se comparado com as demais instituições.

Além de possibilitar uma maior autonomia do aluno em sua formação, dentre as disciplinas optativas oferecidas pelas faculdades de jornalismo goianas, há várias ligadas à área audiovisual, o que permite uma formação mais completa do profissional que vai atuar em jornalismo de TV.

Em se tratando especificamente das disciplinas de Telejornalismo, em todas as instituições já houve readequação das mesmas. Isso se deve ao fato de que o conhecimento na área está em constante evolução, impulsionado, principalmente, pela revolução digital, ocorrida nessa sociedade da informação, acompanhada de todos os avanços tecnológicos que estão levando à convergência das mídias em um só espaço.

Na atual matriz curricular da FARA, como já descrito anteriormente, há a divisão entre Telejornalismo I e Telejornalismo II. Suas ementas trazem elementos importantes na formação do telejornalista e demonstram a intenção da prática e teoria das áreas televisiva e telejornalística. O mesmo ocorre na Fasam, que também assim como na FARA não há oferta de mais disciplinas relacionadas ao meio audiovisual.

Na ALFA, o ensino de telejornalismo prioriza a prática, visto que a formação se dá voltada para o mercado. Atualmente, a matriz curricular oferece as disciplinas Telejornalismo I e Telejornalismo II, ambas possuindo maior carga horária que nas outras IES. Porém, a grade curricular do curso não oferece outras disciplinas ligadas ao audiovisual como forma de complementar a formação nesta área.

Na matriz curricular atual, de 2009-1, do curso de Jornalismo da PUC-GO, traz uma divisão que se demonstra positiva em relação ao ensino do telejornalismo. Isso porque introduz no segundo período do curso a discussão sobre o meio televisivo imbricado à comunicação e, em seguida, no terceiro período se dedica ao Telejornalismo. Além disso, o aluno tem a opção de complementar sua formação na área de áudio e vídeo por meio das disciplinas **Documentário Jornalístico** e **Locução e Apresentação em Rádio e TV**. Aqui vale ressaltar que na ementa da disciplina Telejornalismo constam mais elementos voltados para a prática dos processos produtivos do jornalismo de TV, o que demonstra uma ênfase na prática telejornalística, na formação voltada mais para o mercado. Porém, a disciplina **Comunicação e Televisão** introduz elementos importantes sobre o campo televisivo e audiovisual, trazendo à luz discussões indispensáveis na formação do telejornalista que pode atuar não só na área específica do telejornalismo, como em todo o setor do audiovisual.

Com relação aos laboratórios de áudio e vídeo das IES goianas que se dedicam ao ensino do jornalismo, percebe-se que todas tem um grande desafio a vencer que é manter esse espaço de prática pedagógica atualizado, seguindo as novas tendências tecnológicas. A luta é em vão se levarmos em conta que a cada seis meses, por exemplo, computadores, câmeras, ilhas de edição considerados de ponta já se transformaram em máquinas antigas. Há também os softwares que evoluem ou que surgem trazendo novas possibilidades. Enfim, não é tarefa fácil manter essa atualização, já que isso requer uma verba financeira considerável. Dessa forma, são características comuns aos cursos de jornalismo goianos, a utilização de equipamentos defazados e em menor número do que o necessário para atender não só aos alunos que cursam telejornalismo, como as outras disciplinas do curso e às vezes até mesmo os outros cursos da faculdade. Para piorar esse quadro, é comum nas faculdades particulares, o uso do laboratório de TV para o desenvolvimento das próprias campanhas publicitárias, para produções de vídeos pessoais para os proprietários, ou seja produções que requerem o tempo de uso do laboratório de TV sem que a finalidade seja o processo de ensino-aprendizado voltado para o corpo discente.

Outro aspecto negativo concernente aos laboratórios de TVs está relacionado ao número de técnicos, que atendem os alunos nesses espaços, e suas respectivas formações. Geralmente, há um técnico para atender toda a demanda da área televisiva, que desempenha as tarefas de captar, editar e, muitas vezes, até ensinar. A maioria desse pessoal tem formação técnica em captação e edição, salvo na FACOMB-UFG, cujo técnico é graduado em Rádio e TV. Outro ponto que depõe contra o processo de ensino-aprendizado nesses espaços de prática laboratorial é que nas IES privadas os alunos tem pouca liberdade em relação ao manuseio dos equipamentos, o que impede o desenvolvimento das habilidades práticas ligadas à captura e edição de imagens. Já na FACOMB-UFG, os alunos manuseiam os equipamentos. O único problema é que isso acaba contribuindo para que eles danifiquem mais rápido devido a má utilização pelos principiantes na área.



## CONCLUSÃO

Há 60 anos, quando a TV chegou ao Brasil, o fazer jornalismo ganhou o desafio de se adaptar a um veículo totalmente novo. Essa caixa eletrônica que trazia para a casa imagens e som, assim como os do cinema, encantava os telespectadores. Sua difusão foi incentivada pelos que já percebiam o seu enorme potencial de levar informações, entretenimento, ideologias.

Seguindo o modelo norte-americano, as emissoras de TV se dedicaram rapidamente aos negócios publicitários, sendo o jornalismo considerado um produto com alto potencial para comercialização. Essas possibilidades de lucro somadas ao prestígio junto à sociedade, que se vê ancorada pelas informações prestadas pelo telejornalismo, tornam esse produto valioso. E mesmo que por um lado seja oneroso para os proprietários de emissoras televisivas manterem um departamento de jornalismo de TV, por outro, além da venda de espaços publicitários em seus intervalos, existem as possibilidades de ganhos políticos, que indiretamente podem contribuir para ganhos financeiros.

Assim, inicialmente, os telejornais copiaram os jornais do rádio, trazendo um locutor narrando os fatos. Posteriormente, em parte devido aos avanços tecnológicos, o jornalismo de TV apresenta novas características, diferentes das especificidades construídas pela era letrada. A predominância da imagem em movimento aliada ao som traz uma nova forma de produção do sentido na sociedade, de percepção do mundo e da cultura.

Dessa forma, para se adaptar ao meio televisivo, o jornalismo, antes um conteúdo elitizado, acessível para os grupos letrados e de maior poder aquisitivo, teve que se adaptar a própria linguagem da televisão, incorporando aspectos do entretenimento e eventualmente do sensacionalismo como forma de buscar mais audiência e também apoio político.

Se, em alguns aspectos, isso foi um problema, por outro lado, isso pode ser considerado bom já que a televisão levou a informação para uma nova parcela do público, que antes não tinha contatos sistematizados com as notícias diárias. Outro aspecto importante é que os espaços publicitários na TV,

sempre à espera de grandes e muitos anunciantes, pressionam o produto jornalístico a produzirem informação que atenda não só aos interesses da população, como também os anseios organizacionais, que visam lucro e poder.

Nesse contexto, as primeiras escolas que se dedicaram ao ensino do jornalismo no Brasil, que foram implantadas a partir de 1947, antes mesmo da chegada da TV no país, teriam nas décadas seguintes mais uma grande missão: oferecer a formação adequada para o futuro profissional que pudesse, também, atuar no meio televisivo. Implantar os cursos de jornalismo aos moldes “quadro e giz” já não seria mais suficiente.

Com a chegada da TV em 1950 e a produção de jornais televisivos, as faculdades de jornalismo se depararam diante da necessidade de implantação de uma estrutura física adequada para instalar os laboratórios de TV, de aquisição de equipamentos e recursos humanos – professores e técnicos – específicos dessa área. Afinal, ensinar o jornalismo de TV é ir além de um código lingüístico, é possibilitar mais que os conhecimentos técnicos de enquadramento, direção de câmera, captação e edição de áudio e imagem, aprofundando o conhecimento em semiótica. É proporcionar ao futuro profissional o contato com conteúdos essenciais de diversas áreas - Comunicação, Jornalismo, Sociologia, Direito, Filosofia, Audiovisual, Novas Tecnologias, Empreendedorismo, entre outras - para se exercer esse ofício de importância social inegável com responsabilidade social e ética.

Atualmente, o ensino de jornalismo de TV se vê diante de novos desafios. A Revolução Digital, iniciada no século passado vem mais uma vez deslocar a configuração da mentalidade, da cultura e da produção de significados sociais. Essa sociedade do século XXI, já caracterizada desde o fim do século passado por sociedade da informação e do conhecimento, vive em um mundo totalmente globalizado e interligado pela rede mundial de computadores. Essa por sua vez, vem possibilitando a congregação de todas as mídias tradicionais- rádio, TV e impresso - em um só espaço. Como se configurará o jornalismo feito para TV, mas transmitido simultaneamente ou disponibilizado na internet? E o jornalismo audiovisual via Internet – o webtelejornal? O surgimento das redes sociais podem influenciar no modo de se fazer jornalismo na TV tradicional e na TVweb? Enfim, nesse novo espaço o jornalismo de TV conseguiria se livrar de amarras organizacionais, de

influências políticas e econômicas oriundas de modelos de concessões de canais e lógicas publicitárias ou mercadológicas, de modo a produzir informações, de fato, comprometidas com a cidadania?

Evidentemente, esse trabalho não se propôs a responder essas questões, que aqui foram colocadas para exemplificar que novas questões-problemas surgem em busca de respostas, discussões e reflexões. Mas, servem para demonstrar que as Instituições de Ensino Superior que ministram cursos de jornalismo devem estar atentas à melhor forma de se formar o telejornalista que vai atuar nessa sociedade do século XXI e que pode ter o jornalismo de TV como aliado na busca incessante pelo exercício da cidadania e pela democracia.

Ao buscar analisar o ensino do telejornalismo em Goiás, foi possível entender que a formação do telejornalista não se faz, somente, pela disciplina de telejornalismo. Nas instituições analisadas, essas disciplinas trazem uma carga horária que varia entre 60 e 80 horas, tempo insuficiente para se formar com propriedade o futuro telejornalista, principalmente, quando se leva em conta instituições que não oferecem, além do telejornalismo, outras disciplinas ligadas ao audiovisual em suas grades curriculares, como as faculdades Fasam, Araguaia e Alfa.

A menos que seja complementada por disciplinas correlatas, a necessidade de uma carga horária maior para a disciplina de telejornalismo ocorre frente às especificidades existentes no ensino teórico e prático dessa área. Em função das suas especificidades e principalmente da soma de linguagens (o texto áudio, o texto sonoro não lingüístico – sons, ruídos, etc – a imagem/imagem – cenas diversas – a imagem/símbolo – vinhetas e outros – e a imagem do/s locutor/es noticiaristas) o processo de produção da informação jornalística na TV requer mais tempo que nos outros meios, como o próprio impresso, web, rádio. Trata-se aqui de um produto audiovisual construído por meio, inicialmente, de captação de imagem e som, que posteriormente passarão pelos processos de edição e finalização, a fim de ter conteúdo e tempo exato que se encaixe adequadamente no telejornal. Isso demanda tempo.

Diante disso, o que ocorre, geralmente, nas instituições de ensino superior analisadas nesta pesquisa, é que os alunos muitas vezes não

conseguem finalizar suas atividades práticas no horário das aulas com o acompanhamento adequado do professor da disciplina, e recorrem ao auxílio dos técnicos de laboratórios, colegas que já trabalham na área e até a colegas mais adiantados no curso. A falta de tempo eventualmente obriga o professor a avaliar o produto final acabado sem a apreciação de todo o processo de construção da informação jornalística, fato que impossibilita uma maior reflexão sobre a prática do telejornalismo.

Além da carga horária reduzida, as ementas das disciplinas de telejornalismo de todas as faculdades também apresentam elementos que direcionam o ensino muito mais para abordagens técnicas ou práticas, ficando a teoria, geralmente, vinculada à história da TV e às análises dos telejornais veiculados por emissoras ou produzidos no ambiente acadêmico pelos próprios alunos.

Neste sentido o que surge nessas Instituições é um modelo diferente de transmissão de conhecimentos, cuja ênfase está no fazer, na absorção, e não na compreensão, de um conjunto de ações técnicas, cujo objetivo é “modelar” a conduta dos alunos a partir de modos de produção previamente delimitados. Um modelo de ensino que, na falta de descrição melhor, se aproxima da “engenharia do comportamento”. Trata-se de um modelo igualmente empobrecedor ao do ensino bancário descrito e criticado por Freire, onde o aluno receberia do professor depósitos de informações, que seriam absorvidas de forma acrítica, não resultando em produção de conhecimento.

Nesse caso, o modelo de comunicação professor-aluno é persuasivo, ou seja, marcado por uma falsa participação do aluno na construção do próprio conhecimento, e pela valorização de uma técnica que não é devidamente compreendida. Trata-se, conseqüentemente, de um modelo que não forma o telejornalista para a prática da cidadania ou para defender esses valores no dia-a-dia da profissão. Esse aspecto é agravado pela relativa ausência de outros espaços que se voltem para esta questão.

Ainda sobre a disciplina telejornalismo oferecida pelas IES goianas, é preciso estar atento para a questão de sua antecipação para os primeiros períodos do curso de jornalismo. As faculdades particulares, na tentativa de busca e manutenção de alunos, acabaram se rendendo ao “gosto”

de seus clientes, que querem o quanto antes o contato com a prática laboratorial. Nesse contexto, esse espaço de prática perde o seu caráter pedagógico de crítica e reflexão, enfatizando ainda mais a valorização da técnica. Ao oferecer a disciplina de telejornalismo no início do curso corre-se o risco ainda maior de tornar o ensino do telejornalismo prioritariamente prático, uma vez que a bagagem teórica nessa fase ainda não é suficiente para aprofundar discussões interdisciplinares que são importantes na formação do telejornalista ético e comprometido com a cidadania.

Essa relação se contrapõe, inclusive com as propostas presentes no texto de cada projeto pedagógico dos cursos de jornalismo das Instituições de Ensino Superior (IES) em Goiás, que traz a intenção de formar o telejornalista crítico, reflexivo, comprometido com a sociedade e com a questão da cidadania. Nesse sentido, convém destacar que verifica-se no projeto da FACOMB-UFG uma proposta mais madura e sólida de formação do jornalista, inclusive do telejornalista, que é a superação da formação para o mercado por meio de uma formação para a cidadania, o que se reflete na inclusão das disciplinas: Ética da Comunicação, Direito da Comunicação e Comunicação e Cidadania. Essa proposta é mantida o tempo todo refletindo positivamente nas escolhas das demais disciplinas que compõem a matriz curricular do curso. Aqui vale ressaltar que a FACOMB-UFG entende que além da formação que atenda as expectativas do mercado, o futuro telejornalista deve também ser formado para contribuir na busca do exercício da cidadania nessa sociedade que, infelizmente, ainda é marcada por gritante desigualdade social e pela ausência da democracia plena.

Apesar de grande parte das faculdades particulares, que se dedicam ao ensino de jornalismo em Goiás, se inspirarem no projeto pedagógico da FACOMB-UFG, na composição de suas matrizes curriculares percebe-se uma preocupação muito forte com o atendimento às expectativas de os alunos iniciarem a prática de forma precoce e, principalmente, com a formação para o mercado, sem levar em conta suas necessidades subjetivas e eventualmente contraditórias, uma vez que o mercado busca um telejornalista que além de dominar as técnicas do fazer jornalismo em TV, encontre soluções em momentos de crise, tenha iniciativa e seja criativo, mas que sobretudo

obedeça a critérios organizacionais e todos os seus jogos políticos e econômicos questionar o processo.

Nas Instituições privadas esse tipo de formação fica claro na presença de disciplinas especificamente voltadas para os negócios como: Planejamento da Comunicação, Planejamento de Comunicação Integrada, Pesquisa de Opinião e Mercado, oferecidas no curso de jornalismo da PUC-GO; Planejamento e Gestão da Comunicação, na FARA; Gestão de Empresas, na FASAM, Gestão de Carreira em Jornalismo, Administração, Administração de Empresas, na ALFA, instituição que chega a explicitar no projeto pedagógico do curso que tem como objetivo formar o aluno, prioritariamente, para o mercado e que não traz em sua grade curricular uma disciplina que trata especificamente o assunto cidadania.

O grande problema aqui não é oferecer disciplinas voltadas para o empreendedorismo ou para o mercado, afinal isso se faz necessário na formação do futuro telejornalista. O grande equívoco ocorre quando essas Instituições confundem formação para o mercado com formação técnica e desprezam a questão da formação para a cidadania como forma de superação para a formação do mercado.

Quanto à questão de se equilibrar teoria e prática no ensino do telejornalismo, isso dificilmente ocorre nas IES particulares. Tanto é que todas elas anteciparam a disciplina de Telejornalismo para os primeiros períodos, a fim de colocar o aluno em contato com a prática o quanto antes, na tentativa de busca e manutenção de alunos para o curso de jornalismo<sup>41</sup>.

Já na FACOMB-UFG, a forma como foi construída a matriz curricular, que da total autonomia ao aluno, da maior possibilidade de equilíbrio teórico-prático ao ensino do telejornalismo. A divisão das disciplinas em obrigatórias, oferecidas no núcleo comum, e optativas, compondo o núcleo específico, somada às três ênfases oferecidas pode contribuir para que teoria e prática caminhem juntas.

---

<sup>41</sup> Atuando por quase uma década como professora de telejornalismo nas IES goianas - Alfa, Araguaia, Fasam e UFG – observei por alguns anos a alta evasão por parte dos alunos, quando os primeiros períodos eram constituídos, somente, por matérias teóricas. Para solucionar o problema, optou-se por antecipar as disciplinas práticas, inclusive, e principalmente, o telejornalismo para o início do curso.

Em se tratando da formação prática do futuro telejornalista pelas IES goianas, o que se percebe é que o ensino de técnicas de produção de textos telejornalísticos, que dependem de quadro, giz e professor, está previsto nos projetos pedagógicos e matrizes curriculares, inclusive, levando-se em conta o estudo de determinadas disciplinas como pré-requisitos às disciplinas da área de TV, garantindo uma melhor assimilação e compreensão do conteúdo. Porém, os professores que ministram telejornalismo nas IES que oferecem jornalismo em Goiás são em sua maioria profissionais que atuam ou atuaram em emissoras televisivas, com pós-graduação *latu-sensu* em assessoria de comunicação ou educação. Estes aspectos da formação docente indicam que a sua formação teórica na área da comunicação jornalismo não está completa. Isso acaba refletindo no ensino do telejornalismo, à medida que esses docentes não têm a formação necessária para aprofundar a teoria sobre televisão, telejornalismo ou até propor a discussão interdisciplinar entre as disciplinas que pertencem ao eixo teórico e as que são relativas ao eixo prático do curso de jornalismo. Somado aos aspectos de valorização da técnica, já destacados, a questão torna-se relevante e expõe ainda mais o desequilíbrio entre teoria e prática.

Em uma relação contraditória, no entanto, verificou-se que o ensino prático de técnicas de captação e edição de imagem e áudio, que dependem da utilização dos laboratórios de TV, é prejudicado pelo número insuficiente de equipamentos e técnicos de laboratórios que possam atender a demanda de alunos, fato que acaba prejudicando o processo do ensino-aprendizado. Além disso, todas as faculdades de jornalismo goianas sofrem com a impotência diante da velocidade e onerosidade requerida pela atualização de equipamentos e técnicos nos laboratórios de TV. O resultado disso são laboratórios de TVs com equipamentos ultrapassados e técnicos com conhecimentos superficiais e defasados.

Diante disso, a aplicação dos elementos propostos nas ementas desses cursos é também dificultada porque não se concretizam em produtos, e conseqüentemente não seguem prazos de *deadlines*, pressões organizacionais, políticas e econômicas, tornando-se uma simulação bem distante da realidade do fazer jornalismo de TV. Nesses ambientes não há

como isso ocorrer de outra forma, já que se deve primar mesmo pelo pedagógico, afinal, trata-se de um ambiente acadêmico.

Como conclusão, fica claro que as deficiências do ensino no telejornalismo local incidem tanto na teoria quanto na prática, prejudicando os alunos em ambos os aspectos. Aparentemente, esses problemas não interferem no acesso dos formandos ao mercado, já que todos os cursos de graduação que ensinam jornalismo, em Goiânia, estão colocando alunos no telejornalismo local. Há inúmeros ex-alunos dessas instituições compondo o quadro das emissoras televisivas, mesmo depois da decisão do Supremo Tribunal Federal de não se exigir diploma para atuar no mercado de trabalho.

Isso, no entanto, é apenas um aspecto, uma vez que este estudo não incluiu a questão da permanência e da ascensão dos ex-alunos dentro destas empresas. Como questão para estudos futuros fica a indagação se este ex-aluno efetivamente atende as necessidades das emissoras de televisão, e, portanto, tem uma permanência média ou longa dentro destas empresas, com possibilidades de crescimento profissional, ou são apenas empregados temporários, que por não atenderem as necessidades do telejornalismo, são constantemente substituídos a cada nova leva de profissionais formados anualmente.

Nesse sentido, convém acrescentar que este trabalho igualmente não considerou a questão do impacto do fim da exigência do diploma nas empresas de comunicação que veiculam telejornais. De fato, ainda é cedo para fazer qualquer afirmação sobre o exercício da profissão de jornalismo, e em específico o telejornalismo, depois da suspensão da exigência do diploma para o exercício da profissão. Não existem dados concretos que demonstrem que a qualidade do jornalismo já está sendo afetada por isso. Mas, o número de alunos novatos nos cursos de jornalismo das IES privadas em Goiás, caiu consideravelmente, ou seja, a procura pela formação acadêmica na área diminuiu. É possível supor que isso pode afetar ainda mais, futuramente, a qualidade da informação jornalística e todo o esforço das instituições de ensino superior goianas em formar o jornalista comprometido com o exercício da cidadania.

No entanto, o estudo deixa claro que o ensino do telejornalismo nas Instituições Goianas de Ensino Superior apresenta deficiências e



contradições internas graves, deixando margens para deficiências na formação de um bom profissional desta área<sup>42</sup>.

---

<sup>42</sup> Ressalta-se aqui que essa pesquisa, seguindo sua metodologia, levou em conta somente a análise documental, não abordando os aspectos subjetivos envolvidos quando, por exemplo, o professor não segue a ementa ou desconhece o projeto pedagógico do curso. Também não se levou em conta a recepção do aluno em relação ao ensino do telejornalismo. Para complementar essa pesquisa sugere-se, posteriormente, analisar também esses aspectos.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Elis Regina e SOUZA, Elizete Cristina de. **Obras jornalísticas – Uma síntese**. 3ª ed. Brasília: Vestcon, 2007.

AZEVEDO, Maria Verônica Rezende de. **Telejornalismo educação para a cidadania**. São Paulo: Beca Produções Culturais, 2004.

BARBOSA, Bia. **Como se constrói um monopólio**. Revista Fórum. 54ª ed., São Paulo. (2007). Disponível em: [http://www.direitoacomunicacao.org.br/content.php?option=com\\_content&task=view&id=1475](http://www.direitoacomunicacao.org.br/content.php?option=com_content&task=view&id=1475). Acesso em: 14 de fevereiro 2011, 22h17.

BOUDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRASIL, Antônio Cláudio. **Antimanual do jornalismo e comunicação. Ensaios críticos sobre jornalismo, televisão e novas tecnologias**. São Paulo: Senac, 2007.

BRITO NETO, Joãomar Carvalho de. **A informação dos excluídos: a experiência dos calungas no Brasil**. Tese de doutorado em Ciências da Informação e da Comunicação apresentada à Universidade de Paris 8, no dia 20/06/06, sob a orientação do prof. Armand Mattelart. Capítulo VI.

\_\_\_\_\_. **Trejetória e desafios do ensino de comunicação em Goiás. Goiânia**. Goiânia: Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia. Comunicação e Informação. v.I, n. 1, p. 142-152, jan./jun. 1998.

BUCCI, Eugênio e KHEL, Maria Rita. **Videologias: ensaios sobre televisão**. São Paulo: Boitempo, 2004.

BUCCI, Eugênio. **Cinco funções quase ideológicas na televisão**. In: Revista Imagens, Campinas/SP: Unicamp, nº 8, maio/agosto 1998.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: EDUFRJ, 1995.

CHAGAS, Carlos. **Não ao retrocesso! Formação Superior em Jornalismo: uma exigência que interessa à sociedade.** Florianópolis: FENAJ, 2008.

COMISSÃO DE ESPECIALISTAS INSTITUÍDA PELO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Relatório.** Brasília, 2009.

CURADO, Olga. **A notícia na TV – o dia-a-dia de quem faz Telejornalismo.** São Paulo: Alegro, 2002.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti e DA VIÁ, Sarah Chucid. **Pesquisa empírica em ciências sociais (com ênfase em comunicação).** São Paulo: Futura, 2001.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo; Comentários sobre a sociedade do espetáculo.** 2ª reimp. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DIAS, Cláudia. **Grupo focal: técnica de coleta de dados em pesquisa qualitativa.** Brasília: Monog, 1999.

EKECRANTZ, Jan. **Espectáculos midiáticos e comunicações democráticas entre a hegemonia global e a ação cívica.** In MAIA, Rousiley; CASTRO, Maria Ceres Pimenta Spínola. **Mídia, esfera pública e identidades coletivas.** Belo Horizonte: UFMG, 2006.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

\_\_\_\_\_. **Educação e mudança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

\_\_\_\_\_. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra 1996. (Coleção leitura).

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo, et al. **O processo educativo segundo Paulo Freire e Pichon-Rivière**. Trad. Lúcia M. E. Orth. 2ª ed. In Seminário promovido e coordenado pelo Instituto Picho de São Paulo. Petrópolis, RJ: 1989.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Sobre educação: diálogos**. Vol. 2, Rio de Janeiro: 1984.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOBBI, Maria Cristina. **Projetos Experimentais: entre a teoria e a prática do fazer jornalismo**.  
[http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/monografia4\\_b.htm](http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/monografia4_b.htm). Acesso em 18 de novembro de 2010, 11h24.

GODINHO, Iúri Rincon. **Uma coisa leva a outra**. Disponível em:  
<https://literaturadobrasil.websiteseuro.com/livro.php?livro=90&pg=4>. Acesso em: 26 de agosto de 2009.

GOMES, Wilson e MAIA, Rosiley. **Comunicação e Democracia**. São Paulo: Paulus, 2008.

GOUVEIA, L. e GAIO, S. (Org). **Sociedade da Informação: balanço e oportunidades**. Edições Universidade Fernando Pessoa. (2004).  
[http://www2.ufp.pt/~lmbg/reserva/lbg\\_socinformacao04.pdf](http://www2.ufp.pt/~lmbg/reserva/lbg_socinformacao04.pdf)

GUARESHI, Pedrinho A. **Mídia, educação e cidadania: tudo o que você deve saber sobre mídia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança Estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

KOVACH, Bill e ROSENTIEL, Tom. **Os elementos do Jornalismo**. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

LIMA, Artur Venício de. **Comunicação e Cultura: as idéias de Paulo Freire**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

LIMA, João Gabriel de. *Jornal Nacional, 35 anos: a guerra atrás das câmeras*. Revista *Veja*, 1/9/04. <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=292ASP018>. Acesso em 05 de novembro 2010, 11h18.

LIMA, Venicio Artur de. **Comunicação e Televisão: desafios da pós-globalização**. São Paulo: Hacker, 2004.

LIPPMAN, Walter. **Public Opinion**. Nova York: Penguin Books, 1922.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: SENAC, 2005.

MAIA, Rousiley; CASTRO e SPÍNOLA, Maria Ceres Pimenta (Org.). **Mídia, esfera pública e identidades coletivas**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

MARQUES DE MELO, José. **Comunicação e modernidade**. São Paulo: Loyola, 1991.

MARQUES DE MELO, José; LINS DA SILVA, Carlos Eduardo e FADUL, Anamaria (org.). **Ideologia e poder no ensino de comunicação**. São Paulo, Cortez & Moraes, 1979.

MARSHAL, T. H. **Cidadania, classe social e status**. Zahar: Rio de Janeiro, 1967 *apud* FEDOZZI, Luciano. **Orçamento Participativo. Observatório de Políticas Urbanas e Gestão Municipal** (FASE/IPPUR) 2ª ed., 1999.

MATTOS, L. **Record estréia "clone" do "Jornal Nacional"**. Folha de São Paulo, Ilustrada. 29/01/2006. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folh<a/ilustrada/ult90u57272.shtml>. Acesso em: 12 de outubro 2007, 10h21.

MOREIRA, Sonia Virgínia (1995). **A Legislação dos Meios Eletrônicos (TV e Rádio) nos Estados Unidos e no Brasil**. In: **Comunicação e Sociedade: Televisão**. 1995.

\_\_\_\_\_. **Análise documental como método e como técnica**. IN DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV: Manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

\_\_\_\_\_. **O Repórter de Tv foi atropelado**. Discurso, mediação e construção da notícia. Disponível em [www.felipepena.com/artigos/artigos.html](http://www.felipepena.com/artigos/artigos.html). Acesso em 20 de julho de 2007, 21h20.

PINHEIRO, Chico. **Telejornalismo, ética e cidadania. Comunicação e Educação**. Revista do Curso de Processos Comunicacionais. São Paulo: Moderna, 1999.

PIZA, João Roberto. **Em defesa do jornalismo e da democracia. Formação Superior em Jornalismo: uma exigência que interessa à sociedade**. Florianópolis: FENAJ, 2008.

**PROJETO PEDAGÓGICO FACULDADES ALVES FARIA, 2001.**

**PROJETO PEDAGÓGICO FACULDADE SUL AMERICANA, 2009.**

**PROJETO PEDAGÓGICO FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, 2004.**

**PROJETO PEDAGÓGICO SOCIEDADE DE EDUCAÇÃO E CULTURA DE GOIÁS – FACULDADE ARAGUAIA, 2008.**

**PROJETO PEDAGÓGICO PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIAS, 2009.**

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil Editorial**. São Paulo: Summus, 2000.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

SIGNATES, Luiz. **A sombra e o avesso da luz: Habermas e a comunicação social**. Goiânia: Kelps, 2009.

SQUIRRA, Sebastião. **Aprender Telejornalismo - Produção e Técnica**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

TAKAHASHIT, Tadão. **Diversidade cultural e direito à comunicação**. Pensar Iberoamérica: Revista de Cultura, nº. 6. OEI. Madri. Maio-agosto de 2004.

TEMER, Ana Carolina P. **Notícias e serviços nos telejornais da Rede Globo**. Rio de Janeiro: Sotese, 2001.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 1998.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. Florianópolis: Unsular, 2004.

TUCHMAN, Gaye. **Making News: a study in the construction of reality**. New York: Free Press, 1980.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. 70ª ed., Lisboa: Edições 70, 1983.

VIEIRA, L. **Os argonautas da cidadania**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

VIZEU, Alfredo (org.). **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis-RJ, 2008.

\_\_\_\_\_. **O lado oculto do telejornalismo**. Florianópolis: Calandra, 2005.

\_\_\_\_\_. **Telejornalismo – A nova praça pública**. São Paulo: Insular, 2006.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 2002.

WOLTON, Dominique. **Pensar a comunicação**. Brasília: Universidade de Brasília, 2004.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. 2ª ed., Porto Alegre: Bookman, 2001.

## Sites:

<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=292ASP018>.  
Acesso em 05 de novembro de 2010, 11h18.

[http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/monografia4\\_b.htm](http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/monografia4_b.htm). Acesso em 18 de novembro de 2010, 11h24.

<http://www.ovg.org.br/index.php?idEditoria=3883>. Acesso em 10 de janeiro de 2011, 10h32.

[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=205&Itemid=298](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=205&Itemid=298). Acesso em 10 de janeiro de 2011, 13h27.



## ANEXOS

## ANEXO 1

MATRIZ CURRICULAR DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO FACOMB-UGF								
Nº	DISCIPLINA	UNID	PRÉ-REQUISITO	CHST	CHSP	CHT	NÚCLEO	NATUREZA
1	Teorias da Comunicação	FACOM B		4		64	NC	OBRIG
2	Teorias do Jornalismo	FACOM B		4		64	NC	OBRIG
3	Produção de Texto Jornalístico I	FACOM B		4		64	NC	OBRIG
4	Produção de Texto Jornalístico II	FACOM B	PTJ I	4		64	NC	OBRIG
5	Teoria e Método de Pesquisa em Comunicação	FACOM B		4		64	NC	OBRIG
6	Ética da Comunicação	FACOM B		4		64	NC	OBRIG
7	Seminário Temático I	FACOM B		2		32	NC	OBRIG
8	Seminário Temático II	FACOM B		2		32	NC	OBRIG
9	Projeto de Pesquisa	FACOM B	TMPC	2		32	NC	OBRIG
10	História da Imprensa	FACOM B		4		64	NC	OBRIG
11	Trabalho de Conclusão de Curso	FACOM B	Cha suficiente p/ integralização	6		96	NC	OBRIG
12	Língua Portuguesa – Redação e Expressão I	FL		4		64	NC	OBRIG
13	Língua Portuguesa – Redação Expressão II	FL	Língua Portuguesa – Red. e E xp. I	4		64	NC	OBRIG
14	Teoria da Imagem	FACOM B		4		64	NC	OBRIG
15	Direito da Comunicação	FACOM B		2		32	NC	OBRIG
16	Cultura Brasileira I	FCHF		4		64	NE	OPTATIVA
17	Cultura Brasileira II	FCHF		4		64	NE	OPTATIVA
18	Sociologia	FCHF		4		64	NE	OPTATIVA
19	História Contemporânea	FCHF		4		64	NE	OPTATIVA
20	Psicologia Social	FCHF		4		64	NE	OPTATIVA
21	Ciência Política	FCHF		4		64	NE	OPTATIVA
22	Filosofia	FCHF		4		64	NE	OPTATIVA
23	Cinema Documentário	FACOM B		4		64	NE	OPTATIVA

24	Cinema e Jornalismo	FACOM B		4		64	NE	OPTATIVA
25	História do Cinema	FACOM B		4		64	NE	OPTATIVA
26	Epistemologias da Comunicação	FACOM B	Teorias da Comunicação	4		64	NE	OPTATIVA
27	Comunicação e Cidadania	FACOM B		4		64	NE	OPTATIVA
28	Supervisão de Estágio em Jornalismo	FACOM B	Ética da Comunicação; PTJ II, pertencer, no mínimo, ao fluxo do 6º período	02		32	NE	OPTATIVA
29	Tópicos em Comunicação I	FACOM B		2		32	NE	OPTATIVA
30	Tópicos em Comunicação II	FACOM B		2		32h	NE	OPTATIVA
31	Tópicos em Comunicação III	FACOM B		2		32h	NE	OPTATIVA
32	Tópicos em Comunicação IV	FACOM B		2		32h	NE	OPTATIVA
33	Jornal Impresso I	FACOM B	Ética, Fotojornalismo, PTJ II.		4	64h	NE	OPTATIVA
34	Jornal Impresso II	FACOM B	Jornal Impresso I e Planejamento Gráfico e Editorial		4	64h	NE	OPTATIVA
35	Radiojornalismo	FACOM B	Ética Comun.; Prod. Radiofônica; PTJ II.		4	64h	NE	OPTATIVA
36	Telejornalismo	FACOM B	Ética da Comunicação; Produção Audiovisual; PTJ II.		4	64h	NE	OPTATIVA
37	Webjornalismo	FACOM B	Ética Comunicação; Planejamento Gráfico e Editorial, PTJ II		4	64h	NE	OPTATIVA
38	Produção Radiofônica	FACOM B	Co-requisito PTJ I		4	64h	NE	OPTATIVA
39	Produção Audiovisual	FACOM B	Co-requisito PTJ I		4	64h	NE	OPTATIVA
40	Planejamento Gráfico e Editorial	FACOM B	PTJ I		4	64h	NE	OPTATIVA
41	Fotojornalismo	FACOM B	PTJ I Co-requisito: Teoria da Imagem		4	64h	NE	OPTATIVA
42	Laboratório de Pesquisa	FACOM B	TMPC		3	48h	NE	OPTATIVA

43	Laboratório Orientado	FACOM B			3	48h	NE	OPTATIVA
44	Jornalismo Especializado I	FACOM B	Ética da Comum. PTJ II		4	64h	NE	OPTATIVA
45	Jornalismo Especializado II	FACOM B	Ética da Comum. PTJ II		4	64h	NE	OPTATIVA

**LEGENDA:****NÚCLEO DAS DISCIPLINAS****NC:** Núcleo Comum**NE:** Núcleo Específico**NL:** Núcleo Livre**CARGA HORÁRIA DAS DISCIPLINAS****CHST:** Carga Horária Semanal Teórica**CHSP:** Carga Horária Semanal Prática**CHT:** Carga Horária Total**DAS NATUREZAS DAS DISCIPLINAS****OBR:** Obrigatória**OPT:** Optativa**COM:** Compulsória

## ANEXO 2

## MATRIZ CURRICULAR CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO PUC-GO

Período	Disciplinas	Créditos				Pré
		Prel.	Prática	Lab.	Total	
1º	Filosofia, Estética e Comunicação	02		02	04	
	Linguagem e Comunicação	04			04	
	História do Jornalismo	04			04	
	Técnicas de Comunicação	04			04	
	Fotografia	02		02	04	
	<b>Total de créditos no período</b>	<b>16</b>		<b>04</b>	<b>20</b>	
2º	Sociologia Geral da Comunicação	04	01		04	
	Comunicação em Rádio	02		02	04	
	Comunicação em Televisão	02		02	04	
	Produção e Redação Jornalística 1	02		02	04	
	Fotojornalismo	02		02	04	Fotografia
	<b>Total de créditos no período</b>	<b>12</b>	<b>01</b>	<b>08</b>	<b>20</b>	
3º	Antropologia da Comunicação	04			04	
	Teorias da Comunicação	04			04	
	Radiojornalismo	02		02	04	Comunicação em Rádio
	Telejornalismo	02		02	04	Comunicação em TV
	Produção e Redação Jornalística II	02		02	04	Produção e Redação Jornalística 1
	<b>Total de créditos no período</b>	<b>14</b>		<b>06</b>	<b>20</b>	
4º	Psicologia da Comunicação	04			04	
	Ética e Jornalismo	04			04	
	Teorias do Jornalismo	04			04	
	Planejamento Gráfico e Visual	02		02	04	
	Infografia e Videografia	02		02	04	
	<b>Total de créditos no período</b>	<b>16</b>		<b>04</b>	<b>20</b>	
5º	Teoria Política	04			04	
	Assessoria de Comunicação	04			04	
	Comunicação na Web	02		02	04	
	Edição Jornalística	02		02	04	Produção e Redação Jornalística II
	Planejamento Gráfico e Editorial	02		02	04	
	<b>Total de créditos no período</b>	<b>14</b>		<b>06</b>	<b>20</b>	
6º	Pesquisa em Comunicação	04			04	
	Planejamento de Comunicação Integrada	04			04	
	Webjornalismo	02		02	04	Comunicação na Web
	Estágio Supervisionado	02		02	04	
	Optativa I	04			04	
	<b>Total de créditos no período</b>	<b>16</b>		<b>04</b>	<b>20</b>	
7º	Pesquisa de Opinião e de Mercado	04			04	Pesquisa em Comunicação

	Estudos Contemporâneos de Jornalismo	04			04	
	Jornalismo Científico e Ambiental	04			04	
	Trabalho de Conclusão de Curso I	02	02		04	
	Optativa II	04			04	
	<b>Total de créditos no período</b>	<b>18</b>	<b>02</b>		<b>20</b>	
8º	Teologia e Ciências Sociais Aplicadas	04			04	
	Legislação da Comunicação e do Jornalismo	04			04	
	Comunicação e Cidadania	04			04	
	Jornalismo Especializado	04			04	
	Trabalho de Conclusão de Curso II	02		02	04	Trabalho de Conclusão de Curso 1
	<b>Total de créditos no período</b>	<b>18</b>		<b>02</b>	<b>20</b>	

Optativas	<p>COS1470 - Globalização Mídia e Poder-4cr.          COS1720 - Criação e Editoração de Revistas – 4cr.          COS1260 - Criação e Produção de Websites – 4cr.          COS1400 - Documentário Jornalístico-4cr.          COS1710 – Livro-Reportagem – 4cr.          COS1730 - Locução e Apresentação em Rádio e TV – 4cr.          COS1520 – Projeto e Empreendedorismo          LET1003 – Libras – 4 cr          LET1150 - Análise do Discurso Jornalístico-4cr.          LET1160 - Semiótica – 4cr.</p>
-----------	--

Integralização Curricular:	<p>Nº. de Créditos: 160 Nº de Horas: 2400          Estagio Supervisionado: 300          Atividades Complementares: 200          Prova de Língua Estrangeira (Inglês, Francês ou Espanhol)          Nº de Horas Total do Curso: 2900</p>
----------------------------	---

## ANEXO 3

## Matriz curricular Curso Comunicação Social – Jornalismo

## Faculdade Araguaia (FARA)

Disciplina		Número de	Articulação	Articulação	Horas-Aula	Pré-requisito
Código	Primeiro Período	Créditos	teórica	Prática	Semestrais	
JO01	Língua Portuguesa I	4	3	1	72	
JO02	Sociologia	4	3	1	72	
JO03	Filosofia	2	2	0	36	
JO04	Normatização de Trabalho Acadêmico	2	1	1	36	
JO05	História da Imprensa	4	3	1	72	
JO06	Seminários Temáticos Integradores I	2	1	1	36	
JO07	Optativa I	2	1	1	36	
	<b>SUB TOTAL</b>	<b>20</b>	<b>14</b>	<b>6</b>	<b>360</b>	
Código	Segundo Período					
JO08	Língua Portuguesa II	4	3	1	72	JO01
JO09	Ética do Jornalismo	4	3	1	72	
JO10	Cultura Brasileira	2	1	1	36	
JO11	Redação Jornalística (Estrutura da Notícia)	4	2	2	72	
JO12	Teoria da Imagem	2	1	1	36	
JO13	Seminários Temáticos Integradores II	2	1	1	36	
JO14	Optativa II	2	1	1	36	
	<b>SUB TOTAL</b>	<b>20</b>	<b>12</b>	<b>8</b>	<b>360</b>	
Código	Terceiro Período					
JO15	Produção de Jornal I (Impresso)	4	1	3	72	JO11
JO16	Teorias do Jornalismo	4	3	1	72	
JO17	Diagramação I	2	1	1	36	
JO18	Fotografia	2	1	1	36	
JO19	História Contemporânea	2	2	0	36	
JO20	Psicologia Social	2	1	1	36	
JO21	Seminários Temáticos Integradores III	2	1	1	36	
JO22	Optativa III	2	1	1	36	
	<b>SUB TOTAL</b>	<b>20</b>	<b>11</b>	<b>9</b>	<b>360</b>	
Código	Quarto Período					
JO23	Produção de Jornal II (Impresso)	4	1	3	72	JO15
JO24	Diagramação II	4	1	3	72	
JO25	Fotojornalismo	2	1	1	36	JO18
JO26	Radiojornalismo I	2	1	1	36	JO11
JO27	Telejornalismo I	4	2	2	72	JO11
JO28	Seminários Temáticos Integradores IV	2	1	1	36	
JO29	Optativa IV	2	1	1	36	
	<b>SUB TOTAL</b>	<b>20</b>	<b>8</b>	<b>12</b>	<b>360</b>	
Código	Quinto Período					

JO30	Radiojornalismo II	4	1	3	72	JO26
JO31	Telejornalismo II	4	1	3	72	JO27
JO32	Webjornalismo I	4	2	2	72	JO11
JO33	Jornalismo Especializado	4	3	1	72	
JO34	Política	2	1	1	36	
JO35	Economia	2	1	1	3	
	<b>SUB TOTAL</b>	<b>20</b>	<b>9</b>	<b>11</b>	<b>327</b>	
Código	Sexto Período					
JO36	Webjornalismo II	4	1	3	72	JO32
JO37	Agência de Notícia	4	1	3	72	
JO38	Jornalismo Especializado II - Assessoria de Imprensa	4	2	2	72	
JO39	Teorias e Métodos de Pesquisa em Comunicação	4	3	1	72	
JO40	Teorias da Comunicação	4	3	1	72	JO36
	<b>SUB TOTAL</b>	<b>20</b>	<b>10</b>	<b>10</b>	<b>360</b>	
Código	Sétimo Período					
JO41	Planejamento e Gestão da Comunicação Integrada	4	2	2	72	
JO42	Projeto de Pesquisa	4	3	1	72	JO39
JO43	Legislação do Jornalismo	4	3	1	72	
JO44	Leitura Crítica dos Produtos Culturais	4	2	2	72	
JO45	Estágio Supervisionado	4	1	3	72	
	<b>SUB TOTAL</b>	<b>20</b>	<b>11</b>	<b>9</b>	<b>360</b>	
Código	Oitavo Período					
JO46	Trabalho de Conclusão de Curso	8	4	4	144	JO43
	<b>SUB TOTAL</b>	<b>8</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>144</b>	
	<b>TOTAL DE CRÉDITOS</b>					
	<b>TOTAL DE HORAS CURRICULARES</b>	<b>148</b>	<b>79</b>	<b>69</b>	<b>2.664</b>	
	<b>TOTAL DE ATIVIDADES COMPLEMENTARES</b>	<b>8</b>			<b>144</b>	
	<b>TOTAL DE HORAS DO CURSO</b>	<b>156</b>			<b>2808</b>	

## ANEXO 4

**MATRIZ CURRICULAR CURSO COMUNICAÇÃO SOCIAL-JORNALISMO  
FACULDADE SUL AMERICANA (FASAM)**

**PERIODO: 1º.**

<b>Disciplina</b>	<b>Carga Horária</b>
Ética	30 h/a
Língua Portuguesa	60 h/a
Introdução ao Jornalismo	40 h/a
História da Imprensa	60 h/a
Inglês instrumental	60 h/a
História Contemporânea	60 h/a
Normatização do Trabalho Acadêmico	40h/a
<b>Total</b>	<b>350 h/a</b>

**PERIODO: 2º.**

<b>Disciplina</b>	<b>Carga Horária</b>
Economia	30h/a
Leitura e Produção de Textos	60h/a
Política Brasileira	60h/a
Teoria da Imagem	60 h/a
Introdução à Fotografia	60 h/a
Laboratório de Texto Jornalístico	60h/a
<b>Total</b>	<b>330 h/a</b>

**PERIODO: 3º.**

<b>Disciplina</b>	<b>Carga Horária</b>
Psicologia	30 h/a
Teorias do Jornalismo	60 h/a
Fotojornalismo	60 h/a
Redação Jornalística	60 h/a
Radiojornalismo I	60 h/a
Telejornalismo I	60 h/a
<b>Total3</b>	<b>330 h/a</b>

**PERIODO: 4º.**

<b>Disciplina</b>	<b>Carga Horária</b>
Antropologia	30 h/a
Teorias da Comunicação	60 h/a
Jornalismo Opinativo	60 h/a
Produção Gráfica em Jornalismo	60 h/a
Radiojornalismo II	60 h/a
Telejornalismo II	60 h/a
<b>Total</b>	<b>330 h/a</b>

**PERIODO: 5º.**

<b>Disciplina</b>	<b>Carga Horária</b>
-------------------	----------------------



Sociologia	30 h/a
Webjornalismo I	60 h/a
Jornal Impresso	60 h/a
Planejamento Gráfico e Editorial	60 h/a
Assessoria de Comunicação em Jornalismo	60 h/a
Estágio Supervisionado	40 h/a
<b>Total</b>	<b>310 h/a</b>

**PERIODO: 6°.**

Disciplina	Carga Horária
Filosofia	30 h/a
Webjornalismo 2	60 h/a
Jornal Laboratório	60 h/a
Planejamento em Comunicação	60 h/a
Metodologia do Trabalho Científico	60 h/a
<b>Total</b>	<b>270 h/a</b>

**PERIODO: 7°.**

Disciplina	Carga Horária
TCCI –Trabalho de Conclusão de Curso I	60 h/a
Direito da Comunicação	60 h/a
Mídia e Cidadania	60 h/a
Produção e Redação para Revista	60 h/a
Jornalismo Investigativo	60 h/a
<b>Total</b>	<b>300 h/a</b>

**PERIODO: 8°.**

Disciplina	Carga Horária
TCC II -Trabalho de Conclusão de Curso II	60 h/a
Jornalismo e Opinião Pública	60 h/a
Jornalismo Especializado	60 h/a
Gestão de Empresa de Comunicação	60 h/a
<b>Total</b>	<b>240 h/a</b>
Atividades Complementares	240 h/a
<b>Total</b>	<b>480 h/a</b>
<b>Total Geral Carga Horária</b>	<b>2.700 h/a</b>

## ANEXO 5

## MATRIZ CURRICULAR CURSO COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO

## FACULDADE ALVES FARIA (ALFA)

Disciplina	Carga Horária
<b>Disciplinas da Área de Conhecimento de Jornalismo</b>	
Comunicação Comunitária	80
Fotojornalismo	80
Jornalismo Impresso I	80
Jornalismo Impresso II	80
Jornalismo Impresso III	80
Planejamento Gráfico	80
Radiojornalismo I	80
Radiojornalismo II	80
Redação Jornalística I	80
Redação Jornalística II	80
Revista	80
Telejornalismo I	80
Telejornalismo II	80
Teoria do Jornalismo	80
Webjornalismo	80
Gestão de Carreira em Jornalismo	80
<b>Disciplinas da Área de Conhecimento de Ciências Sociais</b>	
Antropologia	80

Ciências Sociais	80
Legislação e Ética em Jornalismo	80
Política	80
<b>Disciplinas da Área de Conhecimento de Metodologia Científica</b>	
Metodologia Científica	80
Projetos Experimentais em Jornalismo	320
Teoria e Métodos de Pesquisa em Jornalismo	80
<b>Disciplinas da Área de Conhecimento de Ciências Econômicas</b>	
Economia	80
Realidade Socioeconômica e Política Brasileira	80
<b>Disciplinas da Área de Conhecimento de Administração</b>	
Administração	80
Administração de Empresas Jornalísticas	80
<b>Disciplinas da Área de Conhecimento de Comunicação</b>	
Assessoria de Comunicação	80
Teoria da Comunicação	80
<b>Disciplinas da Área de Conhecimento de Psicologia</b>	
Psicologia Social I	80
<b>Disciplinas da Área de Conhecimento de Línguas</b>	
Técnicas de Leitura e Produção de Texto	80
<b>Disciplinas da Área de Conhecimento de Métodos Quantitativos</b>	
Matemática	80
<b>Disciplinas Optativas</b>	160
<b>Estágio Curricular Supervisionado</b>	0

<b>Atividades Complementares</b>	240
<b>Carga Horária Total do Curso</b>	<b>3.200</b>
<b>Disciplinas Optativas</b>	
Jornalismo Literário	
Noções de Direito	
Computação Gráfica	
Português Instrumental	
Linguagem Brasileira de Sinais - LIBRAS	